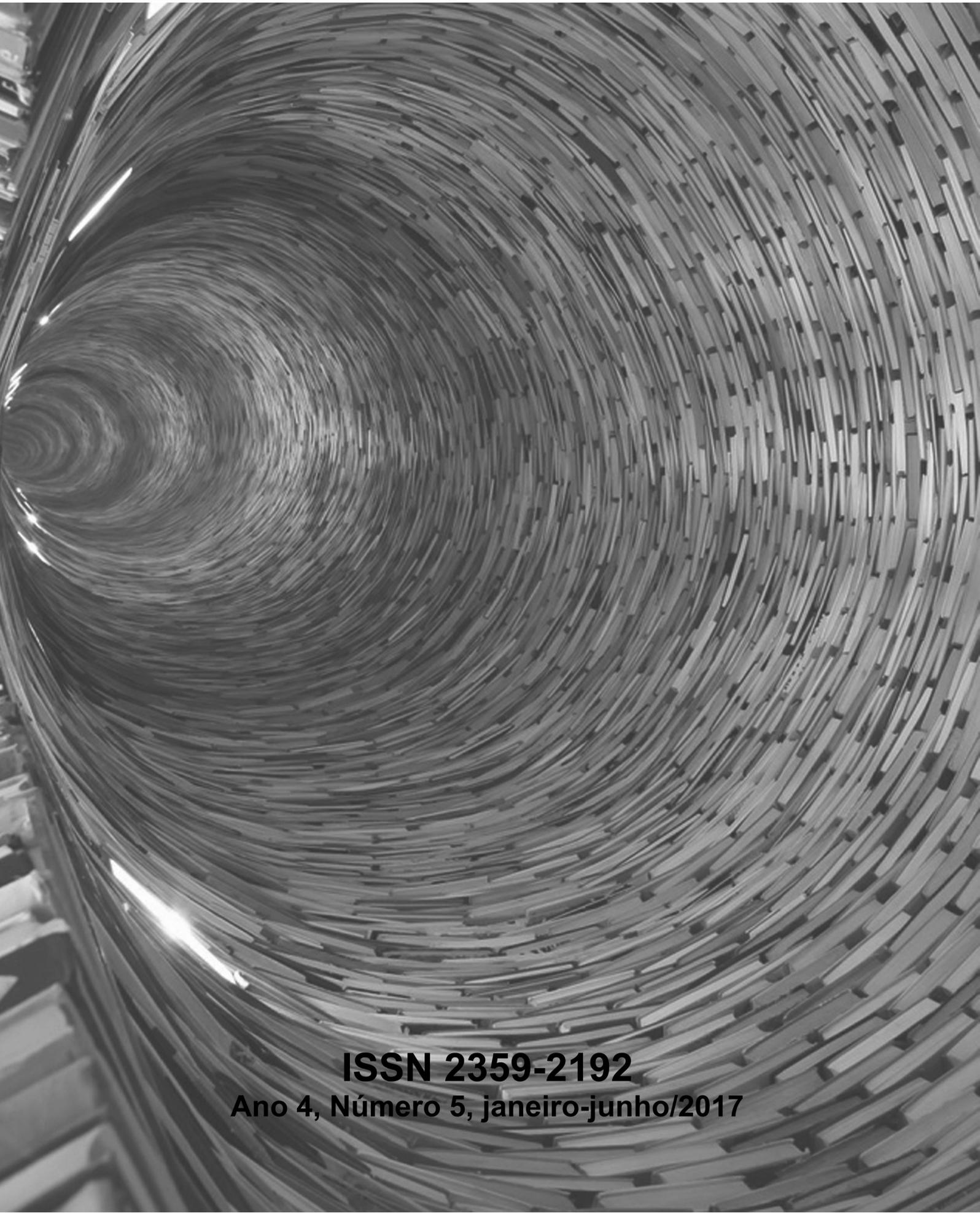


REVISTA
DISSOL

Discurso, Sociedade e Linguagem



ISSN 2359-2192

Ano 4, Número 5, janeiro-junho/2017

Editorial

Caros leitores,

Este é o quinto número da Revista DisSoL – Discurso, Sociedade e Linguagem publicada pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás). Neste quinto número, contamos com a colaboração de integrantes de nove Instituições de Ensino distintas: Universidade do Vale do Sapucaí, Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal da Paraíba, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Grande do Sul, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal do Sul da Bahia, Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo.

Esse número consolida um movimento que vem se delineando desde o terceiro número da revista: a cada número, um pesquisador da área é convidado para escrever um artigo sobre suas primeiras experiências de pesquisa na seção **Convidados**. Tendo em vista que a Revista DisSoL – Discurso, Sociedade e Linguagem se dedica à publicação de discentes, acreditamos que esse relato de pesquisadores mais experientes possam ser de grande valor para os nossos leitores.

Nesse quinto número, a pesquisadora convidada foi a Dra. Fernanda Lunkes: com o artigo intitulado Nas trilhas do discurso: pesquisa e(m) movimento(s), no qual percorre noções e conceitos tais como processos de designação, processos de silenciamento e corpo discursivo, mobilizados durante suas pesquisas de Mestrado e Doutorado.

Na seção **Artigos** temos os textos: a) *História da América Portuguesa (1730): estudo de textos exordiais*, da autora Clara Carolina Souza Santos; b) *O estranho pós-moderno e a luta de classes no filme “Que horas ela volta?”*, Helena Castello Romero; *Breve abordagem do dialeto caipira na linha da Sociolinguística*, Maria Nicolau; c) *Les mouvements sociaux dans les frontières signifiantes du corps et du discours*, Emanuel Angelo Nascimento; *Uma análise da percepção dos participantes sobre discussões de gênero em uma sala de aula de língua inglesa*, das autoras Fernanda Caiado Ferreira, Carla Janaína Figueredo; *Linguística de publicidade: um olhar enunciativo sobre uma campanha publicitária do Citbank*, Ellen Cristina Gerner Siqueira; *Os sentidos entre o verbal e o não verbal*, Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento, Pedro Farias Francelino; *Os estudos do letramentos acadêmicos no Brasil: Influências, origens e perspectivas*, Giovane Fernandes Oliveira; *Efeito do não-verbal: imagens e afirmação dos sentidos*, Maria Isabel Braga Souza; *Telejornalismo e Youtube: espaços de sentidos no jogo entre oralidade e escrita*, Maraline Aparecida Soares, Divino Alex de Deus, Silvia Regina Nunes; *Sentidos de amor em circulação no Tinder*, Atilio Catosso Salles; e *A construção imaginária da figura feminina e suas influências vitorianas*, Raíssa Rodrigues de Carvalho.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Sumário

Artigos

O ESTRANHO PÓS-MODERNO E A LUTA DE CLASSES NO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”, de Helena Castello Romero	3
BREVE ABORDAGEM DO DIALETO CAIPIRA NA LINHA DA SOCIOLINGUÍSTICA, de Maria Nicolau.....	14
LES MOUVEMENTS SOCIAUX DANS LES FRONTIERES SIGNIFIANTS DU CORPS ET DU DISCOURS, de Emanuel Angelo Nascimento.....	26
UMA ANÁLISE DA PERCEÇÃO DOS PARTICIPANTES SOBRE DISCUSSÕES DE GÊNERO EM UMA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA, de Fernanda Caiado Ferreira e Carla Janaína Figueredo	42
LINGUÍSTICA E PUBLICIDADE: UM OLHAR ENUNCIATIVO SOBRE UMA CAMPANHA PUBLICITÁRIA DO CITIBANK, de Elle Cristina Gerner Siqueira....	63
OS SENTIDOS ENTRE O VERBAL E O NÃO VERBAL, de Iderlândio Assis de Andrade e Pedro Farias Francelino.....	77
OS ESTUDOS DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO BRASIL: INFLUÊNCIAS, ORIGENS E PERSPECTIVAS, de Giovane Fernandes Oliveira.....	89
DISCURSO EMPRESARIAL E EFEITOS DO NÃO-VERBAL: AS FOTOGRAFIAS CORPORATIVAS E AFIRMAÇÃO DOS SENTIDOS, de Maria Isabel Braga Souza	102
TELEJORNALISMO E YOUTUBE: ESPAÇOS DE SENTIDOS NO JOGO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA, de Divino Alex Rocha de Deus, Maraline Aparecida Soares e Sílvia Regina Nunes	117
SENTIDOS DE AMOR EM CIRCULAÇÃO NO <i>TINDER</i> , de Atilio Catosso Salles	131
A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DA FIGURA FEMININA E SUAS INFLUÊNCIAS VICTORIANAS, de Raíssa Rodrigues de Carvalho	150

Convidados

NAS TRILHAS DO DISCURSO: PESQUISAS E(M) MOVIMENTO(S), de Fernanda Lunkes	163
--	-----

O ESTRANHO PÓS-MODERNO E A LUTA DE CLASSES NO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”

Helena Castello Romero*

Resumo:

Sigmund Freud tratou do ideal de pureza na modernidade que, segundo Zygmunt Bauman, continua a ser perseguido na pós-modernidade, dessa vez às custas da segurança individual. O “estranho” é o resto dessa busca e destoa da ordem desejada pela classe dominante, insistindo em se escrever nas formações discursivas, mesmo que seja em um lugar marginal; ele é sempre convidado a dar mais de si em troca daquilo que está à disposição da elite. Freud dizia que há sempre um preço a ser pago na busca pelos ideais de bem-estar, mas o poder de barganha de alguns é maior que o de outros. Esse artigo propõe uma articulação da teoria de Bauman sobre a pós-modernidade, principalmente o conceito de “estranho”, com os referenciais da Análise do Discurso Pêcheutiana. Essa articulação serviu de base para uma análise discursiva de alguns trechos do filme “Que horas ela volta” (2015), da diretora Anna Muylaert, escolhido por evidenciar o lugar do estranho na sociedade capitalista.

Palavras-chave: estranho; luta de classes; Que horas ela volta; Análise do Discurso.

Abstract:

Sigmund Freud dealt with the ideal of purity in modernity which, according to Zygmunt Bauman, continues to be pursued in postmodernity, this time at the expense of individual security. The "stranger" is the rest of this search and dissociates of the order desired by the ruling class, insisting on writing in discursive formations, even if it is in a marginal place; He is always invited to give more of himself in exchange for what is available to the elite. Freud said that there is always a price to be paid in pursuit of the ideals of well-being, but the bargaining power of some is greater than that of others. This article proposes an articulation of Bauman's theory on postmodernity, especially the concept of "strange", with the referents of the Analysis of the Pêcheutian Discourse. This articulation served as the basis for a discursive analysis of some passages from the film "Que horas ela volta" (2015) by director Anna Muylaert, chosen to highlight the place of the stranger in capitalist society.

Keywords: stranger; class struggle; Que horas ela volta; Discourse Analysis.

* Mestranda em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), membro do grupo de pesquisa, cadastrado no diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, AD-Interfaces, coordenado pela Prof. Dra. Leda Verdiani Tfouni. Contato: helecastel@hotmail.com.

Introdução

Em “O mal-estar na civilização”, de 1930, Freud afirmou que na modernidade, a sociedade passou a se guiar em função de três grandes objetivos: beleza, pureza e ordem. Para atingir tais ideais, homens e mulheres passaram por diversos processos de coerção, sendo alguns deles mais evidentes enquanto outros se camuflaram no bojo de um período de grandes avanços científicos, guerras globais e mudanças sensíveis no modo de pensar a vida humana.

Tal coerção pode ser pensada como um sacrifício, uma vez que, para Freud (1980 [1930]), deve-se abrir mão de algo para atingir um objetivo. Na tentativa de eliminar alguns incômodos, a civilização moderna optou por novos sofrimentos: seu escopo foi a renúncia aos instintos. A civilização moderna “recolheu as garras” e limitou a liberdade de seus membros, suprimindo o prazer individual em virtude da ordem e da coletividade e, conseqüentemente, de uma concepção rígida de bem-estar (BAUMAN, 1998).

Para Bauman (1998), longe de compartilhar tal rigidez, a pós-modernidade tem como característica uma extrema desregulamentação, dando lugar para a liberdade individual. Os mesmos ideais do período anterior são agora “perseguidos – e realizados – através da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais” (BAUMAN, 1998, p. 9). Antes sinônimo de ameaça à conjuntura social, o prazer agora ocupa seu lugar como pilar da organização humana, o qual, para continuar sólido, depende da liberdade com que os homens recriam o mundo ao seu redor. Com isso, a estrutura do sofrimento humano apenas teve seus fatores invertidos.

Os mal-estares na modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (BAUMAN, 1998, p.10).

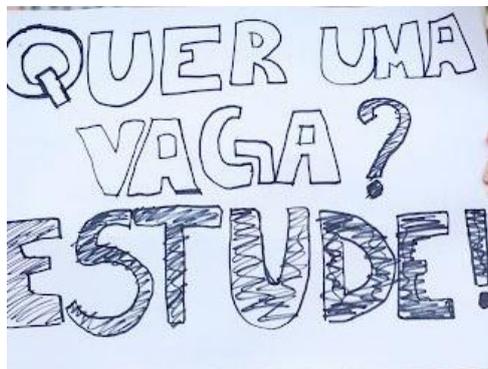
A pós-modernidade denuncia uma contradição, uma vez que expressões tão facilmente interpretadas como algo positivo, como “liberdade individual”, “espontaneidade”, “prazer” e “busca da felicidade” podem dar origem a bons *slogans*, mas não garantem bem-estar. Bauman (1998) deixou claro que não existe nada de absurdo em constatar que a liberdade, Santo Graal da pós-modernidade, não faz

nenhum milagre, sendo certo que Pêcheux (2009 [1975]) vai além, ao colocar em xeque essa mesma liberdade.

Pêcheux (2009 [1975]), define a *forma-sujeito do discurso* como o produto da identificação do sujeito com a formação social na qual está inserido, sendo que, nesse processo, ele é interpelado pelo interdiscurso que dá contorno a uma identidade; essa identidade, apesar de imaginária, opera priorizando sentidos dominantes e negligenciando sentidos subjacentes.

O modo de produção capitalista é uma formação social cujas formações discursivas interpelam os sujeitos a partir do ideal de liberdade. O sujeito é levado a pensar que é livre para construir um percurso em direção a qualquer objetivo de vida, e que o sucesso desse percurso depende apenas de sua força de vontade. Assim, as diferenças sociais e a luta de classes são apagadas; a classe dominante julga a classe dominada por sua inércia, sua inabilidade para galgar degraus em busca de uma vida melhor; já a classe dominada, deixa de reconhecer a peculiaridade do lugar social que é ofertado a ela e a desigualdade que interdita o acesso a certas oportunidades.

O mendigo, o miserável e o marginalizado se tornam estranhos quando se colocam no caminho daqueles que combinam com a ordem vigente. Enquanto não têm voz, expressão ou não cruzam o caminho do “bom consumidor”, gerando náusea e pensamentos indesejáveis, o pobre não é estranho, porque nem existe ou porque está isolado em seu devido lugar. Para Pêcheux (2009 [1975]), a relação de classes se camufla no funcionamento dos aparelhos do Estado. Um exemplo disso é a reação que a Lei das Cotas para o Ensino Superior causa no Brasil.



A imagem acima é um recorte de uma foto tirada na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em agosto de 2012, durante uma marcha intitulada “Exército Anti-cotas” (BEIER, 2016). Trata-se de um cartaz que estava sendo levado por uma

manifestante em meio a gritos que clamavam por igualdade. A frase no cartaz advém de uma premissa abundante no senso comum: querer é poder! Eis um sentido extremamente naturalizado pela ideologia individualista burguesa, pilar do modo de produção capitalista. Mas quais os sentidos eclipsados por esse discurso?

A partir da *forma-sujeito do discurso*, o jovem de classe média considera preguiçoso e oportunista o estudante de escola pública que aproveita o sistema de cotas para garantir uma vaga na universidade pública. Para ele, ambos já possuíam chances iguais e basta o estudante de escola pública ter força de vontade para conseguir o que quer.

O conceito de estranho de Bauman (1998) é uma das maneiras pela qual o autor denuncia as falhas da organização da sociedade ocidental atual, pois tal conceito faz furo no ideal pós-moderno de liberdade ao evidenciar a desigualdade. A partir da Análise de Discurso Francesa (AD) representada por Pêcheux (2009 [1975]) é possível se aproximar das causas dessas falhas, ou seja, do funcionamento ideológico por trás de discursos que montam, aos poucos, a figura do estranho.

O estranho é o resto, aquilo que sobra da busca pelo ideal de pureza, empreendida pela classe dominante. Aqueles que têm o poder de dominar perseguem tal ideal, interessados em eliminar, do cenário total, todas as partes que poderiam causar algum incômodo; “será preciso livrar-se delas uma vez por todas – queimá-las, envenená-las, despedaçá-las, passá-las a fio de espada” (BAUMAN, 1998, p.14). Desse modo é possível perceber que a liberdade dada pela pós-modernidade para o indivíduo não garante que a busca pelo prazer ocorre de forma igualitária. A partir da AD, vê-se que a desigualdade entre as classes sociais faz o dominado pagar um preço muito mais alto do que aquele que domina, para garantir o mesmo quinhão de prazer e felicidade, ou, na maior parte das vezes, muito menos que isso.

Pêcheux (2009 [1975]) baseou-se na obra do filósofo Althusser para falar dos processos de imposição/dissimulação a partir dos quais as formações ideológicas dadas, em operação indissociável, constituem e situam o sujeito, ao mesmo tempo em que apagam esse funcionamento. Trata-se aqui das condições ideológicas de reprodução e também de possível transformação das relações de produção. É através do que Bauman (1998) chamou de “estratégias de assimilação” que a ideologia abafa as diferenças e exclui aqueles que não se encaixam nas regras da classe dominante. Essas estratégias são absorvidas pelas mídias como um todo e mais recentemente pelas novas mídias, como as redes sociais. Na pós-modernidade o sujeito é levado a crer que nada mais o prende à sua “identidade herdada”, sendo então obrigado a se

lançar como projeto, rumo a qualquer ideal, a uma felicidade “possível” e alcançável via esforço individual.

É a partir da interpelação ideológica que um estudante branco de classe média, que sempre teve acesso a ensino de qualidade em escolas particulares, conhece apenas uma narrativa sobre si mesmo. Nela, as facilidades advindas de uma posição social privilegiada são naturalizadas e apagadas por agentes sociais que não reconhecem tal privilégio, e o estudante acaba se vendo como o valente herói da épica jornada rumo ao ensino superior. Se ele entende que não está sendo ajudado, é natural que exija uma postura heroica de seus oponentes. O que o estudante não percebe é que alguns de seus concorrentes, como moradores de periferias, alunos de escolas públicas com ensinos de má qualidade, negros e pobres, precisam dar bem mais do que ele em troca de uma vaga na universidade – muitas vezes precisam de um milagre.

O sujeito do discurso está intimamente ligado e depende do sujeito da ideologia. Ao se identificar com essas estruturas políticas e ideológicas o sujeito se torna alvo de uma ilusão na qual se percebe como origem de seu discurso, desconhecendo assim o processo ideológico. O sujeito reproduz então uma realidade pré-existente, pois não há sujeito sem haver referência imediata ao Outro.

Na Análise do Discurso Pêcheutiana, a ideologia é a relação imaginária que se estabelece entre o sujeito e as condições do sistema, e é determinada pela economia, ao mesmo tempo em que fornece a base para a continuidade das relações de produção e de classe, ao interpelar esses sujeitos (LEITE, 1994).

[...] essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2009, p.163).

É nessa relação imaginária que o discurso anti-cotas se baseia. Ou seja, em uma produção de sentidos que visa tornar evidente e incontestável a ideia de que todos são iguais e, por isso, igualmente capazes de conseguir o que querem. Dessa forma, é necessário valorizar discursos que vão além de uma relação imaginária com a ideologia e colocam em evidência outras possibilidades de sentido sobre o modo de organização social, principalmente no que diz respeito ao papel do estranho na luta de classes.

Esse artigo propõe uma articulação entre a teoria de Zygmunt Bauman sobre a pós-modernidade, principalmente o conceito de “estranho”, com os referenciais da Análise do Discurso Pêcheutiana. A partir dessa articulação, foi possível realizar uma análise de alguns trechos do filme “Que horas ela volta” (2015), da diretora Anna Muylaert. Esse filme apresenta uma abordagem potencialmente transformadora daquilo que Bauman chama de estranho, muito diferente do que é veiculado diariamente na maioria das mídias formadoras das opiniões dos cidadãos brasileiros.

1. Metodologia

O *corpus* analisado neste artigo foi constituído a partir da seleção de cenas representativas do filme “Que horas ela volta?” (2015) da diretora brasileira Anna Muylaert. O conceito “estranho” de Zygmunt Bauman (1998) foi utilizado como guia temático para a escolha das cenas.

As cenas foram transformadas em Sequências Discursivas de Referência (SDR's), ou seja, narrativas sobre as cenas do filme elaboradas pela autora deste artigo. As SDR's foram escritas, em itálico, na seção 2 deste artigo. Os trechos registrados entre aspas são transcrições literais de falas das personagens do filme que também compõem as SDR's. Após cada sequência, está a análise correspondente à mesma.

As SDR's foram analisadas e discutidas a partir do referencial teórico da Análise do Discurso Pêcheutiana e relacionadas com a teoria de Zygmunt Bauman sobre a pós-modernidade, principalmente o conceito de “estranho”.

2. Análise discursiva do *corpus*

Em “Que horas ela volta”, a empregada doméstica Val mora na casa dos patrões Bárbara e José Carlos no bairro do Morumbi, em São Paulo e, para isso, deixou sua filha Jéssica, que tem a mesma idade do filho deles, Fabinho, aos cuidados de uma amiga em sua cidade natal, no Nordeste. O nome do filme é um modo de chamar a atenção para o fato de que, para buscar seu ideal de felicidade, Val precisa realizar um deslocamento que não é apenas físico, mas sim um deslocamento em sua posição-sujeito que cobra um preço muito alto, algo que sua patroa rica não precisa pensar em fazer. Enquanto cuida do filho de Bárbara, é sua filha que está a quilômetros de distância chorando por sua ausência. Para poder ser mãe, Val vai ser

mãe de outro e acaba não podendo ser a mãe que quer ser, por muito tempo. Mas, depois de quase dez anos sem ver a filha com a qual pouco falava, Val recebe a notícia de que Jéssica está vindo morar com ela para poder prestar vestibular.

Na tentativa de ter uma vida “melhor”, Val deixa para trás o que tem de mais importante, sofre com isso por anos, mas não consegue estar junto de sua filha, nem entender muito bem por que não volta para sua terra. Ela explica a Jéssica que viveu angustiada por todos esses anos, que pensava em voltar, mas acabava não voltando. Jéssica então responde: *“Sofreu porque quis. Aparecia lá toda cheia de presente, cheia de coisa, depois me deixava feito uma idiota perguntando ‘que horas que mãeinha volta?’”*. A vida de uma pessoa que passa pelas mesmas dificuldades da personagem pode ter inúmeras questões que contribuem para sentimentos como os de Val, mas é possível pensar que o emprego estável e as oportunidades de trabalho em uma metrópole como São Paulo podem ser muito tentadoras em um sistema que exhibe padrões de vida como mercadorias, por meio de tantos canais de comunicação.

2.1 SDR 1

Jéssica chega à casa e brinca que poderia dormir no quarto de hóspedes. José Carlos acha uma boa ideia e Val fica incomodada com o comportamento da filha. Bárbara fica muito irritada, mas não se opõe.

No dia seguinte Val acorda atrasada. Bárbara está irritada com isso, mas já de saída para o trabalho. Jéssica conta a Val que Bárbara arrumou a mesa do café na qual ela estava comendo. Val acha aquilo um absurdo e diz: “Não é Barbara não, é Dona Bárbara. E tu não pode sentar na mesa deles não”. Jéssica responde: “E cadê a outra que eu não to vendo? Vou comer em pé?”.

Logo em seguida Val encontra uma desculpa para que Jéssica saia do quarto de hóspedes e vá estudar na cozinha junto com ela. Edna, outra empregada da casa, pergunta a ela: “Não vai ajudar sua mãe no serviço não?”. José Carlos chega e vai pegar um refrigerante na geladeira. Val pega a lata para ele e diz, brincando: “Que que o senhor quer aqui na minha geladeira?”.

Alguns dias depois, Val está servindo a sobremesa para a família enquanto Jéssica estuda na cozinha. Ela pede um pouco do sorvete à Val que diz que aquele é o sorvete de Fabinho. Jéssica diz que José Carlos a havia autorizado e Val explica: “Quando eles oferecem alguma coisa que é deles é por educação! É porque eles têm certeza de que a gente vai dizer não!”.

Análise da SDR 1

Nos trechos acima, a expressão “se estranhar”, muito comum no Brasil, se encaixa perfeitamente. Além de significar “não reconhecimento ou censura” essa expressão é usada quando duas ou mais pessoas/grupos entram em um conflito brando. Já no primeiro dia de Jéssica na casa dos patrões de sua mãe, ela e Bárbara começam a se estranhar. Jéssica vai se tornando cada vez mais estranha, uma vez que insiste em sair da invisibilidade desejada por Bárbara para ocupar os lugares que considera seus por direito. Para Bárbara, Jéssica é filha de Val e deve, portanto, seguir as regras que Val segue, se contentar apenas com aquilo a que Val tem acesso e, dessa forma, reforçar mais uma vez a diferença entre patrões e empregados, diferença esta tão zelada por Bárbara em sua busca por *status*, “estilo”, atenção e conforto. Nada mais estranho do que a filha da empregada desfrutando do mesmo conforto da patroa, dormindo em um quarto igualmente equipado e que não é separado dos outros cômodos. Porém, Jéssica faz questão de dizer a Val que aquelas pessoas não são seus patrões e, nessa fala, vai deixando claro que, ao contrário da mãe, não se sente menos digna que ninguém.

Val está acostumada a regras que, para ela, devem ser seguidas, mas não há um raciocínio consciente que a leve a relacionar essas regras ao modo como os patrões a veem. É a ação da *forma-sujeito do discurso*, descrita por Pêcheux. A interpretação que Val faz da situação é imediata, adquirida e ratificada nos vários anos em que ela trabalha nessa casa sem questionar seu lugar. Quando mostra o quarto de hóspedes para a filha, na presença do patrão, Val entra no aposento com cuidado, expressando até certa solenidade, como se invadissem um território sagrado. Ela alisa a almofada na poltrona, dando o toque final na decoração milimetricamente ajeitada. Quando Jéssica se senta na cama, Val imediatamente percebe a transgressão que aquilo significa; transgressão essa que só existe aos olhos do estranho, consciente da diferença, alheio ao significado da mesma. Jéssica também sabe dessa diferença, mas sabe também dar outro sentido a ela, sentido este que está vetado para sua mãe e que possibilita a ela falar de um novo lugar.

Para Val e para a outra empregada da casa, esse é um lugar que não deveria pertencer a Jéssica e, o fato dela tomá-lo com tanta convicção, chega a soar como um abuso. Para Edna, se Jéssica começasse a ajudar nas tarefas domésticas, tudo voltaria ao normal. Como no mito “O Anel de Gyges” que integra a obra “A República” de Platão (2000), Jéssica tem a possibilidade de transitar entre a invisibilidade e a visibilidade, não pelo poder de um anel, mas sim pelo discurso. Porém, ao contrário

do pastor Gyges, Jéssica é incapaz de anular as leis humanas a seu favor e, ao ocupar novos lugares discursivos, não garante que o outro/Outro se adapte a essa transformação, encontrando várias formas de resistência. Ao contrário de sua mãe, ela se apropria da casa e da oportunidade de estudar para ter um trabalho do qual goste, a partir daquilo que sente ser sua vocação. Para Val, só existe algo que ela pode reivindicar naquele espaço: o domínio fantasioso sobre a geladeira.

2.2 SDR 2

Fabinho confere o gabarito do vestibular e descobre que não passou; ele abraça Val que o consola. Quando Val sai do quarto, Bárbara chega e ele rejeita seu abraço. Logo depois Val entra, eufórica, falando do resultado de Jéssica. Fabinho sutilmente se afasta quando Val o abraça para comemorar o fato de Jéssica ter passado na primeira fase. Bárbara diz: “Val, mas não fica muito feliz não, porque é só a primeira fase”. Quando Val sai do quarto, Fabinho abraça a mãe que fica repetindo que ele precisa estudar para passar. Logo depois Bárbara o deixa sozinho.

Análise da SDR 2

A sequência discursiva deixa claro o papel de Val dentro da casa dos patrões. Em vários momentos do filme, Fabinho é mostrado numa relação íntima e carinhosa com Val; ao olhar distraído, poderia parecer que sua relação com a empregada é bastante diferente da relação de seus pais com ela. Porém, em meio à frustração por seu desempenho insuficiente no vestibular, ele vê Val como uma estranha que comemora a vitória de alguém que ocupa, naquele momento, um lugar que para ele é seu por direito. Fabinho havia mostrado surpresa quando Jéssica lhe contou que iria prestar o vestibular para o curso de Arquitetura da FAU, avisando a ela que era extremamente concorrido, partindo do pressuposto de que ela, talvez não soubesse disso, uma vez que se considerava apta a concorrer à vaga, sem fazer nenhuma ressalva ou justificativa para tal atitude. Afinal, não fazia sentido para ele, rapaz rico, cheio de boas oportunidades, informado das dificuldades que o vestibular numa universidade pública lhe reservaria, que uma moça pobre, nordestina, filha de sua empregada, pudesse sonhar em conseguir algo que, para ele, já era difícil. Quando Jéssica é aprovada na primeira fase e ele não, sobra apenas a sensação de que alguma coisa está errada, de injustiça, e o abraço de Val já não é bem-vindo. Fabinho, que passou boa parte de sua vida buscando carinho e consolo no colo de Val, volta então

para o colo frio de sua mãe, afinal, ela está tão indignada quanto ele. O estranho, agora totalmente visível, atrapalha a ordem dominante; se torna a pedra na qual aqueles que gozam dos benefícios do capital, cheios de confiança, tropeçam.

2.3 SDR 3

Val pede demissão. Ao tentar explica o motivo à patroa, ela diz: “Acho que tô precisando ficar com minha filha, cuidar de minha filha”. Ela então pede a Jéssica que vá buscar seu neto Joaquim, já que a filha recentemente tinha contado a Val sobre a criança. Jéssica diz, empolgada: “Tu vai cuidar dele, mãe?!”.

Análise da SDR 3

A partir do lugar discursivo ocupado por Jéssica, Val se apropria também de um outro lugar. Surge então como possibilidade, o desejo de Val. O desejo de gozar de um lugar, o desejo de exercer enfim a maternidade, de ser avó e de não deixar isso ser superado novamente. O desejo de sentir-se orgulhosa por algo que pertence a ela e não ao outro, de exercer uma profissão que não a mate enquanto sujeito.

Para Lacan (1993) o sujeito é diferente do sujeito do enunciado que, por sua vez, não é nada mais que o eu, essa instância composta por imagens ideais que não é ativa, mas imaginária, e repleta de falsas impressões. Val, antes estagnada em um lugar discursivo que lançava sombra sobre seu desejo, pôde emergir de outras formas, a partir da movimentação dos significantes com os quais se identificava. Antes em seu imaginário não era possível existir uma Val ansiosa por uma vida melhor, mas a presença de sua filha fez uma rachadura na formação ideológica dominante, permitindo que o sujeito Val deslizasse na cadeia simbólica e tivesse então acesso a novas formações ideológicas e, conseqüentemente, a um novo jeito de falar sobre si mesma.

3. Conclusão

Há uma cena bastante emblemática no filme “Que horas ela volta?” que pode, por si só, substituir qualquer conclusão sobre a análise apresentada. Val compra um conjunto de xícaras para dar como presente de aniversário à patroa; ela mal conhece o produto, mas escolhe aquilo para Bárbara por achar que se trata de algo diferente e moderno, assim como tudo aquilo que agrada o gosto dos patrões. Mas Val se engana e vê seu presente ser rechaçado por Bárbara. Porém, no final do filme, após pedir

demissão, ela rouba o presente e o leva para sua nova casa, usando-o para tomar café com sua filha. Ao mostrar para Jéssica as xícaras ela diz: “É diferente, igual você”. Algo muda no discurso de Val e ela não reserva mais o direito àquilo que é bom e moderno apenas aos patrões. A personagem de Regina Casé rouba para si o direito de desejar, desobedecer e aparecer. É nesse momento também que Jéssica chama Val de mãe pela primeira vez no filme, marcando uma mudança na relação das duas: é podendo ser sujeito que Val pode, finalmente, ser mãe.

“Que horas ela volta?” traz um discurso corajoso, comprometido com a dignidade humana e se coloca no cenário brasileiro como oportunidade para se pensar no funcionamento da ideologia, como motor da desigualdade social, mas, em contrapartida, como lugar possível para o deslocamento e a revolução.

Referências

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. (Trad. Mauro Gama *et al.*) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEIER, J. R. **O Exército Anti-Cotas e as vagas no ensino superior brasileiro**. Blog Hum Historiador, disponível em <https://umhistoriador.wordpress.com/2012/08/18/o-exercito-anti-cotas-e-as-vagas-no-ensino-superior-brasileiro/>>. Acesso em 28 de junho de 2016.

FREUD, S. **O Mal-estar na civilização**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud, v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1980 (Original publicado em 1930).

LACAN, J. **Televisão**. (Trad. Antonio Quinet) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993 (Original publicado em 1975).

LEITE, N. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. (Trad. Eni Orlandi *et al.*) Campinas: Editora UNICAMP, 2009 (Original publicado em 1975).

PLATÃO. **A República**. (Trad. Enrico Corvisieri) São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

Artigo recebido em: 18/07/2016

Artigo aprovado em: 04/05/2017

BREVE ABORDAGEM DO DIALETO CAIPIRA NA LINHA DA SOCIOLINGUÍSTICA

Maria Nicolau¹

Resumo:

Este artigo objetiva apresentar uma breve abordagem teórica sobre a Sociolinguística, procurando avaliar a variação existente na língua em uma região rural. A meta é conduzir uma apresentação sintética e teórica desta avaliação dentro da sociolinguística, levando-se em consideração alguns fatores como idade, sexo, ocupação, origem de alguns adolescentes residentes em áreas interioranas, que frequentam uma escola rural situada em Poços de Caldas, Minas Gerais. Trata-se assim, de identificar as variações linguísticas que surgem com esses falantes, apontando sua identidade. A forma escrita será estudada considerando-se uma concisa coleta desses falantes num pequeno corpus para se pesquisar o dialeto caipira.

Palavras-chave: *variações linguísticas; sociolinguística; dialeto caipira; adolescentes.*

Abstract:

This article presents a brief theoretical approach to sociolinguistics, trying to evaluate the variation in the language in a rural area. This is aimed at leading to a synthetic and theoretical presentation of this evaluation within the sociolinguistics, taking into account factors such as age, sex, occupation, origin from some adolescents living in inland areas and attending a rural school, which is located in Poços de Caldas, Minas Gerais State. It is thus, to identify the linguistic variations that come with these speakers, indicating their identity. The writing will be studied considering a brief collection of these speakers in a small corpus, in order to have an investigation of the rustic dialect.

Key-words: *linguistics variation; sociolinguistics; rustic dialect; teenagers.*

¹ Doutoranda bolsista com o apoio da FAPEMIG (Fundação e Amparo à Pesquisa de Minas Gerais), inscrita no Programa de Pós-Graduação do Doutorado da PPGCL na UNIVÁS (Universidade do Vale do Sapucaí). Contato: marianicolau90@yahoo.com.br.

Introdução

Num primeiro momento, gostaria de expressar a perspectiva de abordagem teórica quanto a este trabalho, possibilitando visibilidade para a questão da sociolinguística, mas de forma breve. O caminho apontado por esta área diz respeito às manifestações pesquisadas junto a estudantes adolescentes matriculados em uma escola rural municipal, José Avelino de Melo, situada em Poços de Caldas, Minas Gerais, no quilômetro doze da estrada que liga a cidade à Palmeiral e Botelhos.

O artigo resulta de reflexões que surgiram a partir de um projeto inicial de pesquisa na Universidade do Vale do Sapucaí, com o objetivo de investigar como se desdobra a língua, de acordo com os modos pelos quais o falante se expressa. Algumas reflexões neste artigo são parte do projeto. Para tanto, usaremos uma ótica teórica da sociolinguística, em diálogo com a análise de discurso.

Tal perspectiva assinala minhas observações acopladas às posturas dos falares destes estudantes, trazendo uma reflexão sobre os campos do social e do linguístico, investigando variações linguísticas produzidas por este grupo de pessoas. Procuramos compreender a sociolinguística no parâmetro da comunidade inscrita neste espaço rural e, como os falantes, estudantes da referida escola, desenvolvendo a escrita nesta comunidade do sul mineiro.

A “língua e a sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável” e, “mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIN, 2008, p. 21), portanto, analisar o conteúdo linguístico utilizado por jovens do interior mineiro permite investigar seus usos e sentidos dentro daquele grupo.

Os estudantes pesquisados têm uma forma de sociabilidade ligada a diferentes vínculos comunitários, mas, para fins deste artigo, tomaremos apenas a análise do dialeto caipira em seus poemas ou falas, material resultante de trabalhos desenvolvidos com os alunos dentro e fora da sala de aula.

Há diferenças em relação ao uso da língua e suas variantes, por exemplo, em áreas rurais, do dialeto caipira que, para a sociolinguística, trazem referências pautadas na linguagem, demandando reflexão acerca desta forma de manifestação da língua. Faz-se necessário investigar o uso de palavras de acordo com suas funções comunicativas, uma vez que o sujeito da sociolinguística é o falante.

A partir de alguns pressupostos teóricos, os quais seguem abaixo, deve-se considerar uma variação geográfica desses falantes, residentes numa região rural onde predomina uma variedade lexical, morfológica e fonética. A identidade destes falantes constitui objeto de estudo e análise, sendo os elementos linguísticos tratados a partir do olhar da etnografia da comunicação. A sociolinguística interacional, conforme assinala Camacho, divide-se em duas áreas distintas de estudo, pois a primeira “interessa-se em descrever e analisar as formas dos ‘eventos da fala’” e a segunda discute como tal “abordagem vê a relação entre a estrutura linguística e a social” (CAMACHO, 2008, p. 49-50).

1. Pressupostos Teóricos

Na Sociolinguística, as questões voltadas para a variação linguística devem considerar as nuances da linguagem escrita e falada. Preocupa-me como o ensino da língua portuguesa é realizado em sala de aula e, em especial, as condições de ensino em áreas rurais, tornando-se indispensável observar cuidados e ponderações sobre a língua e suas variantes. Dada sua importância, consideramos a diversidade regional como fundamental para a cultura local, constituindo valor e contribuição para a língua.

Refletir acerca da realidade sociolinguística em áreas rurais demanda compreender o preconceito linguístico existente em relação aos distintos falares brasileiros. A ideia de uma única forma correta de expressão pode implicar problemas diversos no processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que causa a desvalorização cultural e social de determinado povo ou grupo linguístico.

Podemos dizer, a partir de Bagno (2007), que a realidade sociolinguística brasileira é diversa, não possuindo uma unidade linguística. Dentre os aspectos apontados pelo autor, destacamos o falso mito de que somos uma unidade linguística:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os [...] milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização (BAGNO, 2007, p. 15).

É necessário despertarmos para a existência de uma característica identitária em comunidades rurais, onde estudantes que pertencem a grupos de origem geográfica, situação socioeconômica e cursando o ensino fundamental de uma escola

rural, não podem ser esquecidos. Destacamos a importância de combater o preconceito linguístico cotidianamente, pois este ocupa lugar na nossa atividade pedagógica de professores nas mais distintas disciplinas e, particularmente, de professores de língua portuguesa, o que requer uma mudança de postura e abordagem.

Os grupos sociais que vivem no campo, integrados a uma determinada comunidade linguística chamam a atenção, pois seu escopo geográfico demanda ser pensado e embasado em novas metodologias que tragam possibilidades de aprendizado diferentes daquelas apoiadas no saber tradicional, principalmente no que se refere ao universo escolar.

Faz-se importante trabalhar a linguagem em suas diferentes formas, a escrita e a oral, questionando um modelo de escola que prioriza a linguagem escrita. Em nosso entendimento, se “tomarmos as falas” da estudante L., perceberemos a manifestação do “falar” sobre “si mesma, de ser ouvida”. Ou, conforme destaca Bosi (1994, p. 82), a expressão da fala ganha uma finalidade de “se encontrar ouvidos atentos, ressonância, [...] agradável sensação de ser ouvido, [...] um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade”.

Propomos, com base na teoria sociolinguística, desenvolver o acesso ao conhecimento, a partir de alguns pressupostos de autores como Roberto Camacho (2008, 2011), Bosi (1994), Marcilene Araújo (2010), Polyana de Almeida (2010) e Tania Alkmin (2008).

Segundo Roberto Camacho, a sociolinguística “trata da relação entre língua e sociedade” existindo “um interesse cada vez mais crescente pelo estudo da linguagem em uso no contexto social” (CAMACHO, 2008, p. 49). O autor aborda ainda que:

Uma das áreas de estudos lida com fatores sociais em grande escala, associados à linguagem, [...] comumente denominado *Sociologia da linguagem*, [...] e outra área de estudos, a *Etnografia da Comunicação*, interessa-se em descrever e analisar as formas dos “eventos da fala” (CAMACHO, 2008, p. 49).

Segundo observa, “o modo de falar de um indivíduo revela suas características sociais, pois toda língua comporta variações em função da identidade do emissor e do receptor, e das condições sociais de produção discursiva” (CAMACHO, 2011, p. 34). O modo de falar de um adolescente de uma escola rural, cursando a sétima série do ensino fundamental, com uma forma de se expressar bastante desenvolvida em situações de diálogo com colegas da escola, evidencia traços de um dialeto rural. Esta forma de expressão interessa neste trabalho e será retomada nas páginas seguintes.

Toda língua comporta variantes, segundo Camacho:

a) em função da identidade do emissor; b) em função da identidade do receptor; c) em função das condições de produção discursiva. Em função do primeiro fator, pertencem as variantes que se podem denominar dialetais em sentido amplo: variantes geográficas e socioculturais. Em função do segundo e do terceiro fatores, pertencem as variantes de registro ou estilísticas (CAMACHO, 2008, p. 57-58).

O autor exemplifica as diferenças de origem geográfica, assinalando também que, quanto maior o contato dos falantes de uma comunidade, maior é a semelhança entre seus atos verbais. Os membros de uma comunidade, então, se distinguem dos membros de outra, permitindo compreendermos uma riqueza de variantes presentes em todo o território brasileiro (aqui ressalto como exemplo, na região nordestina, a abertura da vogal pretônica de *dezembro* e *colina*, de modo que tais palavras são pronunciadas como *dézembro* e *cólina*) (CAMACHO, 2008, p. 58).

Conforme evidencia Almeida (2010), podemos abordar de diferentes formas os falares de cada região e suas variantes, permitindo explorar e “apresentar suas características e também mostrar ao aluno que a linguagem do poema pode apresentar características do falar popular” (ALMEIDA, 2010, p. 684). Deste modo, daremos ao estudante um instrumento de identificação à sua expressão de falar livremente, abordagem importante para pensarmos também as distintas formas de vivenciar a escrita e suas articulações, ou não, com a linguagem oral.

Ao trazer uma nova instrumentalização para o contexto da escola rural onde lecionei no ano de 2015, pude perceber que a percepção dos alunos enquanto falantes suscita, de algum modo, suas expectativas quanto ao aprendizado da língua portuguesa com o reconhecimento de falar popularmente. Neste sentido, conforme assertiva de Almeida, depreendemos que:

Somos um povo rico em dialetos, e o reconhecimento desses [é] fundamental no trabalho dos educadores, em particular para enriquecer a compreensão da língua portuguesa, [...], [pois] é relevante para os estudos linguísticos valorizar o dialeto caipira, pois este é parte da sociedade (ALMEIDA, 2010, p. 684).

Valorizar o dialeto caipira contribui para abrangermos variações geográficas, tanto na fala urbana como na alocação rural. Para isso necessitamos descaracterizar o preconceito e a discriminação existente em relação aos falares caipiras, eliminando conceitos sobre o que é correto ou errado nos modos de os sujeitos se expressarem e comunicarem suas ideias e formas de viver.

Nas palavras de Bagno “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa” (BAGNO, 2007, p. 9). Isso reflete a necessidade de ampliarmos cada vez mais os sentidos dos falares. No entendimento do autor, esta postura preconceituosa, torna-se evidente “claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui” (BAGNO, 2007, p. 13), posicionamento que precisa ser mudado, possibilitando conhecer e valorizar a riqueza linguística existente no país.

Nas palavras de Almeida, “é importante relacionar o dialeto com as formas de vida” (idem, p. 686), pois na zona rural e no contexto em que os alunos têm uma forma de sociabilidade ligada a outros vínculos comunitários, a análise do dialeto caipira, em poemas ou falas, proporciona alavancar formas de abordagem temática dentro e fora da sala de aula, enfatizando a perspectiva do próprio espaço, com uma apresentação própria, a escola rural, que, por sua vez, pode despertar neste alunado inspirações na produção de poesias rurais. Mostrar ao aluno que o dialeto caipira possui morfologia e sintaxes próprias também constitui ferramenta necessária e capaz de instrumentalizar a produção destas poesias, formas de expressão embasadas em modos de vida e comunicação distintos de realidades e práticas de outros sujeitos históricos e culturais.

Nesse sentido, preocupamo-nos com o falar e as formas de trabalhar a oralidade dessa fala, uma linguagem valorizada pelos jovens adolescentes embasada em perspectivas da memória, através dos dizeres e de suas vivências. No que tange à análise do dialeto caipira, constata-se a presença dos metaplasmos, mudanças essas de caráter fonético, que ocorrem “pela troca, pelo acréscimo, pela supressão de fonemas linguísticos ou até pela transposição de fonema ou de uso de acento tônico” (ALMEIDA, p. 689). Alguns exemplos são apresentados a seguir.

2. Análise e variedades linguísticas

Breve corpus:

No diálogo a seguir:

M: Bom dia... Como você cumprimenta seus colegas?

L: **Mais**, eu tenho que falar como a gente conversa ou como a gente **comprimentá?**

Olha, nós usa muita gíria tipo, mano, velho... e eu mesmo uso muito a palavra "tu" em vez de "VC" ...

Pra cumprimentá a gente usa tipo, **i aí? Blz?** Como **vc** tá?

Este diálogo ocorreu com uma das estudantes em sala de aula durante uma atividade de “roda de conversa” em gravação no dia 11 de outubro de 2015, quando questionei o uso das saudações e a estudante L.V. estava presente, manifestando assim suas experiências.

Vejamos o que ocorre:

2.1. Alçamento: troca da vogal /u/ por /o/ em: *comprimentá*, e não cumprimentar.

2.2. Apócope: apagamento do /r/ nos verbos: *comprimentá*.

2.3. Sístole: acento na última sílaba: *comprimentá*.

3. Aspectos fonológicos

Observe as falas a seguir da estudante L.V.:

- Olha, **nóis** usa muita **gíria tipo, mano, velho...** e eu mesmo uso muito a palavra "**tu**" em vez de "**VC**" ...

Pra **comprimentá** a gente usa tipo, **i aí? Blz?**

Como **vc tá?** ...

Blz = /be'lezə/; VC/ vc = /vo'se/.

O fator idade da estudante L.V., 12 anos, pode ser considerado ponto de reflexão sobre o uso do pronome *tu*, conforme ela mesma expõe. A utilização deste pronome é comum entre os jovens em diferentes regiões, em estados como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, especialmente.

Supressão	Acrécimo	Substituição
Cumprimentá /r/	“mais”, “nóis”	Ispera /e/ por /i/

3.1. Breve análise

Com base na perspectiva da estudante L.V. sobre o uso de gírias, podemos pensar nas motivações que acionam seu uso:

(...) há uma demanda especial, em certos grupos, por forte coesão social, cuja consequência é a exclusão, via linguagem, dos que não fazem parte do grupo. Esse tipo de motivação para a criação de gíria caracteriza especialmente a linguagem do adolescente (CAMACHO, 2011, p. 41).

A estudante integra um grupo de adolescentes unidos pela fala, numa intimidade que perpassa linguagem própria, carregada de diferenças. Isso promove a utilização de variantes estigmatizadas, como por exemplo, o uso da palavra “nóis”.

Nesse sentido, se pensarmos as variedades estilísticas de um falante, como a do exemplo de L.V., percebemos que sua expressão se adequa às finalidades numa determinada interação verbal. No caso envolvendo a jovem estudante, a situação interacional é mais coloquial, tornando-se menor a preocupação formal na expressão. Caso a estudante interagisse com outros falantes, como por exemplo, com o professor em sala de aula, com a diretora da escola ou outro falante, não empregaria expressões como “*e aí, blz?*”, visto serem para uso específico entre seus pares.

Numa breve conclusão sobre as variedades estilísticas, Camacho afirma que:

O domínio de uma língua deriva do grau de contato do falante com outros membros da comunidade, também é verdadeiro que quanto maior o intercâmbio entre os falantes de uma língua, tanto maior a semelhança entre seus atos verbais (CAMACHO, 2008, p. 58).

No caso do grupo de adolescentes, a informalidade se sobressai no comportamento social por serem de origem rural, pertencentes a uma escola rural, alunos de uma sétima série do Ensino Fundamental, na faixa etária entre 10 a 15 anos de idade². São eles falantes de um grupo muito coeso, construído sob um laço de internacionalidade, onde o dialeto caipira constitui elo, demonstrando ser “impossível separar a linguagem de suas funções sócio interacionais” (CAMACHO, 2008, p. 55).

3.2. Breve análise do trecho de um poema de um estudante

² Alguns desses estudantes da Escola Municipal José Avelino de Melo, em Poços de Caldas, Minas Gerais, pertencentes a uma turma da sétima série, são repetentes e chegaram a atingir a idade de 15 anos como tal. Eles pertencem a uma turma de 12 alunos, sendo 8 meninos e 4 meninas matriculados na sétima série A. Todos residem em fazendas próximas àquela escola rural, região onde existem 17 fazendas e mais 3 escolas nas adjacências.

A MENINA

R.

Tudo que fiz naquele dia

Foi por causa da Bia.

Ela é linda e cheirosa,

*E mexe com todo mundo da **roça**.*

Ela é inteligente.

Na escola, sempre na frente:

*Tira maior **nota**, porque usa **bota**...*

Em relação a este poema, aponto uma breve análise, expondo a perspectiva que traz, tanto na escrita como na fala da estudante, o uso de termos típicos dos dizeres rurais. Quanto à língua escrita, seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de erro pela de tentativa de acerto (BAGNO, 2007, p. 125), afinal, a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita, no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolinguístico (idem).

Nos versos de R. estão presentes termos da comunidade rural, da realidade de alunos que escreveram seus poemas em condições de produção progressivas nas “rodas de conversa”, onde a interação entre os estudantes faz-se diferente e a variação manifesta-se na fala.

R. comunica aos outros uma identidade íntima ao mencionar a menina que mexe com todo mundo da roça, comunidade linguística a que pertence o poeta. Há uma singularidade no seu dizer, pois as palavras se originam de sua vivência, determinadas também pela forma como a língua se inscreve em meio aos códigos culturais daquele grupo.

O estudante reside na zona rural, trabalha no campo em auxílio à família, tem 12 anos de idade, e sua vida gira em torno da roça e da escola rural onde estuda. Conta-nos ele que na fazenda onde reside existem obras feitas por pessoas que foram escravizadas: “um muro construído pelos negros na época da escravidão e que permanece erguido até os dias de hoje”.

Toda a informação aqui contida foi relatada em ocasião de uma das “rodas de conversa” como atividade pedagógica dentro da sala de aula. O aluno também

ênfatisou sua experiência de vida na roça, a integração na vida rural e acerca da menina da roça. Não se trata da ideia de roça como sinônimo apenas de ambiente rural, mas de uma cultura própria de quem vive no campo, intimamente ligada a este espaço.

No escrever sobre a menina que *tira maior nota porque usa bota*, vislumbramos um verso onde semanticamente o uso de *bota* está ligado não apenas ao caráter linguístico da região, mas à cultura de calçar botas para trabalhar, passear, andar a cavalo, ir a festas, cujo hábito é comum entre os moradores do campo, em especial, as meninas. As botas de couro, por exemplo, são muito valorizadas, simbolizando um hábito campestre preservado na região.

Além disso, em termos morfológicos, é possível dizer que as palavras “roça” e “bota” fazem parte do vocabulário do dialeto caipira. Em termos discursivos, tais palavras podem compor a estrutura de qualquer dialeto brasileiro. No entanto, discursivamente, essa estrutura tem significado particular no dialeto caipira.

Em nosso entendimento, a palavra roça, identificada por este aluno, perpassa a noção de coletividade, acentuando as vivências deste espaço de trabalho, mas também de manutenção e rememoração cultural, que ganha sentidos diferentes da ideia de lavoura, difundindo-se no universo de sentidos apontados por R.

Na perspectiva de uma análise mais densa, “argumenta-se que *roça* é utilizada como uma categoria de caráter relacional, empregada tanto para situar as pessoas a contextos determinados, como para significar e valorar tais contextos” (SILVEIRA; COUTINHO, 2014, p. 262). Assim considerando, o aspecto sociolinguístico não é o único a ser avaliado, mas algo que o jovem quis significar no mundo, percebendo os sentidos de determinada palavra em seu contexto. Dessa forma, alguns termos como “bota” e “roça” têm significado discursivo de um lugar de identidade, determinando lugares de identificação próprios do sujeito falante.

4. Variedades linguísticas e ensino

No ensino tradicional da língua portuguesa preocupamo-nos com o uso do correto e do incorreto como critério para a variação, o que impede o aluno de obter uma variedade padrão. Precisamos atentar ao princípio proposto por Camacho, quando afirma que, “independente de seu contexto social de origem, toda criança é perfeitamente capaz de adquirir um sistema linguístico apropriado a todas as funções comunicativas a que se destina” (CAMACHO, 2008, p. 66).

Se a natureza da linguagem é a variação, Camacho ressalta a importância de evitarmos formas de expressão estigmatizantes socialmente em relação aos falantes de determinada língua ou variante. O estigma pode agravar ou prejudicar o processo de ensino da língua materna, marginalizando sujeitos e suas expressões comunicativas.

Em busca de respostas, Camacho aponta um conflito existente entre a cultura imposta e as experiências vivenciadas, demandando valorizar a variedade padrão para que o estudante se beneficie de sua origem sociocultural, de acordo com o local onde vive. Impor a variedade padrão a eles gera uma insegurança linguística, sendo importante fornecer aos alunos as chaves para perceber as diferenças e as ferramentas para torná-las valorativas em suas múltiplas realidades.

Procuramos evidenciar que a variante linguística dos estudantes da zona rural é válida e deve, portanto, ser respeitada, atentando para as possibilidades aqui apontadas e discutidas em toda sua complexidade.

Considerações finais

Creemos na necessidade de pesquisas pautando o falante e os poemas como possibilidade de ensino e aproximação com a linguagem do campo, analisando o aparecimento do dialeto caipira e percebendo como este se apresenta no diálogo.

Procuramos pontuar com os adolescentes, estudantes da escola rural, quais análises podem ser construídas em relação ao poema e à fala, em abordagem que permite observar a oralidade, ou seja, o “falar” carregado de diversidade que, muitas vezes, parte dos “dizeres” do urbano, ou do significado desses dizeres discutidos anteriormente, como nas expressões: “e aí?” e “Blz”, percebendo como esta informalidade atua nas relações entre os sujeitos.

A proposta de Camacho sobre o dialeto caipira é significativa. Os diferentes falares encontrados em várias regiões do Brasil – Goiás, Nordeste, Sul de Minas e outras, devem ser compreendidos para o ensino em sala de aula, sendo também relevantes para o estudo da língua portuguesa, em que se aplica a sociolinguística. Dessa forma, importa trazer para reflexão o ponto de vista das variações linguísticas no convívio social.

Nesse sentido, esta disciplina, a sociolinguística, pode contribuir para fundamentar a qualificação efetiva da língua, tanto a falada como a escrita, pois “ela

constitui um dos mais poderosos instrumentos de ação e transformação social”, diz Araújo (ARAÚJO, 2011, p. 2).

Referências

ALKMIN, Tania. Sociolinguística – Parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 21-47.

ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves, **Linguagem e Identidade Cultural: Uma abordagem Sociolinguística**. In: Volume 1 Edição nº 03 - Março/2011 | ISSN 2178-1486. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/8/09052011091540.pdf>. Acesso em 16/07/2016.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico _ o que é, como se faz**: Edições Loyola, São Paulo, Brasil, ISBN: 85-15-01889-6, 48ª e 49ª edição: junho de 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (Org.). **Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos (V. 3) - Conteúdos e Didática de Língua Portuguesa**. 1ªed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49. Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/174227/mod_resource/content/1/01d17t03.pdf. Acesso em 16/07/2016.

_____. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008, 49-75.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Sociolinguística. In: NUNES, José Horta e PFEIFFER, Cláudia Castellanos (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem – Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006, p. 49-72.

SILVEIRA, Lidiane Nunes; COUTINHO, Elenice Aparecida e FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. In: **Roça e os múltiplos sentidos para o rural no Brasil**, Revista Antropolítica, n. 37, p. 261-285, Niterói, 2º sem. 2014.

Artigo recebido em: 10/02/2017

Artigo aprovado em: 02/06/2017

LES MOUVEMENTS SOCIAUX DANS LES FRONTIÈRES SIGNIFIANTS DU CORPS ET DU DISCOURS

Emanuel Angelo Nascimento*

Résumé:

Cet article vise à analyser la matérialité signifiant du corps dans la relation corps, mémoire et discours à partir des images qui circulent sur l'internet des manifestations dans différents mouvements de résistance social. Ces images constituent notre corpus d'analyse. Notre point de repère théorique et analytique se déroule dans la perspective du matérialisme historique de l'analyse du discours française, à partir de laquelle nous cherchons à observer les mouvements du discours par rapport à la mémoire et les formes pré-construits qui se posent à la frontière entre l'évidence et l'opacité, aussi bien que dans l'imbrication matérielle entre le verbal et le visuel. Nous soulignons que le choix de ce matériau nous a permis, en ce sens, d'analyser la relation d'altérité entre le «soi» et l'«autre» dans la discoursivisation des manifestations sociales qui s'installe à partir du jeu entre le corps, l'espace, l'idéologie et le discours, mobilisé dans la confrontation entre la mémoire, l'image, le social et le symbolique.

Mots clés : Discours ; Corps ; Mémoire ; Mouvements sociaux.

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar a materialidade significativa do corpo na relação corpo, memória e discurso a partir de imagens que circulam na internet de protestos de diferentes movimentos de resistência social. Nosso ponto de ancoragem teórico-analítico se dá na perspectiva do materialismo-histórico da Análise do Discurso de linha francesa, a partir da qual buscamos observar os movimentos dos discursos na relação com a memória e com os sentidos pré-construídos que se colocam na fronteira entre a evidência e a opacidade, bem como na imbricação material entre o verbal e o visual. Sublinhamos que a escolha desse material permitiu-nos, nesse sentido, analisar as relações de alteridade entre o eu e o outro na discoursivização dos protestos sociais, que se coloca no jogo entre corpo, espaço, ideologia e discurso, mobilizados no confronto entre a imagem, a memória, o social e o simbólico.

Palavras-chave: Discurso; Corpo; Memória; Movimentos sociais.

* Étudiant spécial du programme d'études supérieures en Linguistique à l'Institut d'Études du Langage (IEL) de l'Université de Campinas (UNICAMP). Contact: emanuellangelo@yahoo.com.br.

1. Introduction

En considérant l'imbrication entre les effets de la matérialité verbale sur le non-verbal (ORLANDI, 1995b), cet article vise à analyser la matérialité signifiant du corps dans la relation corps, espace, mémoire et discours à partir des images et de certains scènes prototypiques des mouvements sociaux en tant que lieu de stabilisation, d'équivoque, de régularité et des déplacements.

En ce sens, le corpus de notre analyse se compose des images qui circulent sur l'internet des manifestations dans différents mouvements sociaux. La discursivité des manifestations dans les mouvements sociaux c'est un important point d'entrée dans le parcours analytique que nous proposons ici.

Puisqu'il s'agit des thèmes et des questions socialement vives et historiquement interpellés par l'idéologie et par différents discours, nous essayons de jeter un regard sur l'opacité de sens autour des images de ces manifestations de résistance sur la relation avec le symbolique dans les frontières des questions politiques et sociales. À ce stade, nous mettons en évidence les réflexions proposées par Michel Pêcheux¹, quand il pose l'importante question: "des abstractions comme « le peuple », « les masses », « la lutte des classes » peuvent-elles être montrées (peintes, filmées ou télévisées) à l'état de concept, sans travestissement?" (PÊCHEUX, 1982, p. 54).

Nous signalons, devant cela, que le parcours analytique de cet article est affecté par les effets des significations soulevées par des images qui constituent le matériau d'analyse et par des chemins d'interprétation qui mobilisent *significations des mouvements sociaux dans la relation de résistance du corps* en tant que corps traversée par l'idéologie, par le discours et par l'histoire.

2. La matérialité signifiant du corps

Il est très important, d'ailleurs, de souligner que notre point de repère théorique et analytique se déroule dans la perspective du matérialisme historique de l'analyse du discours française, à partir de laquelle nous cherchons à observer les mouvements du discours par rapport à la mémoire et les formes pré-construits qui se posent à la frontière entre l'évidence et l'opacité. Plus précisément, nous visons à

¹ Dans l'article « Délimitations, retournements et déplacements », publié dans la revue *L'Homme et la société*, 63-64, 1982, p. 53-69.

analyser la matérialité signifiant du corps dans les rues, par un geste d'interprétation des images à l'égard des discours qui composent les manifestations sociaux dans des contextes différents filtrés par le spectre de la caméra et des médias.

Donc nous partons du rapprochement des concepts de « delinéarisation de l'image » et de « formulation visuelle » par rapport à la notion de « composition matérielle », à l'exemple de la proposition faite par Suzy Lagazzi, quand elle insiste sur l'investissement analytique sur « les formulations visuels de corps qui se déroulent dans les différentes images du sujet et nous montrent l'importance de la rémission de l'intradiscours au interdiscours pour comprendre la textualisation des images » ² (LAGAZZI, 2014, p. 111). En examinant des coupures de films et de documentaires, Lagazzi souligne également l'importance de discuter du corps social en prenant « l'image » dans les procédures de métaphorisation métonymique afin de mieux comprendre ses trajets de mémoire et de discoursivization.

Nous considérons fondamentale, tenant compte de ces postulats théoriques, considérer l'investissement sur la perspective du matérialisme historique autour des images du « corps dans la ville » interpellées par des scènes prototypiques des manifestations – objet de notre analyse. Les images des manifestations généralement démontrent le repris des significations sous la forme de pré-construits. L'image dans ce sens fonctionne comme un dispositif ainsi que d'un « opérateur de la mémoire sociale » (Pêcheux, 1984).

Il est essentiel de noter également l'importance des images du corps qui occupent les rues et la ville, dans le cas du corps en tant que support du discours de lutte et de résistance dans les différents types de mouvements sociaux. Ces espaces (comme les rues et la ville) représentent des lieux de mobilisation des forces sociales dans la relation entre le politique et le symbolique. En reprenant les paroles de Eni Orlandi «il s'agit de comprendre comment les discours se textualisent dans cet espace d'interprétation particulier qu'est la ville» (ORLANDI, 2001, p. 117). En outre:

Si la ville est un lieu d'interprétation avec ses particularités significatives, la rue peut être considérée comme structurant cet imaginaire où la ville signifie: voie publique, trottoir, piétons. Lieu public, lieu commun: dans cet espace commun le rapport entre le corps du texte et le texte du corps – ce dernier étant signifié dans une symbiose présente dans ce que j'appelle récit urbain (effet symbolique liant le sujet et la ville) – il s'établit un jeu de mémoire où travaille la divergence (ORLANDI, 2001, p. 123).

² À l'original en portugais: « (...) formulações visuais do corpo que se desdobram em diferentes imagens do sujeito e nos mostram a importância da remissão do intradiscursos ao interdiscursos para compreender a textualização das imagens ».

3. Corps et discours

En prenant initialement d'abord les mots de Haroche & Guglielmi (2005), nous réfléchissons avec les auteurs qui disent que:

L'esprit de corps fait depuis longtemps partie du vocabulaire courant mais reste difficile à cerner. Il relève des processus de socialisation qui déterminent tous les groupes humains, il assure d'une certaine cohérence l'idée d'institutionnalisation et à l'inverse est perçu comme à l'origine d'un possible dévoiement du sentiment d'identité [...] sociale (HAROCHE & GUGLIELMI, 2005, p. 5).

Cette réflexion est très important dans l'analyse des scènes stéréotypées des manifestations sociaux que nous vous ferons parvenir, afin de comprendre la question du corps en tant que support du discours. En ce sens, sur la perspective de la sociologie du corps, David Le Breton nous dit que:

Les représentations du corps sont fonction des représentations de la personne. En énonçant ce qui fait l'homme, ses limites, sa relation avec la nature ou les autres, on dit ce qu'il en est de sa chair. Les représentations de la personne, et celles, corollaires, du corps, sont toujours insérées dans les visions du monde des différentes communautés humaines. Le corps semble aller de soi, mais rien finalement n'est plus insaisissable. Le corps est socialement construit, tant dans ses mises en jeu sur la scène collective que dans les théories qui en expliquent le fonctionnement ou les relations qu'il entretient avec l'homme qu'il incarne (LE BRETON, 1992, p. 29).

Déjà dans une perspective discursive, selon Baldini & Souza (2012), les formations imaginaires sont présents dans le corps et sont le résultat des anticipations des relations de pouvoir, des échanges et des conflits économiques entre les classes que les sujets font des discours d'autres sujets³, compte tenu des positions qu'ils occupent dans l'espace social et des sens déjà dit. Ce sont des aspects qui nous aident à comprendre le corps en tant que discours, compte tenu, selon Azevedo (2014, p. 322), la façon « dont la corporéité est formulé dans différentes matérialités signifiantes » – comme nous allons aborder plus avant.

4. Corps, espace et mémoire

Corps et discours sont révélées comme forme de résistance et de lutte sociale, symbolique, politique et militant. Et dans le collectif « commun et hétérogène » ces

³ En ce sens, c'est important de souligner aussi la question d'altérité dans les relations interdiscursives.

corps trouvent d'autres corps au combat. Ainsi c'est à travers de les différentes relations sociales et historiques que les corps sont constitués dans la corporéité comme support discursive et idéologique.

Nous pouvons, en ce sens, partir de la notion d'une société opérant comme esprit commun, tel que réfléchit René Kaës, quand il dit que:

[...] la notion d'esprit de corps apparaît sous la plume de Freud, en français dans le texte, à la fin du chapitre 9 de *Psychologie des masses et analyse du Moi* : « Ce que l'on va ensuite trouver plus tard dans la société opérant comme esprit commun, esprit de corps, etc » ... (KAËS, 2005, p. 91).

Les mouvements de lutte et de résistance ainsi sont placés sur la frontière des corps, des espaces et de la mémoire. En tenant compte des réflexions de Pierre Achard « la "mémoire" intervient cependant, pour cadrer implicitement la situation dans l'espace » (ACHARD, 1984, p. 236). Selon Orlandi (2014), en ce sens, la dynamique de l'occupation du corps en manifestant dans les rues, dans le collectif, dans la ville, déplace le geste, le corps et son identité, en interrogent les manières d'être dans le cadre de l'interprétation de l'espace dans sa matérialité discursive.

À partir de cela nous pouvons comprendre, selon Guilhaumou & Maldidier, par exemple, que "dans la mémoire historique, l'expression « la prise de la Bastille » renvoie à l'événement du 14 juillet 1789, symbole lui-même de la Révolution tout entière" (MALDIDIER & GUILHAUMOU, 1994, p. 111). Dans ces cas, la mémoire doit être comprise « non pas dans le sens directement psychologue de "mémoire individuelle", mais aux sens entrecroisés de la mémoire mythique, de la mémoire sociale inscrite dans des pratiques, et de la mémoire construite de l'historien » (PÊCHEUX, 1984, p. 262).

Prenons par exemple le cas de l'image plus célèbre de Jeff Widener capturée, en 1989, dans le contexte de la répression chinoise. Le sujet de l'image connue comme "L'homme de la place Tian'anmen" est devenue rapidement le symbole du combat inégal entre les étudiants et l'armée chinoise lors de la répression militaire.



Figure 1: image capturée par Jeff Widener, Associated Press, 1989

L'homme de Tian'anmen, connue également comme l'« Homme au tank » ou encore « Le Manifestant inconnu », est le surnom de l'homme resté anonyme, mais mondialement célèbre, qui fut filmé et photographié alors qu'il s'efforçait de symboliquement bloquer la progression d'une colonne d'au moins dix-sept chars Type 59 de l'Armée populaire de libération lors des manifestations de la place Tian'anmen, en 1989, en République populaire de Chine. Cette image représente bien la relation entre corps, sujet, discours, espace et mémoire, tels que cette autre:



Figure 2: image capturée par Malcolm Browne, Associated Press, 1963

Dans la figure 3, nous pouvons observer Thích Quảng Đức, né Lâm Văn Túc en 1897 et mort le 11 juin 1963. Il fut un moine vietnamien, célèbre pour s'être immolé par le feu le 11 juin 1963 à Saïgon, en signe de protestation contre la répression anti-bouddhiste ordonnée par le président Ngô Đình Diệm.

4.1. Les corps à les frontières sociales

En pensant à la matérialité du corps, nous sommes conduit à considérer la relation entre corps et les espaces de frontière (politique, social et d'autre). Nous abordons cette relation en localisant dans l'histoire et la mémoire. L'exposition publique ainsi est une marque qui indique les changements dans la façon dont la symbolique est présente dans l'espaces occupés par le sujet.

Nous nous référons ces espaces à certains événements historiques. Par exemple, les attentats-suicides et les actes de terrorisme desquels nous pouvons voir des images du corps des « bombes humaines ». Il y a en outre des espaces occupés par les sujets manifestants et les autorités policières. À partir de cela il y a des corps dans différents types de manifestation qui convoquent certains sens très proches de cette relation entre espaces, mémoire et discours, aussi bien que des corps en lutte pour la paix et la liberté – comme nous pouvons voir à partir de la figure 3:



Figure 3: image capturée par le photographe français Marc Riboud (1967)

Généralment, les manifestations contre un système de pouvoir, par exemple, politique, dictatorial, répressif mettent des différentes forces en confrontation. Dans cette relation, le spectateur est exposé à une scène scène marquée par le geste de l'autre comme pratique discursif traversée par le conflit en tant que un élément symbolique dans sa matérialité visuelle et dans les frontières sociales.

Nous pouvons voir dans la figure 3, l'image plus célèbre de Jan Rose Kasmir (née en 1950), citoyenne américaine, qui était lycéenne lorsque le 21 octobre 1967, à

Washington, D.C. (États-Unis) et comme près d'un million de personnes elle prit part aux protestations massives contre l'implication des États-Unis dans la guerre du Viêt Nam. Des milliers de pacifistes, manifestant leur indignation, étaient réunis ce jour-là devant le Pentagone. C'est alors que Jan Rose Kasmir s'a détaché de la foule et a avancé seule face aux baïonnettes de la garde nationale américaine et est ainsi photographiée par le célèbre photographe français Marc Riboud.

Cette image de Jan Rose à les frontières de la lutte pur la paix c'est un symbole de protestation pacifique instauré dans la mémoire historique et discursive. Il convoque des sens interpellés par des préconstruits, tel que indique Michel Pêcheux, par exemple, quand il dit que la mémoire:

[...] ne saurait être conçue comme une sphère pleine, dont les bords seraient des transcendants historiques, et dont contenu serait un sens homogène, accumulé à la manière d'un réservoir: c'est nécessairement un espace mobile de divisions, de disjonctions, de décalages et de reprises, de conflits de régularisation... Un espace de dédoublements, répliques, polémiques et contre-discours (PÊCHEUX, 1984, p. 267).

Les différentes positions occupées par les sujets, ainsi, indiquent la mobilisation de la mémoire et des sens historiquement construits. Tel que réfléchit Eni Orlandi « [...] sujet et sens se constituent mutuellement, que par leur inscription dans le jeu des multiples formations discursives [...] » (ORLANDI, 1995a, p. 20). Donc il y a des corps en manifestant qui qui comprennent différentes idées de lutte. Il y a aussi, en terms althussériennes, par exemple « l'Appareil d'État qui comprend deux corps : le corps des institutions qui représentent l'Appareil répressif d'État d'une part, et le corps des institutions qui représentent le corps des Appareils idéologiques d'État d'autre part » (ALTHUSSER, 1970, p. 25). Ces corps, traversés par la mémoire et par des forces sociales et politiques, sont formulées discursive et historiquement.

4.2. Scènes prototypiques de manifestation

Comme base pour d'autres analyses que nous ferons plus avant une question très importante qui se pose est: comment les corps et les discours sont structurés dans les images en termes de régularité? En prenant les réflexions de Suz Lagazzi, « c'est l'imbrication matérielle entre le verbal et le visuel qui rend possible la critique qui se formule » (LAGAZZI-RODRIGUES, 2011).

En ce sens, après l'analyse que nous avons fait sur le corps comme support du discours dans les contextes des manifestations, nous observerons soigneusement la question de la résistance comme condition de ce qui se rapporte à *l'autre*, en termes de contraste, de distinction, dans les espaces de signification dont les corps sont placés entre la mémoire, le sociale et les différentes positions occupées par les sujets dans différents discours.

Dans cette optique (en particulier du materialism-historique), nous considérons que les sens sociaux occupent le corps et les sens d'occupation posent les corps en mouvement. Il y a des corps qui occupent des espaces, aussi bien que il y a des sens qui occupent les corps. Ainsi, il y a des discours occupés et traversés par des sens qui constituent ces corps idéologiquement.

Prenons par exemple le cas de l'image (voir figure 4) du tibétain en exil en Inde, Janphel Yeshi, 27 ans, qui s'est immolé par le feu à New Delhi le 26 mars 2012 lors d'une manifestation contre la venue prochaine en Inde du président chinois Hu Jintao. Yeshi s'est immolé dans les rues principales en plein centre de la capitale fédérale indienne.



Figure 4: Janphel Yeshi en flammes en Indie, source AFP

Ce que nous pouvons observer, c'est le corps en flammes de ce manifestant tibétain traversé par le mémoire discursive et historique du moine vietnamien Thích Quảng Đức mort le 11 juin 1963 pour s'être immolé par le feu en signe de protestation

contre la répression anti-bouddhiste de son pays. Les corps ainsi qui représentent des différents types de lutte sociale et constituent les relations entre ces corps, les manifestations et l'ideologie de résistance à l'intersection de la mémoire d'autres événements et des discours d'*autre* ⁴. En termes de mémoire discursive, ces corps et ces gestes de mettre le feu sur lui-même sont appelés par des sens qui « parle toujours avant et ailleurs » (PÊCHEUX, 1975, p. 147).

Dans un'autre point de notre analyse, nous attirons l'attention aussi vers une autre relation entre le corps et la matérialité visuelle dans les différents contextes de manifestations. Par exemple, on observe certains scènes prototypiques de manifestations telles que celles mobilisées par le groupe féministe Femen, d'origine ukrainienne et fondé à Kiev en 2008 par Anna Hutsol.

Dans l'image ci-dessous (voir figure 5), on peut observer une militante du mouvement Femen couvert avec de l'encre rouge (en imitant faux sang) et l'inscription sur lui-même « Stop Putin's War » ⁵.



Figure 5: activiste du groupe Femen entre fleurs et faux sang à Kiev

Un des les mamelons des seins de la jeune activiste sert visuellement comme apostrophe à le syntagme en anglais « Putin's War ». L'image a été capturée lors d'une manifestation du groupe Femen. Habitues aux coups d'éclats, les activistes

⁴ En ce sens, la matérialité du social interpellée par le discours d'*autre* c'est ce que Pêcheux (1983) traitait comme l'insistance de l'autre en tant que loi des espaces sociaux et de la mémoire historique.

⁵ En français: « Arrête la guerre de Putin »

Femen ont protesté seins nus devant le monastère de Pechersk Lavra à Kiev. Elles reprochent à l'Église orthodoxe d'Ukraine de supporter les différentes agressions menées par les Russes sur la population ukrainienne. Dans ce cas, il est important de souligner l'imbrication entre la matérialité visuelle et le discours de manifestations, et les effets de la matérialité signifiant verbale sur le non-verbal (ORLANDI, 1995b). En outre, le corps de l'activiste est traversé par une idéologie de lutte – une lutte qui se déroule socialement et discursivement.

En conséquence, compte tenu de ces formes de constitution du corps en tant que support du discours, nous pouvons observer une autre image qui symbolise très bien la relation entre le corps, le geste et les espaces de manifestation comme espace de dédoublements, de répliques, de polémiques et de contre-discours - tel qu'on peut noter à partir de l'image ci-dessus:



Figure 6: un jeune homme offre des fleurs aux polices en 2013 au Brésil

Dans la figure 6, on observe le corps d'un jeune manifestant, en 2013, contre la hausse des tarifs des billets pour les autobus à São Paulo, au Brésil, devant les corps des autorités policières qui se posent sur la ligne de front en formant une barrière. Cette présence de la police fonctionne sous la forme de ce que Althusser (1970) appelle les appareils répressifs de l'Etat – comme nous allons voir plus avant.

Il y a, d'un côté, des corps d'autorités policières qui cherchent à représenter un intermédiaire (de surveillance et protection apparente) et il y a, d'autre part, le manifestant qui tient une fleur dans les mains, dans un geste qui oscille entre le courage, l'audace et la recherche de la paix – en convoquant des sens dits avant et

ailleurs. En ce sens, le geste du manifestant est interpellé par la mémoire des fleurs offertes par Jan Rose Kasmir aux autorités militaires américaines, en 1967.

Ce image, par ailleurs, met en évidence comme la matérialité symbolique des fleurs s'insurge face à le pouvoir exercé par les autorités policières qui posent leur corps en position stratégique, en surveillant les manifestants dans les rues. Tel que réfléchit Althusser (1970 , p. 18) «toute la lutte des classes [...] tourne autour de l'État».

4.3. Les frontières sociales du corps en résistance

Les militants affirment que, en montrant ses seins disent les hommes qu'ils contrôlent leur propre nudité, un fait qui a généré des controverses et commentaires que ce serait seulement une façon de nourrir plus d'un média sexiste. Cependant, une chose est certaine: les seins d'une femme a été considérée pendant des années comme un symbole de la sexualité, la féminité et la maternité, et a été considéré par beaucoup comme sacré. Ils prennent quelque chose qui a toujours été l'icône de la marchandisation et l'exploitation des femmes et de donner un autre sens de la rébellion et de l'émancipation.

Sur les différentes relations entre les mouvements féministes et l'État dans les frontières sociales, nous pouvons souligner la problématique avec l'autre. L'altérité, dans ce cas est structuré dans une relation soit de tension, soit de conflit dans la discoursivization de la résistance et de la confrontation avec l'*autre*, par exemple, avec les autorités policières – comme on peut noter à partir des images suivantes:



Figure 7: militantes de Femen seins nus à Kiev, en 2010, contre le président Putin

Alors, comme nous pouvons noter dans la figure 7, il y a une contradiction par rapport aux gestes du corps de l'autorité de la police, contrairement à l'idée de sécurité et de protection. Ici entre en opération l'idéologie de la répression, l'idéologie de la violence et du pouvoir abusif de l'Etat contre les femmes manifestantes. Les effets de sens, dans ce cas, sont discursivement marquées par la contradiction. Dans ce cas, l'altérité est structurée de manière à mettre l'accent sur le sens du conflit et de tension, au lieu des sens de sécurité et de protection.

Ces relations sont des représentations, par exemple, d'une « discoursivization qui parle de l'équivocité des formulations visuelles du corps qui se déroulent dans différentes images du sujet et qui parle de la tension entre le sujet et les conditions qui le boycottent dans le social » ⁶ selon Lagazzi (2013: 110), tel que on peut voir, par exemple, dans la figure ci-dessous:



Figure 7: une militante du groupe Femen arrêtée devant le Conseil européen, en 2012

Dans ce cas, l'entrelacement entre les deux images (7 et 8) convoque et instaure l'actualisation d'un discours dans l'autre. Comme surligne Michel Pêcheux:

l'analyse des conditions dans lesquelles un nouveau discours [...] s'instaure, avec des moyens qu'il emprunte à des sciences déjà existantes ou à des représentations [...] peut être décrit comme la mise en rapport de plusieurs processus de production dont l'interaction engendre, dans certains conditions, un nouveau processus bouleversant les règles de cohérence régissant le discours antérieur (PÊCHEUX, 1969, p. 112).

⁶ À l'original en portugais traduite vers le français pour nous: « *uma discursivização que fala da equivocidade das formulações visuais do corpo se desdobrando em diferentes imagens do sujeito, fala da tensão entre o sujeito e as condições que o boicotam no social* ».

Par conséquent, considérant les conditions de la production discursive de ces images de conflit avec l'*autre* et de ces scènes prototypiques des manifestations, nous pouvons comprendre aussi le rôle de la mémoire puisque elle demande des sens interpellés par la histoire, par l'idéologie et par les sujets à les frontières sociales.

5. Conclusion

Au cours des analyses faites dans cet article, nous avons cherché à montrer le fonctionnement discursif de la matérialité signifiant du corps dans la relation corps, mémoire et discours à partir des images qui circulent sur l'internet à propos de manifestations dans différents mouvements de résistance social.

En ce sens, dans l'entrelacement des images observées, nous avons réalisé que les systèmes de signes ne signifient pas séparément. En conséquence, l'image et l'événement du discours de résistance signifient ensemble dans leur relation entre la matérialité symbolique, historique et discursive – ainsi que représentant la mémoire interpellée par l'idéologie.

D'autre part, l'événement symbolique du corps et la formulation des sens, à son tour, sont discursivisées dans le social et sont mobilisés par la mémoire. Mémoire qui se pose dans les frontières entre le corps et la résistance, plus particulièrement, entre des différents corps qui se trouvent dans les rues, de différentes manières, dans les frontières entre, par exemple, les fleurs et les autorités policières, entre les inscriptions et le dire sur le corps et le feu qui enflamme toute une société.

Les mouvements sociaux de manifestations sont structurés et formulés, en ces sens, dans une relation ouverte entre « la structure et l'événement » (PÊCHEUX, 1983). Tel que réfléchit Henry (1977) s'il est vrai que nous sommes corps, ces corps sont traversés par la langage. Mémoire, discours et sujets convoquent des sens qui glissent vers d'autre sens – différentes de ceux? marqués par l'évidence. Ils occupent des différents espaces de résistance ainsi que des différents corps en protestant.

Références

ACHARD, P. Mémoire et production discursive du sens. In: ACHARD, P.; GRUENAI, M. P.; JAULIN, D. (éds). **Histoire et Linguistique**, Actes de la table ronde « Langage et Société » Paris, 28-29-30 avril 1983, MSH, p. 235-241, 1984.

ALTHUSSER, L. Idéologie et appareils idéologiques d'État, **La Pensée**, n. 151, juin 1970.

AZEVEDO, A. F. Sentidos do corpo: metáfora e interdiscurso. **Linguagem em (Dis)curso** (Impresso), v. 14, n. 2, p. 321-335, 2014.

BALDINI, L. J. S.; SOUZA, L. L. Os sentidos tomando corpo. In: AZEVEDO, A. F. (org.) **Sujeito, corpo, sentidos**. Curitiba: Appris, p. 69-88, 2012.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. La mémoire et l'événement: le 14 juillet 1789. **Langages**, vol. 28, n. 114, p. 109-125, 1994.

HAROCHE, C.; GUGLIELMI, G. J. **Esprit de corps, démocratie et espace public**. Paris: Presses Universitaires de France, Puf, 2005.

HENRY, P. **Le mauvais outil**: langue, sujet et discours. Paris: Klincksiek, 1977.

KAËS, R. La métaphore du corps dans les groupes. Les réciprocitys métaphoriques du corps et du groupe. In: HAROCHE, C.; GUGLIELMI, G. J. **Esprit de corps, démocratie et espace public**. Paris: Puf, p. 91-117, 2005.

LAGAZZI, S. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. **Redisco**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2013. Vitória da Conquista: Edições UESB, p. 104-110, 2013.

_____. Metaforizações metonímicas do social. In: Orlandi, E. (org.) **Linguagem, sociedade, políticas**. Campinas: RG Editores, p. 105-112, 2014.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Stations dans la discursivité sociale: alternance et fenêtres. **Astérior**, n. 8, juillet 2011.

LE BRETON, D. **La sociologie du corps**. Paris: P.U.F, Que sais-je?, 1992.

ORLANDI, E. **Les formes du silence**. Dans le mouvement du sens. Édition française. Paris: Cendres, 1995a.

_____. Efeitos do verbal sobre o não verbal. **Rua**, Campinas, v.1, n.1, p. 35-47, 1995b.

_____. La ville comme espace poliitique-symbolique. Des paroles désorganisées au récit urbain. **Langage et société**, n. 96, p. 105-127, 2001.

_____. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, n. 34, p. 75-86, 2014.

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

_____. **Les Vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975.

_____. Délimitations, retournements et déplacements. **L'Homme et la société**, v.63-64, n. 1, p. 53-69, 1982.

_____. Le discours: structure ou événement? Communication inédite à la Conférence « Marxism and the interpretation of culture: limits, frontiers, boundaries » **Actes** de l'Université de l'Illinois, Urbana-Champaign, 6-12 juillet 1983.

_____. Rôle de la mémoire. In: ACHARD, P.; GRUENAI, M. P.; JAULIN, D. (éds). **His toire et Linguistique**, Actes de la table ronde « Langage et Societé » Paris, 28-29-30 avril 1983, Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984, p. 261-267.

Artigo recebido em: 27/01/2017

Artigo aprovado em: 17/03/2017

UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES SOBRE DISCUSSÕES DE GÊNERO EM UMA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

Fernanda Caiado Ferreira*

Carla Janaína Figueredo**

Resumo:

Neste texto, analiso um recorte de uma discussão ocorrida na sala de aula da disciplina de Prática Oral 1 de Inglês do Curso de Letras, Licenciatura em Inglês, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Essa discussão fez parte de uma ação pedagógica, realizada em quatro aulas, que teve como objetivo a problematização de questões de gênero social no contexto de ensino-aprendizagem de língua inglesa. A análise de dados foi feita com base no diálogo entre as teorizações bakhtinianas e as de gênero social, amparadas pela perspectiva da Linguística Aplicada Crítica. O estudo aponta para a relevância do papel do outro na construção identitária de cada sujeito, e, evidencia como a alteridade constitutiva se faz presente nas práticas de ensino da língua inglesa. Portanto, da diversidade estabelecida nas discussões, percebo a importância do diálogo, assim como da instabilidade característica do pensar crítico, na formação ética do sujeito.

Palavras-chave: *Gênero; Dialogismo; Ética; Ensino crítico de inglês; Responsividade ativa.*

Abstract:

In this paper, I analyze a fragment of a discussion occurred during an English Oral Practice 1 lesson, in the Letras Course of Universidade Federal de Goiás (UFG). This discussion was part of a pedagogical action, implemented in four classes, which aimed at problematizing gender issues in an English teaching-learning context. The problematization and reflections were based on the dialog between Bakhtin's theoretical framework and gender theory, supported by the perspective of Critical Applied Linguistics. The study indicates the relevance of the other in the identity construction. Furthermore, it indicates the presence of the otherness constitution in an English language classroom. Therefore, from the diversity established in the discussions, I perceive the importance of the

* Possui graduação em Direito - Faculdades Objetivo (2005). Atualmente é graduanda em Letras /Inglês pela Universidade Federal de Goiás e, mestranda do programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG. É bolsista pela CAPES e tem como foco de interesse os estudos linguísticos, com ênfase no ensino e aprendizagem de inglês. Contato: fernandacferreira@gmail.com.

** Possui graduação em Letras Português-Inglês (1998), mestrado (2001) e doutorado (2007) em Letras e Linguística, todos realizados na Universidade Federal de Goiás. Atualmente, é professora efetiva da Área de Inglês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Contato: cjfigueredo2@gmail.com

dialog, as well as the instability, which is a characteristic of thinking critically in one's ethical formation.

Keywords: *Gender; Dialogism; Ethics; English critical teaching; Active responsiveness.*

INTRODUÇÃO

Apesar de haver sofrido significativas mudanças nas últimas décadas, o ensino de idiomas ainda é desenvolvido, predominantemente, por meio de métodos estruturalistas que desconsideram fatores históricos e sociais. Contrário a esse posicionamento, o ensino crítico de língua inglesa propõe a problematização de práticas sociais hegemônicas e a produção de conhecimento linguístico que compreenda o caráter social da linguagem. Essa compreensão traz a necessidade de questionar as escolhas ideológicas e políticas que atravessam nossa prática discursiva (PENNYCOOK, 2001; KUMARADIVELU, 2012).

Diante disso, faz-se assim necessário, de acordo com perspectivas críticas de ensino sustentadas por autores como Freire (2004), Pennycook (1989, 2001), Louro (2007), entre outros, considerar os interesses a que servem os conhecimentos produzidos por meio de uma contínua autorreflexão. Os referidos autores defendem que o processo de ensino-aprendizagem deve abrir caminhos para uma pedagogia problematizadora, pois a educação é um ato político.

De acordo com Pennycook (1989) e Kumaravadivelu (2012), é necessário que haja uma mudança no que concerne ao ensino de língua inglesa, não apenas para que se possa promover o conhecimento da língua, mas também para que as/os alunas/os possam desenvolver uma maior consciência sociopolítica. A meu ver, a educação deve ter como propósito o desenvolvimento crítico das/os alunas/os, para que assim elas/eles sejam capazes de avaliar melhor as relações de desigualdade persistentes na sociedade. Desse modo, com base na concepção de que micro e macrorrelações são indissociáveis, entendo que práticas educativas problematizadoras podem levar a uma reorganização mais justa da sociedade.

Na concepção dialógica da linguagem, desenvolvida por Bakhtin e seu Círculo (BAKHTIN, 2003; SOBRAL, 2009; FIGUEREDO, 2012) – a qual subsidia este estudo –, a língua é concebida como interação entre subjetividades, não podendo ser desvinculada de seu aspecto discursivo. Assim, é com base nesses preceitos que se dá a análise dos dados coletados em uma sala de aula de língua inglesa com discussões focadas na concepção de gênero social. A problematização e reflexão sobre os dados

foram feitas com entrelaçamentos das teorias bakhtinianas e de gênero social, abordadas na próxima seção e amparadas pela perspectiva da Linguística Aplicada Crítica.

Este estudo analisará um recorte de uma discussão em sala de aula, da disciplina de Prática Oral 1 de Inglês, ministrada por uma professora do Curso de Letras, habilitação Licenciatura em Inglês, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). A disciplina é composta de alunas/os do primeiro período do curso de Letras e o estudo se pautará pela seguinte pergunta de pesquisa: de que forma os participantes dessa investigação compreendem e se posicionam em relação às questões de gênero social no contexto de ensino-aprendizagem de língua inglesa? Tal trabalho se torna relevante na medida em que as/os alunas/os terão a oportunidade de analisar suas concepções de gênero a partir de problematizações acerca do tema, além de propiciar uma maior conscientização e reflexão sobre suas identidades como homens e mulheres na sociedade.

Além disso, entendo que, como consequência do desenvolvimento de suas reflexões sobre questões de gênero, as/os alunas/os podem se tornar mais conscientes quanto à produção de discursos machistas e hierarquizados reproduzidos pela língua inglesa, os quais contribuem para manter relações de desigualdade de gênero. Portanto, este estudo pode trazer subsídios para a Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK, 1989) na medida em que visa problematizar questões de privilégio, poder, opressão, desigualdades e injustiças entre homens e mulheres.

1 GÊNERO E DIALOGISMO

Por muito tempo, linguistas e psicolinguistas concentraram seus estudos em investigar o modo como a língua é adquirida, explorando processos e estratégias internas utilizadas pelos aprendizes no ensino-aprendizagem de língua. Assim, aspectos sociais, culturais e discursivos eram desconsiderados no processo de aquisição de uma língua estrangeira. Essa dissociação era feita, ainda que tais aspectos “[...] pudessem ser reconhecidos como variáveis potenciais capazes de ajudar ou atrapalhar o desenvolvimento de um conhecimento puramente interno por um indivíduo” (MARCHENKOVA, 2005, p. 172). Para Bakhtin, no entanto, a língua não pode ser desvinculada de seus aspectos dialógico e discursivo.

Analisando os construtos bakhtinianos, Sobral (2009) explica que a concepção de língua do Círculo é de natureza dialógica

[...] porque propõe que a linguagem (e os discursos) tem seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem. (SOBRAL, 2009, p. 32).

Ainda segundo o autor (2009, p. 32), a “[...] concepção de língua e discurso proposta pelo Círculo é essencialmente ativa, e, portanto, centrada no agente”. Na perspectiva dialógica, o ato verbal, no qual são produzidos os enunciados concretos, constitui o objeto de estudo. No entanto, a relação dialógica deve ser entendida de maneira atemporal, já que:

[...] mesmo que um determinado locutor esteja distante do seu interlocutor no tempo e no espaço, ou suponhamos que jamais tenha havido um encontro com eles antes, é possível estabelecer uma relação dialógica entre ambos, se tão somente houver uma confrontação ou convergência de sentidos entre os mais diversos pontos de vista e opinião. (FIGUEREDO, 2012, p. 70).

Percebe-se, assim, a relação dialógica estreitamente conectada ao conceito de interação, que pressupõe o diálogo entre os discursos. Os discursos refratam a realidade e, dessa maneira, são sempre constituídos por seus contextos sociais, culturais e históricos. Essa atenção à influência de aspectos contextuais na língua é um dos fatores que têm norteado os estudos críticos na área da educação linguística, inspirados em autores como Freire (2004), Pennycook (1989, 2001), Louro (2007) e Kumaravadivelu (2012), que concebem o ensino como prática problematizadora e questionam a neutralidade dos discursos. Para esses autores, os discursos sempre carregam em si ideologias entrelaçadas ao contexto social, histórico e político do sujeito, as quais promovem representações de identidades (LOURO, 2007). Conforme afirma Louro (2007), os discursos instituem diferenças e promovem verdades sobre os sujeitos e seus corpos.

No mesmo sentido, Sobral (2009) explica que o Círculo bakhtiniano entende que nossa consciência individual é atravessada pela ideologia que se manifesta através da linguagem. É na linguagem, mais especificamente na interação, que os signos surgem, atendendo às necessidades sociais de cada sujeito. O autor adverte que a linguagem é

[...] o fenômeno ideológico por excelência e ao mesmo tempo é um material semiótico que não pertence a nenhum campo específico da criatividade (entendida como faculdade de criação de sentidos)

ideológica, prestando-se por isso a funções ideológicas de qualquer tipo. (SOBRAL, 2009, p. 77).

É por meio do processo comunicativo que a ideologia é expressa no signo, e é nesse processo que “[...] os interlocutores dão vida às palavras, que valores agregados ao que é dito são colocados frente a frente e, por conseguinte, estabelecem um diálogo com os valores da sociedade” (FIGUEREDO, 2012, p. 71). Assim, percebe-se que a palavra serve à expressão de diferentes realidades e à função ideológica sem, no entanto, pertencer a ela, e é, ainda, constituidora da prática comunicativa e intrinsecamente relacionada a todo ato consciente (SOBRAL, 2009). Desse modo, os signos são a própria materialidade da consciência e pertencem ao grupo social em que as interações ocorrem, representando valores de uma determinada sociedade.

Nos estudos de gênero emergem pensamentos consonantes aos bakhtinianos no que se refere aos diferentes valores presentes nas diversas sociedades. Para Louro (2007), algumas características físicas, psicológicas, sociais e outras; podem ser entendidas como fundamentais em determinada sociedade e não em outra. Ademais, esse entendimento da variabilidade de valores nos permite entender “[...] que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo” (LOURO, 2007, p. 49). Por isso as representações de gênero e sexo se materializam através de sinais e códigos culturais em consonância com o sistema de dominação de uma certa cultura.

Assim sendo, os valores da sociedade expressos nos signos não serão homogêneos e dependerão do lugar de onde se fala. Há, portanto, um desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior, o qual é explicitado por Bakhtin (2003) através de conceitos como “excedente de visão” e “exotopia”, que trazem subsídios para a análise das relações dialógicas. Nessas relações, há sempre um deslocamento entre o eu-para-o-outro e o eu-para-mim: a exotopia seria um colocar-se no lugar do outro e o excedente de visão representaria o ato de observar o outro fora de mim.

O excedente de visão se torna possível na relação com o outro, a qual é condicionada “[...] pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo; porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim” (BAKHTIN, 2003, p. 21). O sujeito, conseqüentemente, constitui-se nas relações que estabelece socialmente e é pensado “[...] em termos de uma interação constitutiva com a sociedade: assim como precisa da sociedade para existir como tal, o sujeito constitui, em suas relações com outros sujeitos, essa mesma sociedade” (SOBRAL, 2009, p. 47).

Como o sujeito é “povoado” por outros sujeitos, a sociedade não pode ser dissociada das relações entre os sujeitos pertencentes a ela.

Da mesma forma que o sujeito bakhtiniano é inacabado e se constitui em suas relações sociais, para a perspectiva defendida pelos estudos de gênero social, a identidade é construída através de diversas instituições e práticas sociais. Meyer (2007, p. 16) adverte que a perspectiva de “[g]ênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo e harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.” Depreende-se, assim, que a natureza constitutiva do sujeito é partilhada pelos dois campos teóricos.

Segundo Louro (2007), nós, educadoras/es, devemos compreender como são reproduzidas as diferentes representações discursivas que instituem as diferenças, bem como problematizar a maneira como elas se estabelecem nas práticas pedagógicas. Conforme expõe,

Precisamos prestar atenção às estratégias públicas e privadas que são postas em ação, cotidianamente, para garantir a estabilidade da identidade ‘normal’ e de todas as formas de culturas a ela associadas; prestar atenção às estratégias que são mobilizadas para marcar as identidades ‘diferentes’ e aquelas que buscam superar o medo e a atração que nos provocam as identidades excêntricas. (LOURO, 2007, p. 51).

Dessa forma, nota-se que nossas identidades como homens e mulheres são constituídas em nossas “comunidades de práticas”, concepção apresentada por Osterman e Fontana (2010, p. 11) aos estudos de gênero. As autoras defendem que as identidades de gênero são negociadas “[...] por meio da participação dos indivíduos em comunidades de práticas, e que gênero é mutável e aprendido em comunidades”.

É com base nessas discussões que compreendo a necessidade de problematizar as práticas discursivas no que concerne as representações de gênero, no intuito de refletir a respeito de como as/os discentes se posicionam e compreendem as discussões em sala e aula.

2 O ENSINO CRÍTICO E A RESPONSABILIDADE ATIVA

Pennycook (2001) prescreve a necessidade de que a Linguística Aplicada Crítica estabeleça relações entre Linguística Aplicada e questões mais amplas, tais como domínios sociais, culturais e políticos. Dessa maneira, teóricas/os dessa área defendem a necessidade de “[...] compreender as relações entre sociedades, ideologia,

globalização, colonialismo, educação, gênero, racismo, sexualidade e enunciados, traduções, diálogos, gêneros textuais, aquisição de segunda língua e textos midiáticos” (PENNYCOOK, 2001, p. 5). Esse autor argumenta também que desigualdades e transformações sociais devem ser o foco central do trabalho crítico.

Para que essa ponte entre a Linguística Aplicada e compromissos éticos seja estabelecida, Pennycook (2001) entende que nossas práticas educativas devem ser pautadas em decisões éticas, haja vista que a atual sociedade pós-moderna não concebe uma moralidade normativa ou um conjunto de regras para seguir. Desse modo, a visão ética deve ter como foco a responsabilidade com o outro (PENNYCOOK, 2001, p. 137). Essa visão conseqüentemente nos leva a pensar de uma maneira mais responsável a aquisição de línguas, bem como compreender os efeitos de nossas práticas no outro. De acordo com Silvestre, Figueiredo e Pessoa (2015), é preciso ir além das dicotomias macro e micro. Para as autoras,

O desafio que se coloca está em entender os contextos das salas de aula sem reduzi-los a simples reflexos da ordem social ou alocá-los como tendo total livre arbítrio, uma vez que tudo que dizemos e fazemos é afetado por questões sociais de poder. Nesse sentido, a sala de aula é vista como um microcosmo do mundo social e cultural mais amplo, mas que não apenas reflete e reproduz esse mundo como também o muda (SILVESTRE; FIGUEIREDO; PESSOA, 2015, p. 118).

Moita Lopes (2006, p. 103), em suas considerações com relação à ética na Linguística Aplicada, ressalta: “quando se enfatizam o sujeito social e sua relação com a alteridade, assim como sua heterogeneidade na construção do conhecimento, como fiz aqui, as questões relativas à ética e poder são intrínsecas.”

Ao relacionar a concepção de ética com a alteridade constitutiva, mais uma vez compreende-se a relação entre os construtos do ensino crítico com os preceitos bakhtinianos. Pires e Sobral (2013) afirmam que o filósofo russo apregoava que o ato ético seria um ato participativo e, portanto, “[...] não indiferente, solidário, responsável e responsivo do agir humano no mundo concreto social e histórico” (PIRES; SOBRAL, 2013, p. 205). Assim, todo ato deve ter como pressuposto a preocupação com o outro, a responsabilidade ética de agir no mundo. E essa responsabilidade advém do fato de que “[n]ossos atos concretos realizam (não concretizam) o Ser único da humanidade de que participo e pelo qual sou responsável” (GERALDI, 2010, p. 284).

Nos dizeres de Freitas (2010), fundamentados em Bakhtin (1993), a realidade da unicidade do ser subentende a participação única do eu no mundo, amparada pelo entendimento do meu não-álibi nele. Ainda de acordo com a autora, “[a] ação ética

surge da consciência de que cada ato é irrepitível e que a responsabilidade é intransferível” (FREITAS, 2010, p. 187). Portanto, o agir ético como responsabilidade ética significa “[...] a não indiferença, o inverso da omissão e do esquecimento. Ora, pretender ocupar tal posição nos situa no tenso lugar contra o individualismo e o pragmatismo da sociedade contemporânea” (KRAMER, 2013, p. 32).

Sendo assim, entendo a necessidade de agir no mundo e de nos colocarmos no lugar do outro como construtos básicos norteadores de uma prática educativa comprometida com princípios éticos. É com base nesses construtos que analiso a seguir, uma interação ocorrida em sala de aula com discussões pautadas na problematização de gênero social.

3 CONTEXTO DE PESQUISA

A pesquisa em sala de aula, da qual extraí o recorte de uma discussão em sala de aula, analisada a seguir, consistiu na problematização do tema “gênero”, realizado em quatro aulas na turma de Prática Oral 1 da Faculdade de Letras no primeiro semestre de 2016. A turma era composta de 11 alunas/os, mas apenas sete assinaram o Termo de Consentimento para participar da pesquisa. As alunas, no referido termo, escolheram nomes fictícios, com exceção da aluna Patrícia, que manteve seu nome, e, assim, me referi a elas durante a análise.

Outra participante do estudo em questão é a professora regente da turma, que gentilmente me permitiu realizar a coleta de dados durante suas aulas. As aulas foram ministradas por mim, mas contaram com a contribuição ativa da docente na condução das discussões, tornando-as ainda mais ricas.

3.1 As aulas de cunho crítico

As quatro aulas tiveram a duração de uma hora e quarenta minutos cada. A primeira teve como intuito introduzir o ensino crítico e, para isso, foi problematizado o entendimento prévio que as alunas tinham sobre o assunto. Posteriormente, após a transmissão de uma entrevista com Paulo Freire, foram discutidas as principais ideias relativas ao ensino de línguas na perspectiva crítica.

Na primeira atividade da segunda aula, as alunas tinham como tarefa descrever homens e mulheres por meio de adjetivos. Em seguida, ao mostrar figuras

de mulheres em papéis tidos como tipicamente “masculinos”, dirigindo caminhões, lutando artes marciais e outros, elas novamente deveriam retratá-las utilizando adjetivos. O propósito do exercício era perceber se encontrávamos discrepâncias em relação às duas descrições. Logo após, foi promovida uma discussão a respeito de como formamos nossos conceitos sobre homens e mulheres, com o objetivo de prepará-las para a exibição de um vídeo que ilustra a influência da mídia em nossas concepções sobre gênero.

Na terceira aula, estereótipos de gênero foram debatidos por meio de pequenos textos, discutidos em dupla, que tinham como foco as seguintes perguntas: *What is gender?, What is gender identity?, What is feminine?, What is masculine?, What are gender roles?, What are gender stereotypes?, How can we challenge gender stereotypes?* Da discussão dessas questões, foi extraído o recorte analisado a seguir. Mais precisamente, a transcrição começa a partir do debate acerca da questão *What are gender stereotypes?*, para, em seguida, discutir *How can we challenge gender stereotypes?* Além dessas questões, foram abordados assuntos relacionados ao estupro coletivo de uma menina no Rio de Janeiro, o qual gerou grande comoção em todo país, e à tabela dos Jogos Universitários Internos da Universidade Federal de Goiás (InterUFG), em que mulheres eram pontuadas de acordo com suas características físicas e sociais.

Na quarta aula, o tema abordado foi igualdade de gênero, e a discussão foi feita por meio de um texto no qual a realidade de mulheres em diversos países é explicitada, demonstrando a diversidade de concepções de gênero. Por fim, um vídeo ilustrando a relação entre educação e políticas de igualdade foi exibido e problematizado.

3.2 Recorte da terceira gravação, do dia 7 de julho de 2016

O trecho a ser discutido nesta seção é um recorte das discussões ocorridas no terceiro dia da pesquisa, durante o exercício explicitado anteriormente. A aluna Patrícia inicia sua fala elucidando o fragmento discutido com sua colega, o qual tinha como foco a explicação da pergunta *What are gender stereotypes?* Cada dupla era responsável por debater os questionamentos feitos para, posteriormente, explicar o conteúdo para a turma com suas palavras, além de emitir opinião a respeito do texto.

A transcrição foi realizada de maneira quase literal, sendo eliminadas apenas as repetições desnecessárias, possibilitando perceber claramente as reflexões feitas pelas alunas de acordo com o seu repertório linguístico:

1. Patrícia: I think it is because... ahn, not male or female, it is no biological. Because we live in a society and people... if a woman go to doctor and find out the sex of the baby and so “Oh, she is a girl!” or “Oh, he is a boy!” And this because they associate being a woman or being a boy with our genitals, not thinking about, “Oh, it doesn’t matter the biological, she is a woman and she decides!” But it doesn’t exist because we were born in a society with rules, the impose our rules.
2. Karol: I don’t think like this. I think it is difficult, but we have to do something! We have to know that society is that way, yes it is, but if we want to change, we have to start to do this change! You don’t have just to think that “Ah, the society is sexist, the society is machist, the girls have to this thing or the boys have to do this thing because society think this way!” Ok, but, if you want to change the situation, we have to do something. It is hard, we gonna confront with a lot of problems and suffer prejudice.
3. Rosane: But how can you change?
4. Fernanda: This is the next question: How can you challenge gender stereotypes?
5. Karol: Acting different than society want us to do.
6. Fernanda: But how can you challenge everyone?
7. Rosane: Yes, personally, not in general, because it is easy to talk in general!
8. Sinye: It is complicated, like to change my parents think about, but it is possible. Can I give an example?
9. Fernanda: Of course!
10. Sinye: When ... ahn... everyone remember the case of the girl who was roped for thirty men.
11. Fernanda: raped.
12. Sinye: Ok, raped. So, my father saw and he said: “Oh, my god, people are talking is the girl fault?”, “Oh, this is awful!”, and he was so bad! And before he didn’t think like this so, he changed! And how? When we talk a lot, he is changing. But sometimes this doesn’t happen. Like my mother, she is changing but she is very, very, stubborn. So, we can start to talk with people older and younger than us. We are all... I don’t know, you can be a teacher right? So, if you can be a teacher, you have to teach the girls and the boys about this. To talk about this, is not the subjects, it is talk about the matters and things like this, the profession is very important!
13. Fernanda: And like you said, you can talk with your father, of course, he is not going to be another person, but he started to change a little bit, in his opinions. And you, what could you do?
14. Karie: I don’t know.
15. Fernanda: And you Karie?
16. Karie: I think it is a little hard to.... Ahn..., but the question is for changing me or the others?
17. Fernanda: Change your relations, you and the others.
18. Karie: I don’t like to ahn... discutir.
19. Fernanda: Argue, discuss. It depends on what you want to say.
20. Karie: Discuss about this subject. I don’t like, because it is her opinion, I don’t think they can change, or that a person can change! I think somebody is like that, even the internet, like posts, like I follow a page and when I see the comments, it is like: “Oh my god how can he think like that?” And I don’t know, he can change, but only if he or she wants! But I don’t like to discuss this thing because... only if she or he wants! But I don’t go to influence anybody to change your mind. Only if he talk wrong, like hate, but I don’t like to talk about this.
21. Rosane: But you see, Sinye said her father changed his opinion.
22. Bruna: It is hard to, I mean... you talk about something and I just get you and say: “You have to change your opinion!”

23. Fernanda: But you are never going to talk to somebody like this, this is stupid.
24. Bruna: But that's what people try to do! That's what I was trying to say! Like, you don't have right to...to impose.
25. Fernanda: You cannot impose your opinion, but you can talk about. Don't you think that you can see from another perspective? Maybe you couldn't realize something, like, for example. Let's talk about the raped, lots of people said this girl she was guilty because, she was there, she was at 5 o'clock in the morning with, I don't know, twelve guys, so she wanted to be raped! Like, you can agree with this opinion, but I don't think that those facts give them the right to do what they did with her! And think about it, if you have a boy, and he is in a baile funk, girl is there too, they are in the same place, but the girl is guilty because she is putting herself in dangerous, the boy is not. So, if you are a girl and go to a baile funk, you are putting yourself in dangerous, and I think this is really unfair. In my opinion, is better to say that girls cannot go to these places because, if they go, they are putting themselves in dangerous. But, of course, this is my opinion, you don't have to agree. But this is the thing, you have to talk about it, not impose your idea.
26. Bruna: I think that is the problem of the argument. You start talking and you think you are right, that is the mistake! When you try to talk with people that doesn't have the same opinion as you, you don't start try to understand their opinion, you start trying to change it. That is the person mistake and that is why it this discussions never works, and that why it is not a good thing to do, and I agree with her!
27. Fernanda: So, what would you do when you don't agree with someone, you just stay quiet?
28. Bruna: No, it is just that sometimes. I don't have patience to talk about it! It's just "Oh my god, this person is going to talk, talk, talk!"
29. Patrícia: I think we have talk about things that exist, for example, gender! Is... Gender some years ago was impossible to discuss and, if you don't discuss about, try to, not try to impose your opinion, but try to discuss about things, to change, maybe change minds! It is important and when we think about women situation in society. I don't want to talk about this or that, ahn ..., it's passive way to live and we can change nothing, and here we are going to be teachers and I think is important to try to discuss things because, if you don't discuss about things, don't exist and this is the problem! Because these things are important and as Fernanda said. "Why girls are guilty and boys no?"
30. Fernanda: Yes, but maybe I was imposing my opinion, right? She was right, maybe, I was imposing.
31. Patrícia: But we have to discuss because with you don't discuss the things can't change.
32. Fernanda: Yes, for example, I have some friends, they have kids. Their husbands always go out once a week, go with their friends and they do something for their own pleasure. And, sometimes, my friends want to go to my house without their children, but they don't feel secure to ask their partners to take care of their kids for two hours, like they always do! So, this is the thing, if you don't discuss small things, your life is going to be harder than men's life. With small things you are going to suffer because you don't have a voice in your house!
33. Rosane: Yes, that's it, Bruna and Karie! Because we are talking about the others, but think about these things happening to you. You see, it is because it doesn't affect you or you think it doesn't affect you, but it can affect you and them? For example, you can have a teacher harassing you, and I've been hearing a lot about this at the University, so, what do you do? Nothing? Because you don't want to discuss! So, you see, this discussion is important because it may happen to you and then, how would you react? Would you do nothing? Just because you are not used to discussing, or not used to make your voice heard? And here we are thinking about a very strong example, but, for example, when we have men in class, they speak more the women. Is it ok? You see, if you don't discuss you are going to accept the way things are. Because if you think [like that], nothing is going to change! Everybody should do their part. We have to do our part, otherwise, nothing will change.
34. Bruna: I'm not saying that we can never discuss.
35. Patrícia: Yes, are small things, for example, in my house my little brother doesn't wash the dishes.
36. Fernanda: Yes, small things. "No, I am not going to do more than you!"

37. Patrícia: Yes, and sometimes he cries in my knees because he has to do something in the house. But I talk to him about things that we see on TV, the way that we look.

No primeiro turno de fala de Patrícia (turno 1), proveniente da pergunta *What are gender stereotypes?* a aluna traz reflexões a respeito do determinismo e da homogeneização que podem ocorrer através de representações hegemônicas:

RECORTE 1 -I think it is because... ahn, not male or female, it is no biological. Because we live in a society and people... if a woman go to doctor and find out the sex of the baby and so, 'Oh, she is a girl!' or 'Oh, he is a boy!' And this because they associate being a woman or being a boy with our genitals, not thinking about, 'Oh, it doesn't matter the biological, she is a woman and she decides!'

Furlani (2007) argumenta que a associação equivocada da sexualidade a órgãos sexuais tende a gerar situações de exclusão social que hierarquizam diferenças e contestam questões subjetivas estreitamente relacionadas à construção da sexualidade. A autora também adverte que tais associações se justificam em uma lógica de sexualidade reprodutiva, em detrimento de outras formas de vivência sexual. A ênfase na reprodução acaba por legitimar apenas relações heterossexuais, bem como acentuar a incompreensão em relação aos relacionamentos homossexuais, e, ainda, dificulta a associação da sexualidade ao prazer e engessa a ideia de família. Além de tais aspectos, da fala de Patrícia, também se depreende a compreensão do sujeito como dialógico e social, constituído de suas interações, ao estabelecer que é uma escolha ser mulher ou homem.

No desenrolar da discussão, da fala de Sinye (turnos 8 e 12), emergem as concepções de sujeito inacabado e alteridade constitutiva apregoados por Bakhtin (2003). A aluna demonstra o entendimento de que é possível transformar o sujeito a partir de suas práticas sociais ao dar o exemplo das modificações sofridas por seu pai como resultado das discussões realizadas por ela:

RECORTE 2 -Ok, raped. So, my father saw and he said: 'Oh my good people are talking is the girl fault?', 'Oh this is awful!', and he was so bad! And before he didn't think like this so, he changed! And how? When we talk a lot, he is changing.

Ela cita a reação de seu pai diante do caso do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro, demonstrando uma mudança de perspectiva por parte dele. O crime, por conta de sua grande repercussão, acabou gerando diversas discussões a respeito da chamada "cultura do estupro" no Brasil. Várias manifestações ocorreram em todo o país contra a tendência machista de criminalizar as vítimas desse tipo de crime. De

forma realista, a estudante explicita o poder do discurso na concepção de gênero e demonstra o poder das interações na formação de cada sujeito.

O conceito de sujeito inacabado, em contínua construção, reflete-se em sua fala, tendo em vista que esse conceito prevê que nossas relações sociais estão sempre nos constituindo e são estreitamente responsáveis por nossa subjetividade, a qual não pode ser isolada de nossas interações (Sobral, 2009). Da mesma maneira, Meyer (2007) argumenta que a identidade de cada sujeito é formada através das diversas instituições e práticas sociais, na sociedade em que está inserido. Portanto, a alteridade constitutiva também se mostra presente em seu entendimento. Ainda, o sujeito ético, o qual subentende uma atitude ativa em relação ao outro, também é ilustrado em sua argumentação (turno 12):

RECORTE 3- So we can start to talk with people older and younger than us. We are all... I don't know, you can be a teacher, right? So, if you can be a teacher, you have to teach the girls and the boys about this. To talk about this, is not the subjects, it is talk about the matters and things like this, the profession is very important!

A aluna ressalta a importância de discussões que não sejam pautadas apenas pelo ensino da “matéria”, termo que pressupõe o ensino de disciplinas em seu aspecto meramente estrutural ou conteudista. Entendimento esse que vai ao encontro das propostas de Pennycook (2001), para quem o ensino de língua inglesa deve abordar temas que promovam o diálogo no que concerne à desigualdade. A discente demonstra perceber a necessidade, como futura professora, da problematização de temas contextuais que promovam a transformação social. No que concerne a atitude responsiva, condição do agir ético, esta é evidenciada em sua fala ao determinar a relevância de temas críticos.

A responsividade ativa também ressoa na fala de Karol (turno 2), que explicita a necessidade de agir como forma de mudar a sociedade ao apregoar:

RECORTE 4- I don't think like this. I think it is difficult, but we have to do something! We have to know that society is that way, yes it is, but, if we want to change, we have to start to do this change! You don't have just to think that 'Ah the society is sexist, the society is machist, the girls have to this thing or the boys have to do this thing because society thinks this way!' Ok, but if you want to change the situation, we have to do something. It is hard, we gonna confront with a lot of problems and suffer prejudice.

O conceito do não-álibi do ser determina que nossos atos são irrepetíveis e nossas responsabilidades intrasferíveis. Assim, o descontentamento com esse ou aquele comportamento que nos cerca deve ter uma reação advinda de nós mesmos.

Karol, em consonância com os pressupostos de Bakhtin, entende que não podemos alegar irresponsabilidade por uma sociedade da qual fazemos parte. Não existe álibi do ser, o sujeito é situado cronologicamente, e o agir ético pressupõe a necessidade de atuar no espaço e no tempo em que o mesmo se encontra. O recorte 4 dá indícios de que Karol entende sua unicidade e, conseqüentemente, sua necessidade de agir na sociedade da qual faz parte.

Das práticas discursivas de Karie, no entanto, transparece uma atitude que denota resistência à necessidade de agência, característica do ato ético. Tal atitude pode sugerir uma alteridade constitutiva, inserida em micro e macro culturas em que predominam a falta de criticidade em seus discursos, condição que acredito ser partilhada pela maioria de nós, já que vivemos num mundo no qual predominam discursos hegemônicos, ou mesmo, pode ser entendida como um posicionamento contrário aos argumentos da professora sobre a necessidade de agir, como podemos inferir do seguinte excerto transcrito (turno 20):

RECORTE 5 - Discuss about this subject. I don't like, because it is her opinion, I don't think they can change, or that a person can change! I think somebody is like that, even the internet, like posts...like, I follow a page and when I see the comments, it is like: 'Oh my good how can he think like that?' And I don't know, he can change, but only if he or she wants! But I don't like to discuss this thing because... only if she or he wants! But I don't go to influence anybody to change your mind. Only if he talk wrong, like hate, but I don't like to talk about this.

Karie argumenta que sua falta de interesse em tomar parte em discussões que envolvam relações de desigualdade entre gêneros é proveniente da impossibilidade de “mudar” alguém. Dessa forma, ela parece demonstrar a concepção de um sujeito acabado, não passível de mudanças e, ao mesmo tempo, indolente em oposição ao sujeito ético, o qual exige uma atitude responsiva, não indiferente e responsável por seus atos. Demonstra, ainda, sua incapacidade de imaginar a realidade de outra maneira, o que, para Pennycook (2001), é característica do pensar e agir ético.

Para esse autor, a responsabilidade pelo outro deve fazer parte do pensamento ético, e essa falta de responsabilidade transparece na fala de Karie, possivelmente causada por forças centrípetas, que, de acordo com o Círculo, tendem a uniformizar o pensamento. Tais forças podem ser caracterizadas como normas que “[...] funcionam como forças de unificação e centralização em confronto com as diversidades impulsionadas pelo plurilinguismo” (MELO, 2010, p. 250).

A homogeneização do pensamento, que, por vezes, se apresenta como consequência da naturalização da diferenciação e desigualdade entre homens e

mulheres, é também representada na fala de Bruna (turno 28), na qual estabelece a falta de paciência para realizar discussões: “*No, it is just that sometimes, I don’t have patience to talk about it! It’s just. Oh my god, this person is going to talk, talk, talk!*”. Fraga (2007, p. 100) argumenta que, em razão do desenvolvimento científico que originou diversas pesquisas biológicas, “[...] [a] explicação para o caráter passivo e indolente das mulheres ganha estatuto científico, migra da cultura para o interior das células; justifica destinos e posições sociais diferentes nas relações de gênero”.

Assim sendo, a conduta ética das alunas sugere práticas interativas permeadas por diferenciações binárias que reforçam uma atitude passiva e pouco questionadora por parte das mulheres. O mito de que as mulheres falam muito, amplamente disseminado pelo senso comum, há muito foi sobreposto por estudos da linguagem que mostram que, diferentemente desse estereótipo misógino, os homens tendem a dominar as conversas e a interromper as mulheres (TANNEN, 2010). Não obstante, as alunas não se mostram conscientes dessas práticas, o que talvez contribua para a falta de interesse em problematizar assuntos críticos, tais como o debatido em sala de aula.

Por outro lado, de acordo com Pennycook (2001), aulas baseadas na perspectiva crítica não devem ser meros campos de reflexão sobre a ordem social ou mesmo um lugar para atividades livres, guiadas apenas pela vontade dos indivíduos participantes. Conforme afirma, devemos nos atentar para a “falsa” liberdade de pensamento, tendo em vista o controle das instituições exercido pelas classes dominantes. Assim, o maior desafio seria balancear as relações de poder que se estabelecem em sala de aula sem, no entanto, deixar de preservar a autonomia dos/as alunos/as.

No turno de fala 22, Bruna demonstra resistência quanto ao tema, como podemos perceber em sua fala: “*It is hard to, I mean... you talk about something and I just get you and say: ‘You have to change your opinion!’*”. A aluna, na tentativa de justificar sua dificuldade em tratar de assuntos críticos, simplifica de maneira ingênua o diálogo que poderia ser estabelecido de modo mais apropriado e com argumentação coerente.

No entanto, como professora, falho e acabo por agir de maneira hierárquica ao refutar seu argumento. Ao tentar contrapor a falta de argumentação de Bruna, respondo de maneira brusca, ignoro a minha responsabilidade ética e não me ponho no lugar da aluna. Ao responder com agressividade, digo que ninguém conversa dessa maneira, ou seja, impondo algo a alguém, e que isso seria estupidez, “*But you are*

never going to talk to somebody like this, this is stupid”(turno 23). Com essa fala, desconsidero a autonomia de pensamento da estudante e toda sua alteridade constitutiva.

Severo (2013), descrevendo as análises de poder de Foucault, explicita que o poder autoritário tradicional opera das seguintes formas:

[...] (i) de forma negativa, rejeitando, negando, ocultando, impedindo; (ii) ditando as regras de funcionamento, por exemplo, a lei que diz o que é lícito ou ilícito; (iii) pela interdição, ameaçando, castigando e proibindo; (iv) afirmando a inexistência e impedindo a manifestação; (v) impondo um modelo uniforme e geral de submissão em todas as instâncias sociais (SEVERO, 201, p. 153).

A base do pensamento crítico é combater práticas hegemônicas que uniformizam o pensamento e agem como forças centrípetas. Não obstante, ao tentar problematizar gênero em sala de aula, coloco-me de maneira autoritária, impondo meu pensamento. Ora, se essa imposição de pensar desse ou daquele modo é justamente o que se tenta combater no ensino crítico, penso que minha fala foi incoerente com os objetivos pretendidos. Essa inabilidade ao tratar a resistência da aluna, talvez, advenha de minha própria constituição identitária, a qual se deu na interação com diversas instâncias de poder autoritárias.

De acordo com Severo (2013, p. 160): “Para Bakhtin, a verdade única e monológica é fruto de embates ideológicos e das forças centrípetas e centralizadoras”. Isso demonstra a necessidade de uma contínua autorreflexão no que concerne a minha prática como professora. Consegui perceber, de forma clara, minha incapacidade ao tratar do assunto, o que me fez refletir a respeito de minhas futuras práticas em sala de aula. Entendo, também, que houve uma tentativa, da minha parte, de contemporizar e argumentar de maneira mais dialógica nos seguintes turnos de fala (25, 27, 30, 32). No entanto, após uma resposta tão abrupta, é grande a possibilidade de aumentar a resistência por parte da aluna.

Não obstante, se por um lado minha prática é marcada por uma atitude monológica e centralizadora, da fala da professora regente insurge uma interação dialógica ao tentar expor, por meio das práticas discursivas ocorridas em sala de aula, a possibilidade de mudar alguém por meio da interação ao citar o exemplo de Sinye: “*But you see, Sinye said her father changed his opinion*” (turno 21). De maneira simples, utilizando as experiências compartilhadas em sala de aula, a professora regente consegue demonstrar a possibilidade da alteridade constitutiva, construindo uma dialogia que vai ao encontro de uma prática que respeita a autonomia das/os

alunas/os. No desenrolar do diálogo, ela ainda intervém, sempre tentando estabelecer a necessidade de se colocar no lugar do outro, como podemos perceber no trecho extraído (turno 33):

RECORTE 6 - Yes, that's it, Bruna and Karie! Because we are talking about the others, but think about these things happening to you. You see, it is because it doesn't affect you or you think it doesn't affect you, but it can affect you and them? For example, you can have a teacher harassing you, and I've been hearing a lot of this at the University, so, what do you do? Nothing? Because you don't want to discuss! So, you see, this discussion is important because it may happen to you and them, how would you react?

A argumentação da professora reflete a noção do eu-para-mim e do eu-para-o-outro que é explicada por Nigris (2013):

De nossa posição única e de nosso olhar carregado de valores, podemos nos relacionar com o nosso outro numa espécie de gradação que faz com que nos voltemos mais para nós mesmos ou mais para nosso outro. Se nos voltarmos mais para nosso outro, diminuímos a nossa experiência individual em prol desse nosso outro que não é um ser uno, um indivíduo, mas uma coletividade” (NIGRIS, 2013, p. 203).

Dessa forma, sua fala entra em consonância com os preceitos da ética, assim como põe em prática o excedente de visão, segundo o qual, ao observar o outro fora de mim, vejo algo que ele, de sua posição, não pode ver. A docente tenta evidenciar para as alunas que a apatia demonstrada por elas talvez se origine do fato de as discussões se pautarem na experiência do outro e não delas. Assim, coloca a necessidade de que as discentes façam o movimento do eu-para-o-outro, de que se voltem mais para a coletividade, já que é nesse ir e vir entre o eu e o outro que as subjetividades vão se constituindo e estabelecendo relações de poder que podem ocorrer de maneira menos hierárquica ao adotarmos práticas discursivas mais dialógicas.

Concluindo, é nesse deslizamento entre o eu e o outro que acontecem as destabilizações de práticas discursivas essencialistas, e, por conseguinte, as negociações de sentido. São nas negociações, as quais acontecem em nossas interações, que tomo consciência de mim, e, por conseguinte, a linguagem assim representa o espaço que conecta o social e o individual. Dessa modo, compreendo que, antes de impor certas ideologias, a prática discursiva deve se pautar pelo respeito à subjetividade do outro.

4 Considerações finais

Neste artigo, meu objetivo principal foi analisar um recorte de uma discussão ocorrida na sala de aula da disciplina de Prática Oral 1 de Inglês do Curso de Letras, em que as alunas se posicionaram sobre questões de gênero social. Durante as discussões foi possível perceber os mais diversos tipos de posicionamentos, os quais refletem subjetividades constituídas em diferentes contextos culturais e sociais. Por meio das posturas valorativas, de crenças e de entendimentos apresentados a respeito do tema, percebi o quão conflituosa pode ser uma sala de aula pautada pelo ensino crítico. No recorte interacional analisado, a complexidade da língua foi apresentada, demonstrando ser muito mais do que apenas um instrumento de comunicação, mas um sistema ideológico carregado de valores e imbuído das identidades de seus falantes.

As diferentes perspectivas apresentadas demonstram diversos modos de subjetivação, que, de acordo com Severo (2013), são politicamente produzidos e entram em dissonância com o entendimento de sujeito autônomo. Somente percebendo a relação entre ideologia e as produções de efeitos de verdade, conseguimos entender a relação dos fenômenos dialógicos e os jogos de poder. Nesse sentido, as práticas dialógicas desenvolvidas ao longo da pesquisa conseguiram revelar diversas opiniões algumas autoritárias e outras não, ao mesmo tempo em que proporcionaram a oportunidade de ouvir e respeitar a opinião do outro.

Os embates ocorridos com uma das participantes me deram a possibilidade de refletir e analisar minha prática como professora, percebendo a contradição e a coexistência de ideologias existentes em minha fala. A oposição entre forças centrífugas, já que o foco das discussões era problematizar gênero em sala de aula e assim desestabilizar concepções hegemônicas, e centrípetas, demonstradas pela maneira hierárquica com que conduzi as discussões, se mostrou estabelecida de forma veemente. Ainda que descontente com a maneira pela qual me posicionei, penso que os aspectos positivos advindos das reflexões dessa interação e das interações que ocorreram nas quatro aulas, em muito sobrepõem os efeitos negativos decorrentes dessa prática. Percebo que das opiniões e experiências compartilhadas pelas discussões, emergiram,

contextos locais e amplos de interação socioverbal entre os interlocutores, em que estão em jogo as valorações desses sujeitos, as relações dialógicas entre os enunciados e os objetos discursivos, e diferentes espaços e tempos. (SEVERO, 2013, p. 150).

Assim, ao compreender a ética como o reconhecimento do papel do outro, “tanto na constituição de quem somos quanto no encorajamento das atitudes frente ao que nos afeta” (SILVESTRE; FIGUEIREDO; PESSOA, 2015, p. 132), entendo que o presente estudo conseguiu demonstrar como a alteridade constitutiva se faz presente nas práticas de ensino da língua inglesa. Portanto, da diversidade estabelecida nas discussões, percebo a importância do diálogo, assim como da instabilidade, características do pensar crítico, na formação ética do sujeito.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FIGUEREDO, C. J. **A alteridade constitutiva em sala de aula de inglês como língua - cultura estrangeira: a perspectiva do princípio dialógico bakhtiniano**. *Revista Bakhtiniana*. São Paulo, 2012. p. 68-87.
- FRAGA, B. A. A boa forma de João e o estilo de vida de Fernanda. . In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 95- 107.
- FREIRE, P. *A pedagogia do oprimido*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 184p.
- FREITAS, M. T. de A. Identidade e alteridade em Bakhtin. In: PAULA, L de; STAFFUZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, São Paulo. Mercado das Letras, 2010. p. 183-199.
- FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 66-81
- GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L de; STAFFUZA, G. (Org.) **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, São Paulo. Mercado das Letras, 2010. p. 279-292.
- KRAMER, S. A educação como resposta responsável: apontamentos sobre o outro como prioridade. In: FREITAS, M. T. A. **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 29-46.
- KUMARAVADIVELU, B. **Language teaching education for a global society: a modular model for knowing, analyzing, recognizing, doing, and seeing**. New York: Francis and Taylor, 2012.
- LOURO, G. Currículo, gênero e sexualidade: o normal, o diferente e o excêntrico. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 41-52.

- MARCHENKOVA, L. Language, culture, and self: the Bakhtin - Vygotsky encounter. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G; MARCHENKOVA, L. (Ed.). **Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 171-188.
- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 9-27.
- MELO, R. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.) **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010. p. 235-264.
- MOITA LOPES, L. P. Lingüística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. (Org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NIGRIS, M. E. D. A perspectiva bakhtiniana para o eu-para-mim e o eu-para-o-outro. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013. p. 201-218.
- OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. Linguagem. Gênero. Sexualidade: uma introdução. In: _____. **Linguagem. Gênero. Sexualidade**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2010. p. 7-12.
- PENNYCOOK. A. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- _____. **The concept of method, interest knowledge, and the politics of language teaching**. *Tesol Quartely*, v. 23, dez. 1989. p. 561-589.
- PIRES. V. L. **Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov**. *Bakhtiniana*. São Paulo, v. 8, n. 1, 2013. p. 205-219.
- REES, D. K. **Considerações sobre a pesquisa qualitativa**. *Signótica*, v. 20, n. 2, 2008, p. 251-271.
- SEVERO, C. G. Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013. p. 143-166.
- SADIN ESTEBAN, Maria Paz. O rigor científico na pesquisa qualitativa. In: SADIN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SILVESTRE, V. P. V.; FIGUEREDO, C. J.; PESSOA, R. R. **Ética na perspectiva bakhtiniana e na formação crítica docente: uma experiência no estágio supervisionado de língua inglesa**. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 10, n. 2. p. 115-134, 2015.
- _____; SOBRAL, A. **Implicações do estatuto antológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin**. Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n.1, p. 205-219, 2013.

SOBRAL, A. Dialogismo e interação. In: _____. ***Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.*** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 21-46.

_____. Significação e tema. In: _____. ***Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.*** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p.73-82.

_____. Entoação avaliativa e responsividade ativa. In: _____. ***Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin.*** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p.83-88.

TANNEM, D. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle. In: OSTERMANN, A.C.; FONTANA, B. (Org.). ***Linguagem, gênero, sexualidade.*** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 67-107.

Artigo recebido em: 09/02/2017

Artigo aprovado em: 26/06/2017

LINGUÍSTICA E PUBLICIDADE: UM OLHAR ENUNCIATIVO SOBRE UMA CAMPANHA PUBLICITÁRIA DO CITIBANK.

Ellen Cristina Gerner Siqueira*

Resumo:

O discurso publicitário está presente no cotidiano das pessoas por meio de diversos tipos de mídia: anúncios na TV, impressos, outdoors ou nas redes sociais. Entre os recursos utilizados pela publicidade para convencer as pessoas sobre os produtos, serviços ou ideias que se deseja vender nos interessa estudar o uso da linguagem verbal, mais especificamente a maneira com que a publicidade constrói sentido por meio da linguagem. Assim, este artigo pretende analisar alguns enunciados de uma campanha publicitária realizada pela instituição financeira Citibank sob o olhar da teoria enunciativa desenvolvida por Oswald Ducrot. A campanha serve como exemplo do jogo argumentativo que pode ser criado por meio da linguagem verbal, enredado em si mesmo, onde o locutor não fala sobre o mundo, mas fala para construir o mundo e explicitar a sua verdade por meio de argumentação linguística e não, necessariamente, retórica.

Palavras-chave: *Enunciação; Polifonia; Blocos semânticos; Publicidade.*

Abstract:

Advertising speech is present in people's daily lives through various types of media: TV ads, print ads, billboards, or social networks. Among the resources used by advertising to convince people about the products, services or ideas they want to sell we are interested in studying the use of verbal language, more specifically the way in which advertising builds meaning through language. Thus, this article intends to analyze some statements of an advertising campaign carried out by the financial institution Citibank under the view of the enunciative theory developed by Oswald Ducrot. The campaign is a great example of the game of argumentation that can be created through verbal language, entangled in itself, in which the speaker does not speak about the world, but speaks to build the world and to explain its truth through linguistic argumentation and not, necessarily, rhetoric.

Keywords: *Enunciation; Polyphony; Semantic blocks; Advertising.*

* Mestranda em Linguística – PPGL/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Bolsista CNPq - Atua no Grupo de Estudo em Neurolinguística e Psicolinguística (GENP). Contato: ecgsiqueira@gmail.com

Introdução

São muitos os recursos que a publicidade utiliza para persuadir o consumidor a comprar os produtos ou contratar os serviços da empresa anunciante: imagens, sons, cores, textos. Do ponto de vista da linguística semântica, nos interessa observar o uso que a publicidade faz da linguagem verbal, seja oral ou escrita, para criar sentido e convencer o consumidor. No senso comum, é natural pensarmos que esse convencimento é feito a partir de uma argumentação retórica, entendida por Ducrot (2009) como a “atividade que visa fazer alguém crer em alguma coisa” e que utiliza o pensamento racional para tal. No entanto, do ponto de vista da teoria desenvolvida por Ducrot, pretendemos mostrar que tal resultado pode ser uma consequência do próprio encadeamento dos enunciados, que contém em si e na própria significação das palavras o caráter persuasivo (DUCROT, 2009). Para o presente estudo, escolhemos uma campanha criada no ano de 2006 pela agência de publicidade Fallon Brasil e veiculada em *outdoors* da cidade de São Paulo para o cliente Citibank, instituição bancária multinacional (FERREIRA, 2016). A análise linguística da campanha publicitária será feita pelo olhar da teoria enunciativa desenvolvida por Oswald Ducrot, abordando o conceito de polifonia que, em um segundo momento, com a participação de Marion Carel, será desenvolvido e apresentado como Teoria dos Blocos Semânticos, ambos situados em um quadro teórico mais abrangente designado como Teoria da Argumentação na Língua (ANL).

1 A enunciação na linguagem

Oswald Ducrot busca, em seus estudos, explicar como o sentido se constrói no campo linguístico. Para isso, ele parte da noção de valor linguístico, cunhada por Ferdinand Saussure no *Curso de Linguística Geral*, relacionando-a com a teoria da alteridade, apresentada em *O Sofista* por Platão, que seria, para Ducrot, a origem filosófica do valor linguístico (BARBISAN, 2013). Assim, parte-se do entendimento que, na língua, nada é isolado. O signo, entidade psíquica de duas faces inseparáveis, o significante e o significado, se define pelo que não é, na relação com outro signo, dentro de um sistema que estabelece relações sintagmáticas e paradigmáticas. Por isso, o signo não é uma nomenclatura em si, já que o outro é que o constitui.

Saussure não constrói uma teoria semântica, mas é a partir da sua concepção de valor linguístico, e também sobre a dicotomia entre língua e fala, que Ducrot

construirá, fundamentado na filosofia, um campo teórico denominado Semântica Argumentativa, dentro do qual encontra-se a Teoria da Argumentação na Língua. Assim, faz-se necessário uma explicação mínima sobre as diferenças entre língua e fala para que a teoria de Ducrot fique clara. A língua constitui uma instituição social, portanto coletiva; um sistema de signos que exprime ideias. Enquanto a fala é um ato individual, combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal (SAUSSURE, 2000).

O objeto das teorias da argumentação e da enunciação é a língua e não a fala. No entanto, é a partir da fala (realidade observável) que se parte para explicar o que subjaz a ela, no nível da língua. Ou seja, seu objeto de estudo é o sentido linguístico que se produz, não na língua, mas no discurso, quer dizer, no emprego da língua (BARBISAN, 2013). Para explicar tal fenômeno, Ducrot criou uma série de conceitos que explicaremos nos tópicos 1.1 e 1.2 a fim de facilitar as análises do objeto de estudo deste texto, a campanha publicitária do Citibank. Antes, apresentaremos um esquema que ajuda a explicar os conceitos acima e a introduzir os próximos.



Ilustração 1: Esquema ilustrativo com as características da língua e da fala na Semântica Argumentativa.

1.1 Teoria polifônica da enunciação

A base para a teoria polifônica da enunciação surge de um questionamento de Ducrot ao conceito de unicidade do sujeito falante, segundo o qual detrás de cada enunciado haveria uma, e somente uma, pessoa que fala. A partir do conceito de polifonia empregado por Bakhtin na literatura, Ducrot decide adaptar livremente a polifonia para uma análise propriamente linguística dos pequenos segmentos de discurso a que chama de enunciado (DUCROT, 1990).

Antes de abordar o conceito de polifonia propriamente dito, cabe descrever o que Ducrot entende como frase, enunciado, discurso, bem como outros conceitos recorrentes em sua teoria. Frase é um objeto teórico e não observável, subjacente aos enunciados e passível de ser manifestada por uma infinidade de enunciados, que por sua vez, são a manifestação particular e observável de uma frase (*hic et nunc*). Ou seja, uma mesma frase enunciada por duas pessoas diferentes, ou por uma só pessoa em momentos diferentes, constituirá dois enunciados distintos. O discurso, por sua

vez, é entendido como uma sequência de escolhas “relativamente autônomas” de enunciados pelo falante. O teórico distingue, ainda, o conceito de significação como o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado, um momento histórico onde é dada existência a algo que não existia antes de se falar e que não existirá depois, ou seja, uma aparição momentânea (DUCROT, 1987). O sentido do enunciado é a representação de sua enunciação e é a relação entre a significação que irá construir o sentido.

A teoria polifônica de Ducrot defende que, em um mesmo enunciado, existem vários sujeitos com status linguísticos diferentes, a saber: o sujeito empírico (SE), o locutor e o enunciador. O sujeito empírico é o autor efetivo, o produtor do enunciado. Ainda que nem sempre seja simples determinar quem é o SE, o fato é que o linguista semanticista não está preocupado com quem diz, mas sim com o que se diz. O locutor é o sujeito responsável pelo enunciado, isto é, a pessoa a quem se atribui a responsabilidade no próprio enunciado. Trata-se de um ser de fala, aquele que escolhe quais enunciadores vai colocar em seu discurso, podendo ser totalmente diferente do SE. Por fim, Ducrot chama de enunciadores às origens dos pontos de vistas que se apresentam no enunciado, portanto, não são pessoas, mas pontos de perspectivas abstratos e que podem ser múltiplos (DUCROT, 1990).

O locutor relaciona-se com os enunciadores e pode apresentar uma multiplicidade de atitudes em relação aos pontos de vista apresentados no enunciado, a saber: a) o locutor identifica-se com o um enunciador, ou seja, o locutor apresenta e assume como objetivo de sua enunciação o ponto de vista de um enunciador; b) o locutor aprova um enunciador, ou seja, o locutor concorda com um enunciador, mesmo que não o assuma como objetivo de sua enunciação; c) o locutor opõe-se a um enunciador, ou seja, o locutor apresenta um enunciador de quem discorda (DUCROT, 1990).

A teoria polifônica na argumentação é mais complexa e extensa do que o apresentado acima e, nos últimos 20 anos, desde que foi criada, passou por diversos momentos, conforme explicam Barbisan e Teixeira (2002) no artigo *Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot*. Como o objetivo do presente estudo não é traçar o panorama completo da teoria, e sim utilizá-la na análise de enunciados, nos permitiremos dar um salto temporal até a teoria dos blocos semânticos.

1.2 Teoria dos blocos semânticos

A teoria dos blocos semânticos procura aprofundar a explicação do valor na linguagem, para isso, novos conceitos são apresentados, conforme explica Barbisan (2013):

(...) dois discursos evocados por uma entidade linguística e articulados por um conector (“portanto” ou “no entanto”) são denominados agora *encadeamentos argumentativos*. Estes são constituídos por dois segmentos que recebem sentido na relação de um com o outro, produzindo um único sentido de interdependência semântica.

Tais encadeamentos são distinguidos de acordo com os tipos de argumentações, as transgressivas (“vou sair, mesmo que chova”, “Pedro é gentil, no entanto não gosto dele”) e as normativas (“se chover, eu vou sair”, “João é gentil, portanto eu gosto dele”) (DUCROT; CAREL, 2008). Por meio dos tipos de argumentação e dos conectores “portanto” (DC, abreviação de *donc*, em francês) e “no entanto” (PT, abreviação de *pourtant*, em francês) será possível criar uma série de combinações entre os segmentos, envolvendo também afirmação e negação, criando sentidos diferentes. O ponto importante dessa parte da teoria é mostrar que a relação entre segmentos não é um raciocínio, segundo o qual uma informação obriga a admitir a outra, mas sim uma relação puramente linguística, em que o sentido se constrói pelas relações semânticas entre os segmentos do enunciado (BARBISAN, 2013).

Para complementar os principais conceitos da teoria dos blocos semânticos, é importante apresentar, resumidamente, as noções de argumentação interna e externa. Trata-se da diferença entre os modos como os encadeamentos argumentativos são ligados às expressões que os significam. As argumentações externas são encadeamentos dos quais a expressão é um segmento: se a argumentação é aporte, fala-se de argumentação à esquerda; se é suporte fala-se de argumentação à direita. Já as argumentações internas de uma expressão são encadeamentos que constituem equivalentes mais ou menos próximos dessa expressão, eventualmente paráfrases ou reformulações. Os reagrupamentos decorrentes da argumentação interna são chamados de “aspecto” pela teoria (DUCROT; CAREL, 2008).

A partir do estudo profundo e minucioso desses conceitos, e em torno deles, Ducrot e Carel (2008) reagruparam as possibilidades de encadeamento em oito

aspectos, distribuídos em dois blocos de quatro aspectos cada um, ao qual se convencionou chamar “quadrado argumentativo do bloco semântico”, tendo a proposição A como suporte e a proposição B como aporte. Dentro deste quadrado serão apresentadas relações de conversão, reciprocidade e transposição.

O bloco 1, doxal, será representado conforme a Ilustração 2:

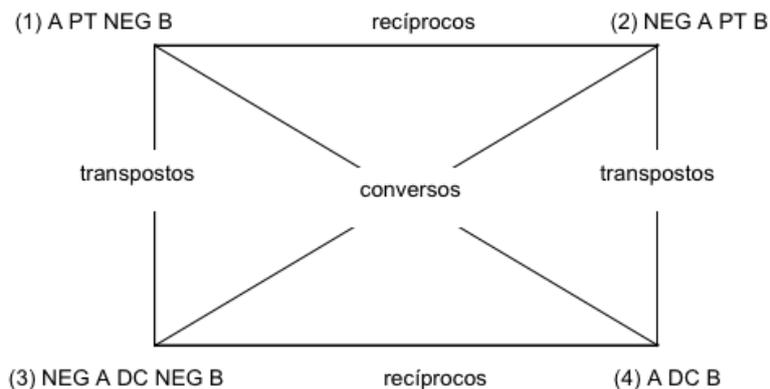


Ilustração 2: Representação do bloco doxal na teoria dos blocos semânticos

E o bloco 2, paradoxal, se apresentará conforme a Ilustração 3:

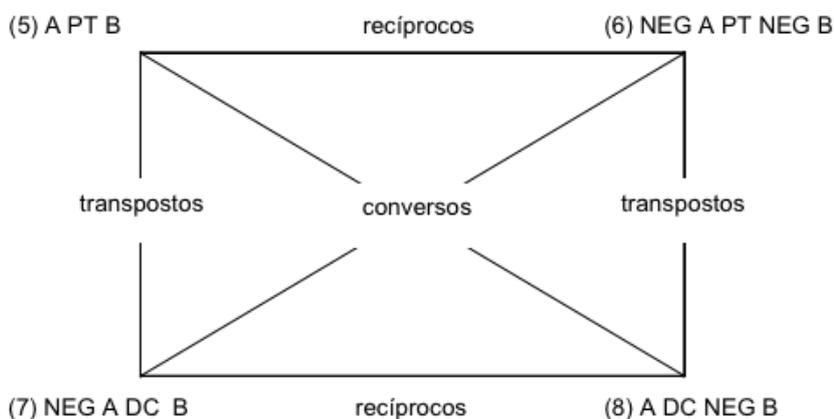


Ilustração 3: Representação do bloco paradoxal na teoria dos blocos semânticos

É sob o olhar da teoria da polifonia e dos blocos semânticos que analisaremos os fenômenos linguísticos subjacentes ao texto publicitário.

2 A enunciação na publicidade

Os estudos interdisciplinares são sempre complexos, pois cada disciplina possui um referencial teórico próprio que nem sempre dialogam entre si. Ao falar de publicidade, nos parece importante mencionar as funções da linguagem

desenvolvidas por Jakobson (1990), apenas para situar o texto publicitário neste universo. Segundo Jakobson, são seis as funções da linguagem: referencial, expressiva, conativa, fática, metalinguística e poética. Dificilmente essas funções são achadas em estado puro nos textos, mas a publicidade costuma fazer uso da função conativa, aquela em que o receptor da mensagem está em primeiro plano e cujo texto contém apelos diretos ao interlocutor (leitor ou ouvinte), com objetivo de convencê-lo ou seduzi-lo (RABAÇA; BARBOSA, 1987).

Para atingir tal objetivo, a publicidade utiliza diversos recursos e conhecimentos, mas o produto final, aquele que é veiculado em diferentes mídias e que atinge o consumidor em potencial, resume-se basicamente em uma peça que contém texto e imagem, embora seja recorrente o uso de um ou outro isoladamente. No entanto, para o presente estudo, nos interessa analisar o texto publicitário, ou seja, a linguagem verbal, e de que forma ela é utilizada para atingir seu objetivo.

Oswald Ducrot, em sua teoria enunciativa, não olha especificamente para o texto publicitário. Tal fato, no entanto, não impede que façamos uma leitura da publicidade sob o olhar enunciativo, uma vez que o texto publicitário é a língua em uso e, dito isso, está apto a tornar-se objeto de estudo da teoria enunciativa. Afinal, sempre que há enunciado há frase, porque para chegar no abstrato é preciso partir do concreto. Além disso, cabe ressaltar que a publicidade, ao tentar vender um produto ou serviço, nem sempre faz referência direta ao produto e ao serviço em si, mas utiliza recursos linguísticos para criar sentidos e fazer alusão a ideias ou conceitos aspiracionais com o objetivo de associá-los ao produto ou serviço a ser comercializado, tornando-o objeto de desejo. Este é o caso da campanha publicitária que utilizaremos para análise neste estudo.

Vale reforçar que, segundo Oliveira (2012), para Ducrot a linguagem é um jogo de argumentação enredado em si mesmo; não falamos sobre o mundo, falamos para construir o mundo e a partir dele tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade, verdade criada pelas e nas nossas interlocuções. Veremos a seguir de que forma isso pode ser aplicado na publicidade.

3 Análise da campanha do Citibank

Conforme dito na introdução deste artigo, a campanha publicitária do Citibank foi desenvolvida e veiculada pela agência de publicidade Fallon, em 2006, com grande circulação em *outdoors* da cidade de São Paulo. É possível que outras mídias

tenham servido de suporte para a campanha, mas tomaremos os *outdoors* como referência, conforme a Ilustração 4. Outras imagens da campanha podem ser vistas no Anexo A.

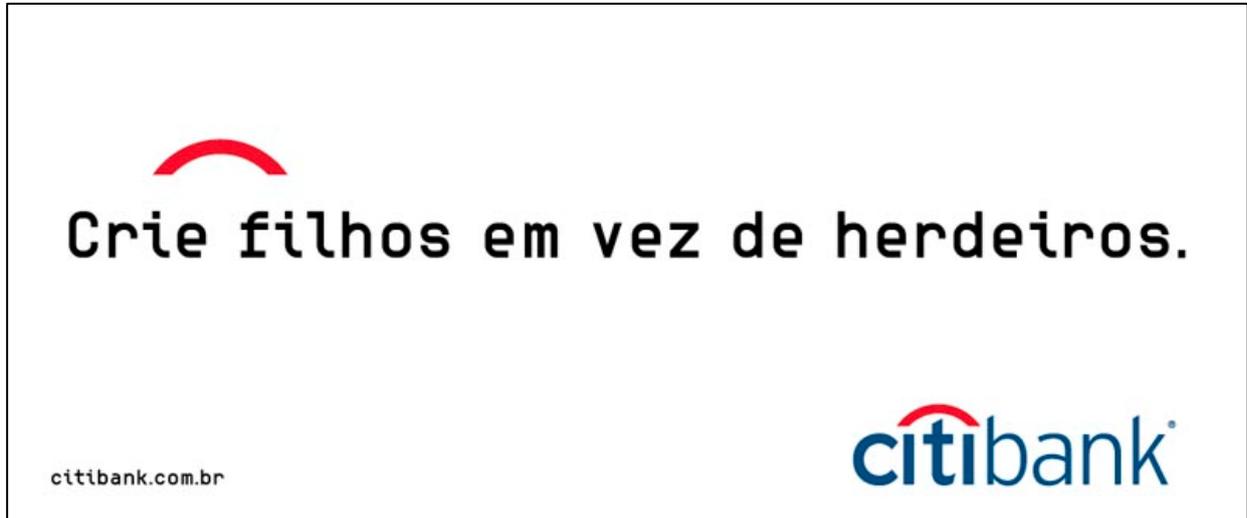


Ilustração 4: Um dos *outdoors* da campanha do Citibank

A agência criou onze anúncios, dos quais analisaremos somente três. A totalidade dos anúncios/enunciados da campanha pode ser vista no Anexo B. Destacamos abaixo os enunciados selecionados para análise:

- (1) Crie filhos em vez de herdeiros.
- (2) Para cada almoço de negócios, faça um jantar à luz de velas.
- (3) Dinheiro só chama dinheiro, não chama para um cineminha, nem para tomar um sorvete.

A primeira análise que se pode fazer à luz da teoria polifônica da enunciação é determinar o locutor dos enunciados, uma vez que o sujeito empírico não tem relevância para o estudo linguístico. No texto publicitário essa tarefa não é tão simples, uma vez que o anúncio é atribuído à uma instituição financeira, o Citibank, mas sabemos que o responsável pela sua elaboração é um redator que trabalha na agência contratada pelo banco. Para o nosso estudo assumiremos que o locutor é o banco, aquele que assina a peça publicitária apresentada acima e que seleciona os enunciadores, colocando-os no discurso. Dentro da teoria polifônica, tentaremos aplicar um modelo de análise para estruturas do tipo X NO ENTANTO Y, avaliando a

postura do locutor em relação ao enunciador. Não foi possível aplicar tal modelo nos três enunciados selecionados, mas realizamos uma análise com o enunciado (2).

(2) Para cada almoço de negócios, faça um jantar à luz de velas.

Enunciadores:

E1: Faça almoços de negócios

E2: Almoços de negócios são suficiente para ser feliz

E3: Faça jantares à luz de velas

E4: Só almoços de negócio não são suficientes para ser feliz

Posição do locutor em relação ao enunciador:

E1: Atitude de aprovação

E2: Atitude de recusa

E3: Atitude de identificação

E4: Atitude de identificação

Neste enunciado é possível perceber a presença dos múltiplos enunciadores e como eles se relacionam, encadeando enunciados para criar um sentido. Neste tipo de polifonia ocorre o que se convencionou chamar de “encenação teatral” de enunciadores, a quem é atribuída a responsabilidade do ponto de vista expresso no enunciado. Ou seja, o locutor coloca em cena enunciadores que, em relação ao mesmo objeto, reagem de modo oposto.

Esse jogo ajuda a criar o sentido da peça publicitária em questão pois, como banco, a instituição não quer que o consumidor deixe de fazer reuniões de negócios, mas, ao mesmo tempo, tenta criar a ideia de que não é só o dinheiro que interessa, mas os relacionamentos amorosos também e, para encadear essas ideias, lança mão de enunciadores diferentes.

Agora, faremos a análise dos enunciados tendo como base o quadrado argumentativo do bloco semântico que foi apresentado nas Ilustrações 3 e 4. No encadeamento argumentativo (1) temos o seguinte enunciado: **Crie filhos em vez de herdeiros**, que podemos expressar com o seguinte aspecto argumentativo:

FAMÍLIA DC NEG FINANÇAS⁹ ou ainda AMOR DC NEG DINHEIRO. Tal enunciado poderia ser alocado no aspecto 8 do bloco 2, sendo, portanto, paradoxal. É interessante notar que a campanha publicitária tenha optado por um enunciado paradoxal, mas não parece absurdo. O paradoxo tem o poder de chamar atenção a partir de uma aparente falta de nexos ou contradição. Quando pensamos em *família*, não é próprio da palavra pensarmos em *dinheiro* ou *finanças*. E para expressar isso em um enunciado e criar um bloco semântico que transmita a ideia de que “ter família é melhor que ter dinheiro”, ao utilizar um conector *portanto* (DC), de caráter normativo, é preciso utilizar em seguida uma *negação* (NEG), reforçando a ideia de que *não* está implícito na palavra *família* a orientação para *dinheiro*. Dessa forma, não é preciso recorrer a uma explicação racional ou a questões morais da sociedade para construir o sentido do enunciado em questão, o entendimento se dá por meio da significação das palavras, do encadeamento argumentativo e da presença de uma negação. Assim, voltamos a Saussure e à noção de valor linguístico apresentada no início do nosso estudo. Um signo se define pelo que ele não é, na “solidariedade”, na relação com o outro signo, dentro de um sistema. No caso, o sistema é a língua.

O segundo enunciado **(2) Para cada almoço de negócios, faça um jantar à luz de velas** também pode ser expresso pela relação entre os aspectos argumentativos AMOR e DINHEIRO. No entanto, tais aspectos estabelecem uma relação diferente do caso analisado anteriormente, ainda que também paradoxal, que seria DINHEIRO PT AMOR. É necessário perceber que *amor* continua não orientando para *dinheiro*, mas como é utilizado o conector *no entanto* (PT), de caráter transgressivo, não é preciso utilizar uma negação no encadeamento. Mais uma vez, é interessante observar como o sentido de que “amor é melhor que dinheiro” pode ser extraído apenas na análise da relação linguística, independente dos valores estabelecidos pela sociedade. Além disso, podemos perceber que, ainda que dois aspectos argumentativos iguais (AMOR e DINHEIRO) sejam encadeados de formas distintas (enunciados 1 e 2), o sentido é mantido pois a significação está nas palavras e no modo como estabelecemos a relação entre elas.

Por fim, analisaremos o enunciado **(3) Dinheiro só chama dinheiro, não chama para um cineminha, nem para tomar um sorvete**. Deste encadeamento argumentativo, podemos depreender um aspecto argumentativo

⁹ Mantivemos os conectores-tipo, cunhados por Ducrot e Carel, em Francês, bem como suas abreviaturas nas análises. Sendo DC o correspondente a *donc* (“portanto” em Português) e PT a *pourtant* (“no entanto” em Português). A abreviação NEG, que corresponde à formalização de “negação”, também foi mantida.

semelhante aos dois anteriores, que envolve DINHEIRO e AMIGOS. Neste caso, temos a mesma estrutura que analisamos no enunciado 1, que seria DINHEIRO DC NEG AMIGOS, ou seja, o conectivo DC (portanto) seguido de uma negação para explicitar que a palavra *dinheiro* não carrega em si a orientação para *amigos*. Como análise complementar, podemos observar que nos enunciados (2) e (3) DINHEIRO serve de suporte, respectivamente, para os aportes (2) AMOR E (3) AMIGOS. Enquanto no enunciado (1) essa relação é inversa, FAMÍLIA é suporte de FINANÇAS/DINHEIRO.

4 Considerações finais

A análise da campanha publicitária do Citibank sob o olhar das teorias enunciativas certamente poderia ser aprofundada, uma vez que a teoria nos fornece uma série de recursos, não abordados aqui, para entender e explicar a enunciação. No entanto, acreditamos que os pontos apresentados puderam evidenciar aquilo que está na base da teoria argumentativa, que é o fato de não precisarmos buscar sentido fora da língua, como julgamos que a publicidade tende a fazer ao trabalhar em suas campanhas, abordando questões morais, sociais, psicológicas, entre tantas outras, que passam pela racionalidade.

Também pudemos observar que a teoria enunciativa é bastante útil para analisar como o discurso publicitário se constrói fazendo uso de múltiplas vozes. Tais vozes se apresentam para ajudar a criar um sentido e fazer encadeamentos que auxiliam no objetivo final da propaganda, que é convencer o alocutário a comprar um serviço. Ao notarmos essas vozes, seus encadeamentos e suas múltiplas intenções certamente teremos, como consumidores, mais uma ferramenta para analisar o discurso e perceber como a significação contida nas próprias palavras pode ser utilizada na criação do sentido e no direcionamento de uma ação (o ato de comprar) por meio de uma argumentação puramente linguística, em que a persuasão está contida no próprio discurso.

Referências

BARBISAN, Leci B. Semântica Argumentativa. In: FERRAREZI, C.; BASSO, R. (Org.). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013. p.19-30.

BARBISAN, Leci B.; TEIXEIRA, Marlene. T. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. **Organon**, UFRGS, Instituto de Letras: Porto Alegre, RS, v.16, n 32 e 33, 2002. p.161-182.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.

_____. La polifonía en lingüística. In: **Polifonía y Argumentación**. Cali: Universidade del Valle, 1990. p.15-29

_____. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n.1, p.20-25, jan./mar. 2009.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

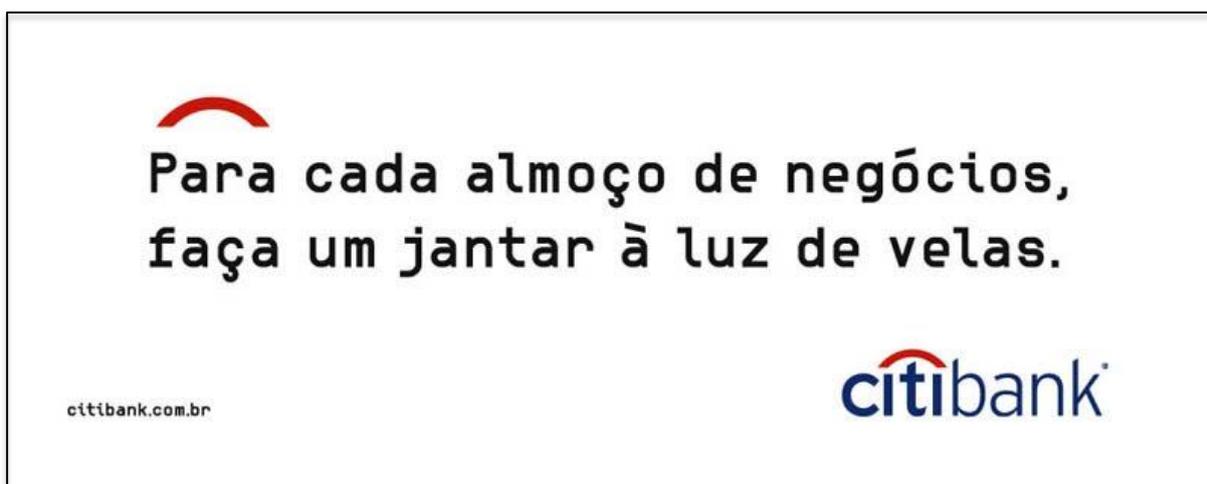
FERREIRA, Tomé. **Campanha publicitária memorável do Citibank**. Disponível em <<http://www.duniverso.com.br/campanha-publicitaria-memoravel-do-citibank/>>. Acesso em: 8 de dezembro de 2016.

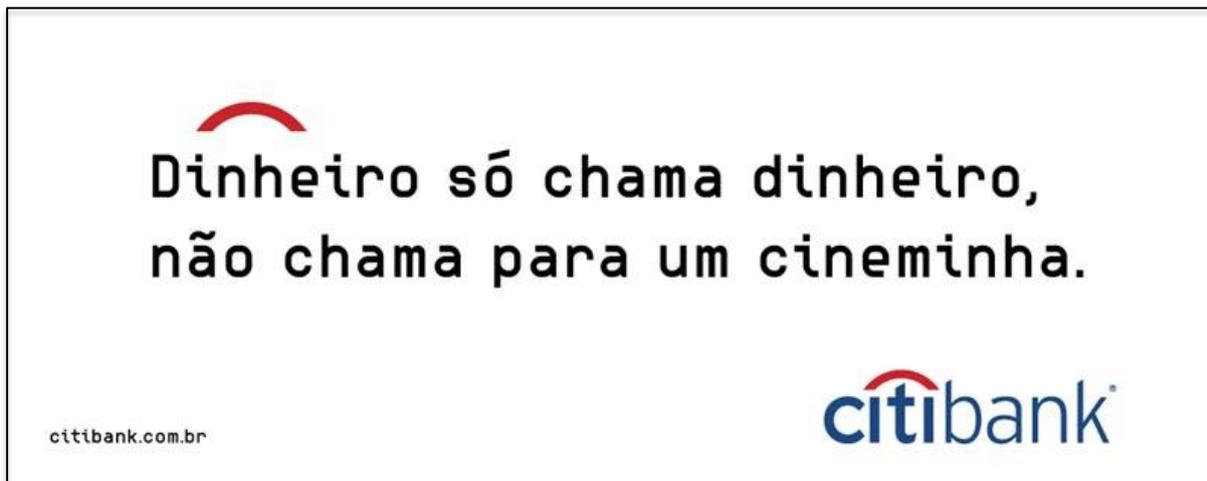
JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1987.

OLIVEIRA, Roberta P. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. v. 2. p. 23-54.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

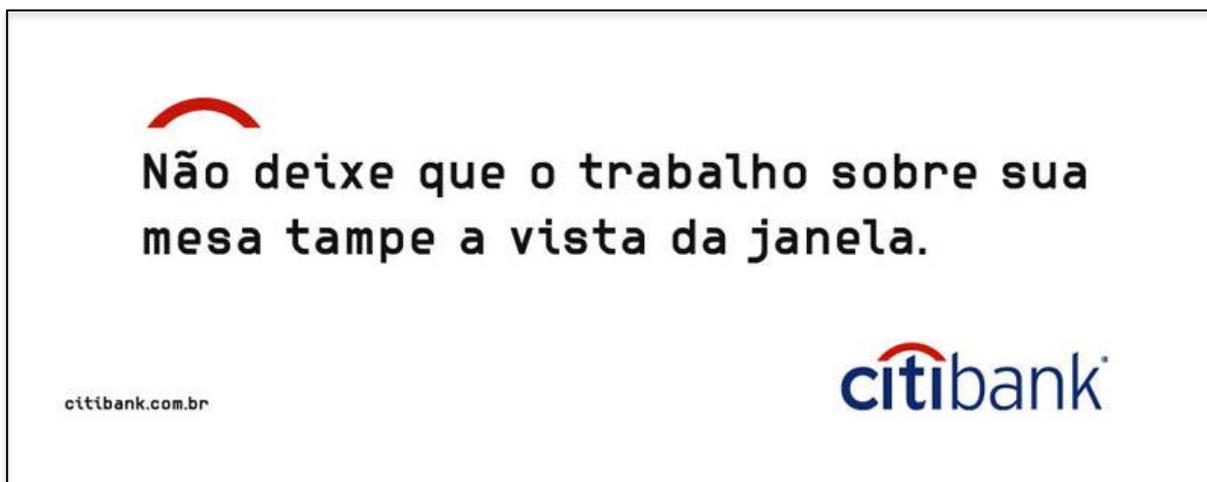
Anexo A – Ilustração de algumas das peças publicitárias da campanha





Dinheiro só chama dinheiro,
não chama para um cineminha.

citibank.com.br



Não deixe que o trabalho sobre sua
mesa tampe a vista da janela.

citibank.com.br



Anexo B – Enunciados da Campanha do Citibank

- 1) Crie filhos em vez de herdeiros.
- 2) Dinheiro só chama dinheiro, não chama para um cineminha, nem para tomar um sorvete.
- 3) Não deixe que o trabalho sobre sua mesa tampe a vista da janela.
- 4) Não é justo fazer declarações anuais ao Fisco e nenhuma para quem você ama.
- 5) Para cada almoço de negócios, faça um jantar à luz de velas.
- 6) Por que as semanas demoram tanto e os anos passam tão rapidinho?
- 7) Quantas reuniões foram mesmo esta semana? Reúna os amigos.
- 8) Trabalhe, trabalhe, trabalhe. Mas não se esqueça, vírgulas significam pausas...

- 9) ...e quem sabe assim você seja promovido a melhor (amigo / pai / mãe / filho / filha / namorada / namorado / marido / esposa / irmão / irmã.. etc.) do mundo!
- 10) Você pode dar uma festa sem dinheiro. Mas não sem amigos.
- 11) Assistir ao pôr-do-sol da janela do escritório não vale.
- 12) Eduque seu filho para que ele conheça o valor das coisas e não o seu preço.
- 13) Não eduque seu filho para ser rico, eduque-o para ser feliz. Assim, ele saberá o valor das coisas e não o seu preço.

Artigo recebido em: 10/02/2017

Artigo aprovado em: 02/06/2017

OS SENTIDOS ENTRE O VERBAL E O NÃO VERBAL

Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento*

Pedro Farias Francelino**

Resumo:

Este trabalho objetiva analisar a inter-relação entre elementos verbais e não verbais na construção de sentidos do enunciado capa de revista, evidenciando aspectos sócio-político-ideológicos que instauram o conteúdo do discurso e que se materializam em palavras, cores, imagens, gestos, traços. Para isso, analisa-se o enunciado da capa da revista Veja de 27 de novembro de 2013, que discorre sobre a prisão dos condenados no processo do Mensalão. Mobilizam-se, para essa investigação, os pressupostos teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin e os estudos realizados no âmbito da Análise/Teoria Dialógica do Discurso. A análise mostra que os sentidos do enunciado capa de revista são construídos a partir da relação de interdependência e de complementaridade entre a linguagem verbal e não verbal. O enunciado capa de revista é palco do encontro entre vozes em que o estilo, a construção composicional, o conteúdo semântico-objetual desse enunciado é construído a partir do encontro entre discursos.

Palavras-chave: *Entre o verbal e o não-verbal; Relações dialógicas; Enunciado capa de revista.*

Abstract:

This work aims to analyze the interrelationship between verbal and non-verbal elements at magazine covers, evidencing socio-political-ideological aspects that establish the speech content that materialize in words, colors, images, gestures, traces. For this, we analyze the utterance from Veja, magazine cover from November 27, 2013, which discusses the imprisonment of convicted in the Mensalão process. We mobilize to this research the theoretical and methodological assumptions from Bakhtin Circle and studies under Analysis/Dialogic Theory of Speech. The analysis shows that the meanings of the utterance are constructed from the relationship of interdependence and complementarity between the verbal and nonverbal. Thus, Magazine cover

* Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). Doutorando em Linguística pelo mesmo programa. Contato: ilderlandionascimento@yahoo.com.br.

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE (2007). Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto IV do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB. Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB - PROLING. Professor do Curso de Letras Virtual da UFPB - Modalidade Ensino a Distância - EaD. Contato: pedrofrancelino@yahoo.com.

utterance is like a stage in which, voices, style, compositional structure and objectal-semantic content is built from the meeting between speeches.

Keywords: *Between the verbal and the nonverbal; Dialogic relations; Magazine cover utterance.*

Introdução

A humanidade, de forma geral, desenvolveu a habilidade de manejar elementos diversos para a interação comunicativa: gestos, pinturas, cores, palavras faladas e escritas etc. Na perspectiva enunciativo-discursiva, a ação humana por meio da linguagem apresenta elementos heterogêneos que se imbricam na construção de sentidos. Mais precisamente, a investigação acerca do processo de construção de sentidos dos gêneros discursivos permite perceber como os enunciadores, na interação comunicativa, mobilizam elementos verbais e não verbais em uma determinada situação sócio-histórica, agindo, assim, sobre os interlocutores.

Assumindo essa perspectiva de estudo da linguagem, este trabalho analisa a inter-relação entre elementos verbais e não verbais na construção de capa de revista, evidenciando aspectos sócio-político-ideológicos que instauram os sentidos do discurso. Mais precisamente, analisa a capa da revista *Veja* de 27 de novembro de 2013, a qual aborda a prisão de algumas personalidades políticas envolvidas no escândalo político chamado “mensalão”, ocorrido nos anos 2012 e 2013. Quanto aos critérios utilizados para a seleção dessa materialidade discursiva (a capa), levaram-se em conta: a ampla circulação da revista; a repercussão da capa no cenário nacional, devido ao assunto nela discursivizado; a apresentação de elementos verbais e não verbais na sua construção.

Ao estabelecer diálogo com estudos desenvolvidos numa perspectiva dialógica, que analisam o verbo-visual, o multissemiótico, a linguagem verbal e não verbal em enunciados concretos, este trabalho apresenta uma leitura que possibilita capturar os discursos veiculados pela capa da revista como construções híbridas, polifônicas, multissemióticas, sendo esse um aspecto marcante da assim chamada “sociedade da imagem” (GUIMARÃES, 2013).

Portanto, este artigo visa a um duplo objetivo. Primeiro, analisar como o discurso de capa da revista *Veja* de 27 de novembro de 2013 é construído, a partir da junção de elementos verbais e não verbais, ressaltando efeitos de sentidos emergentes das relações entre essas linguagens; e, segundo, identificar discursos outros que

atravessam a construção da capa, observando as relações estabelecidas entre eles. Para isso, mobilizam-se os pressupostos teórico-metodológicos advindos do Círculo de Bakhtin, tecendo diálogo com os estudos desenvolvidos no âmbito da assim chamada teoria/análise dialógica do discurso (ADD) (BRAIT, 2012).

Os sentidos entre o verbal e o não verbal na construção da capa da revista *Veja*

De circulação nacional, a revista *Veja* é uma publicação semanal da Editora Abril e alcança um número significativo de leitores. Embora tenha na classe média um maior número de leitores, seus assinantes são de classes sociais variadas. Além disso, não raras vezes, *Veja* se destaca no cenário internacional por publicar matérias de interesse político e econômico de repercussão mundial. Ela apresenta um histórico de reportagens polêmicas, com denúncias envolvendo políticos e empresários. Cabe dizer que essa revista assume uma posição política bem demarcada no contexto político brasileiro: *Veja* é acusada, por exemplo, de querer “manchar” a imagem do PT (Partido dos Trabalhadores).

Essas informações servem para situar ideologicamente esse veículo (*Veja*) de discursos dentro de uma esfera, mais precisamente, a esfera jornalística (e política?). É a partir dessa esfera de utilização da língua, de um ponto de vista ideológico e político, que *Veja* produz seus enunciados, agindo diretamente na formação de opiniões e em debates que envolvem as mais diversas áreas da sociedade brasileira.

Dito isso, analisa-se a capa da revista *Veja* de 27 de novembro de 2013, que traz algumas personagens que se destacaram nas atividades ligadas ao julgamento do chamado “mensalão”, ocorrido nos anos de 2012 e 2013. A análise está dividida em duas subseções: (i) interdependência e complementaridade: entre o verbal e o não verbal na construção de sentidos; e (ii) as relações dialógicas entre o enunciado de capa com outros discursos.

1 Interdependência e complementaridade: entre o verbal e o não verbal na construção de sentidos.



Figura 1: Revista *Veja*, edição de 27 de novembro de 2013.
 Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervo/home.aspx>

A capa da revista *Veja* apresenta um posicionamento valorativo em relação àquilo que ficou conhecido como “Mensalão petista”. Ao serem conduzidos pela Polícia Federal, e diante de um grupo de militantes petistas, José Dirceu e José Genuíno ergueram o punho, sinalizando um ato de luta e perseguição que estariam enfrentando. O gesto rapidamente ganhou as páginas dos jornais e as redes sociais, recebendo apoio, solidariedade, mas também crítica e desaprovação.

É a partir desse episódio, e sobre ele, que a capa da *Veja* é construída. A primeira observação a ser feita diz respeito ao trabalho dos editores e responsáveis pela construção gráfica da capa. A capa é resultado de um trabalho minucioso, artístico, intencional no manejar de cores, imagens e palavras. A forma como os autores organizaram, projetaram, posicionaram os elementos da página, ressalta alguns aspectos e silencia outros e, ao mesmo tempo, diz muito do lugar ideológico e político ocupado pela instituição *Veja*.

No processo de construção do enunciado de capa, existe toda uma equipe responsável pela produção e anúncio das reportagens, dos assuntos, enfim, do conteúdo da revista. É função da capa da revista tornar esses assuntos relevantes e atraentes aos olhos do leitor, provocando nesse o interesse pela aquisição e leitura do material apresentado.

Desse modo, na condição de enunciado concreto, a capa da revista é a expressão e produto da interação social. A partir de Volochinov (2013, p. 85), é possível dizer que ela (a capa) aparece orientada em duas direções: “com respeito ao ouvinte enquanto aliado ou testemunha, e com respeito ao objeto da enunciação como se fosse um terceiro participante vivo”.

O produto final (a capa) é resultado do trabalho de uma equipe heterogênea, o que implica considerar cada detalhe como sendo significativo, tendo em vista que cada detalhe é pensado a partir de um lugar, de uma posição sociopolítica e é, ao fim das contas, um posicionamento. Além disso, seguindo tendências dos enunciados contemporâneos, a capa é produzida a partir de recursos verbo-visuais: chamadas, distribuições, gestos, tipos gráficos, imagens/fotos, cores e outros elementos composicionais.

Quanto aos aspectos constitutivos, compreendem aquilo que o Círculo de Bakhtin denominou de processo de *construção composicional*: a capa é resultado da relação dialógica que os autores mantêm com o ouvinte/interlocutor/leitor e com o assunto. Ou seja, a capa é um posicionamento discursivo, uma avaliação política acerca da prisão dos condenados no processo do mensalão. Essa avaliação é feita por meio da forma como esse acontecimento é discursivizado.

A capa apresenta, pelo menos, duas imagens captadas em momentos diferentes. Uma que registra a imagem do então presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa. Outra que coloca em um único cenário três dos condenados no processo do “Mensalão”: José Genuíno, José Dirceu e Delúbio Soares.

O ângulo que flagra a imagem do presidente do STF ressalta a toga (ou beca) usada pelo ministro. A outra foto é uma montagem que coloca os três petistas em um único acontecimento, em um único cenário. Os ângulos, a partir dos quais as fotos foram projetadas, são importantes, tendo em vista os efeitos de sentidos a serem construídos pela revista. Assim, a imagem do presidente do STF é realçada, enquanto a imagem dos petistas é desbotada.

Ademais, o discurso construído na capa faz uma crítica ao gesto dos petistas condenados. Isso é construído por meio de recursos verbais e não verbais: chamadas,

distribuições das imagens, cores e outros elementos composicionais que estão numa relação de interdependência e complementaridade na formação do discurso. Acerca desse tipo de relação, Guimarães (2013, p. 134) resume muito bem ao dizer que “[...] há a palavra dando sentido ao sentido da imagem. Há a imagem ilustrando o peso da palavra. Há o texto harmonizando palavra e imagem. Há o discurso absorvendo palavra, imagem, texto”.

Quanto à construção material da interdependência e da complementaridade na construção de sentidos da capa, é possível perceber que *Veja* operou da seguinte maneira: recortou imagens dos petistas e as projetou de forma trabalhada no canto da página, colocando sobre elas o rótulo “... E os fora da lei”. O uso da linguagem verbal exprime a crítica de forma mais direta. Assim, temos: “*Como a hipocrisia e a propaganda tentaram transformar culpados em vítimas e corruptos em juízes dos juízes que os condenaram*”. Com isso, o gesto dos petistas é tratado como *hipocrisia*. Logo, a capa da *Veja* não apenas discorre sobre o assunto, mas se posiciona ideologicamente em relação a ele, marcando sua posição avaliativo-valorativa no cenário político nacional.

Ademais, a partir dos elementos verbais e não verbais mobilizados, busca-se construir a imagem de dois grupos de sujeitos: aquele que representa *a lei* e aqueles que representam *os fora da lei*. Ao proceder assim, a capa apresenta uma divisão: de um lado, ocupando quase toda página, temos a imagem do presente do STF, sob o rótulo *A lei*; do outro lado, numa posição inferior, temos a imagem dos condenados do mensalão, sob o rótulo *E os fora da lei*. Os elementos verbais se apresentam grafados de vermelho. As frases são marcadas pela reticência “*A lei... ... E os fora da lei*”, mas se completam coordenativamente.

É interessante notar que a partícula ‘E’ (de “... *E os fora da lei*”) coloca os réus do mensalão e o presidente do STF numa relação de embate. Essa partícula “E” funciona, portanto, não apenas como conjunção aditiva, mas como recurso discursivo que instaura um embate, uma oposição em que um dos lados é ressaltado positivamente e o outro negativamente.

Ao mobilizar a linguagem verbal e a imagética na composição do enunciado, *Veja* solicita, por parte do leitor, um *ler* (o enunciado) e um *ver* (a imagem) que se complementam. É pertinente, nesse ponto, mencionar a leitura tecida por Brait (2013, p. 63), ao concluir que o elemento visual vai articular-se ao verbal de maneiras diferentes em cada enunciado, “interferindo na forma de composição, no estilo e, conseqüentemente, nos temas produzidos”. Tais elementos são projetos de

construção de conhecimento verbo-visualmente constituídos. Ainda, essa autora é categórica ao dizer que “o visual e o verbal nascem ao mesmo tempo e constroem os sentidos, os efeitos de sentido juntos, desde o berço. Não se pode tirar a frase ou analisar somente a frase” (BRAIT, 2013, p. 64).

O uso de elementos verbais e não verbais constitui uma marca característica da capa de revista. Conseqüentemente, os elementos verbais e visuais devem ser explicados casados, articulados num único enunciado. Na leitura empreendida por Brait (2013), nessa articulação, podem ocorrer gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada. No entender dessa autora, numa abordagem que analisa o verbal e o visual, é necessário tomar como conceito fundamental *as relações dialógicas*. Essa categoria ajuda a perceber como os sentidos são construídos a partir de outros discursos. Além disso, focaliza a relação fundadora entre constituintes internos e externos ao enunciado.

Diante do exposto, a abordagem de enunciados multissemióticos deve conservar a relação de interdependência entre os elementos verbais e não verbais. Nessa mesma linha de pensamento, Guimarães (2013) demonstra que os aspectos de interdependência entre texto e imagem possibilitam a análise completa do discurso. Essa mesma autora entende que “[...] da equivalência entre texto e imagem decorre uma relação de complementaridade” (GUIMARÃES, 2013, p. 125). A imagem conduz o leitor à captação de um significado escolhido antecipadamente. O texto (parte verbal), por sua vez, serve para conduzir a uma única interpretação, fazendo com que sejam evitados alguns sentidos ou que se lhe acrescentem outros; tem, pois, uma função elucidativa e seletiva.

2 As relações dialógicas no discurso de capa

O processo de construção da capa da *Veja*, embora tenha um idealizador, passa pelo crivo da ideologia política da instituição produtora dessa revista. Assim, o enunciado em questão não apenas reflete um posicionamento de um indivíduo autor, mas principalmente da própria instituição produtora. Diante disso, o enunciado de capa revela posições que estão implícitas, subentendidas, pressupostas nessa construção discursiva. A metáfora da ilha enunciativa ilustra bem o que ocorre nesse discurso da capa: o que vemos é apenas uma porção, uma parte, um ângulo de algo

muito maior e mais complexo que está submerso, implícito, não-dito, mas que sustenta o dito, o visual e o explícito.

Se, por um lado, o enunciado é produzido numa relação dialógica polêmica com certos enunciados, por outro lado ele entra numa relação de concordância com outros. Essa constatação é inferida pelo fato de esse enunciado exigir do leitor certo conhecimento dos acontecimentos ocorridos no cenário político brasileiro. Ora, tais conhecimentos são, na verdade, produzidos por outros enunciados e circulam na sociedade. Assim, o enunciado em tela é produzido sobre um tema já atravessado por outros discursos. Ele não nasceu neutro, isolado dos demais, mas como extensão e em resposta a esses outros discursos.

Pode-se dizer que o enunciado em análise tem um *tema/objeto* que já recebeu tratamento diverso. Ele fora produzido em plena luta de posições político-ideológicas. No cenário em que a capa fora produzida tem-se, de um lado, os discursos que constroem o objeto/tema/assunto positivamente, apoiando e se identificando com o gesto dos petistas; por outro lado, em oposição, observam-se discursos que constroem negativamente esse mesmo objeto/tema/assunto, reprovando e condenando o gesto dos petistas.

À luz das considerações de Bakhtin (2010), percebe-se uma dupla orientação do enunciado: de um lado, esse enunciado está voltado para seu objeto/tema/assunto e, por outro lado, está voltado para outros discursos, ou seja, nasce como resposta e é réplica desses outros discursos que versam acerca dos condenados do Mensalão.

Com isso, o enunciado em análise é perpassado por outros enunciados, com os quais dialoga. Existem aqueles enunciados voltados para o mesmo tema/assunto que postulam a não *hipocrisia*, a não *culpa*, os não corruptos e que apresentam, ao mesmo tempo, os petistas como sendo as *vítimas* do processo do mensalão, ou seja, enunciados que constroem positivamente a imagem dos petistas.

Por exemplo, na notícia publicada na página *folha.uol.com.br*, no dia 15 de novembro de 2013, assinada pelo jornalista Bruno Benevides, são reproduzidos enunciados atribuídos ao próprio Genoino (um dos condenados que aparece no enunciado da capa). Segundo a matéria, antes de se entregar à Polícia Federal, Genoino teria afirmado, em consolo aos familiares e amigos: “*Fui em cana, cela fechada, sem banho de sol, torturado e estou aqui, de novo com o espírito dos anos 70*” e, ainda, “*Na ditadura, em cinco anos eu fui preso, torturado, julgado, condenado e cumpri a pena. Agora, estou há oito anos esperando*”.

Ao relacionar a prisão no caso do mensalão com a prisão ocorrida na época da ditadura, Genoino tenta construir para si a imagem de preso político, de injustiçado, apelando, assim, para a sensibilidade e o imaginário social, considerando que a ditadura evoca uma imagem de opressão, perseguição, tortura etc. Assim, o enunciado de capa da *Veja* vem confrontar esses enunciados e concordar com outros que constroem negativamente a imagem dos petistas como hipócritas, culpados, corruptos.

Portanto, o enunciado de capa da *Veja* é um elo na corrente com outros enunciados produzidos, que têm como tema o caso dos “condenados do mensalão”. Mais precisamente, esse enunciado nasce em resposta aos enunciados dos réus presos na penitenciária da Papuda, em Brasília, que – via militância partidária – reclamam por estarem sofrendo uma injustiça. Ao nascer como resposta a esses outros enunciados, o enunciado da capa, ao mesmo tempo, suscita respostas, convocando outros enunciados para entrarem em relação de discordância ou concordância com ele.

Ademais, os sentidos desse enunciado em análise são construídos a partir de duas categorias que estabelecem uma relação de oposição: o bem *versus* o mal. Na primeira frase “*A lei...*”, tem-se como referente o presidente do STF, Joaquim Barbosa, representando a justiça e o bem. Do outro lado, em oposição, têm-se os “*fora da lei*”, nas figuras de José Genuíno, José Dirceu e Delúbio Soares, representando a injustiça, a corrupção, o mal.

Além disso, é relevante o fato de que apenas o presidente do STF é apresentado, personificando a “*A lei...*”, sendo que o STF é composto por muitos outros ministros, que também julgaram os acusados do mensalão. Constata-se, assim, um movimento de apagamento e silenciamento dos demais ministros do STF. Ao operar esse movimento, *Veja* ressalta a figura do então presidente, Joaquim Barbosa, colocando-o perante a sociedade como herói e justiceiro. Não é por acaso que a toga (beca) que veste o ministro, representando a justiça, é ressaltada de forma a se destacar entre as demais figuras.

Considerando tal aspecto, percebe-se como a construção de sentidos da capa da *Veja* se estabelece a partir de memórias, mantendo relações com outros discursos: não é preciso muito esforço para perceber a relação estabelecida entre “heróis e vilões”, “o bem e o mal”, “a ordem e a desordem”. Os sentidos são construídos no jogo com essas categorias antagônicas. Desse modo, o discurso de capa invoca as categorias cinematográficas entre heróis e vilões, retomando e utilizando o

imaginário social. A beca, usada por Joaquim Babosa, foi trabalhada pelos autores da capa de tal forma a ficar semelhante às roupas dos heróis (Batman e Super-homem, por exemplo), que lutam contra os *fora da lei*. Assim, constata-se a tentativa de construir discursivamente a imagem de um herói nacional.

A relação que o enunciado mantém com outros enunciados, considerando as condições históricas, determina sua *expressividade social (entonação/ axiologia/ horizonte social)*. O trabalho com os recursos da língua, o uso de imagens graficamente trabalhadas, a maneira como o conteúdo é apresentado de forma a produzir uma crítica, são resultados da apreciação social, dos valores que perpassam o campo ideológico no qual o enunciado é forjado. Constata-se, conseqüentemente, o elemento axiológico e os valores que estão envolvidos na produção do enunciado crítico. No discurso de capa os presumidos indicam a posição antipetista da revista. A ‘forma’ como a crítica é construída aponta esse viés.

A capa da revista expressa uma interpretação dos fatos, aliás, o ato mesmo de divulgar/publicar algo já exige uma interpretação, uma seleção, uma tomada de posição frente ao fato em discussão. Numa perspectiva enunciativa, a publicação já é em si uma interpretação, uma visão de mundo, uma tomada de posição, um ponto de vista. Essas avaliações são determinantes na construção de um enunciado concreto.

Portanto, a estrutura da capa da revista faz mais do que anunciar as principais manchetes das matérias contidas no interior da revista. A capa da *Veja* usa de um conjunto de elementos dispersos que constituem uma unidade temática trabalhada em vários níveis – linguístico e plástico. Constata-se uma mobilização marcante de elementos que compõem o enunciado, a saber, as letras de tamanhos variados, as cores, as imagens. Tratando-se de capa de revista, nada é aleatório: toda forma de organização dos elementos da capa é significativa.

Por fim, diante dos aspectos elencados, a leitura desse tipo de enunciado não pode se restringir aos elementos linguísticos, já que todo enunciado nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação (VOLOCHINOV, 2013). Na perspectiva dialógica, o enunciado de capa é vinculado diretamente à vida, sem poder ser divorciado dela, com o risco de perder sua significação.

Conclusão

Neste trabalho, analisa-se a construção discursiva da capa de revista, mais precisamente a capa da revista *Veja* de 27 de novembro de 2013, que faz uma crítica ao gesto dos condenados do julgamento do chamado “mensalão petista”, ocorrido em 2012/2013. Objetiva-se, em primeiro lugar, saber como a capa é construída, a partir da junção de elementos verbais e não verbais e que efeitos de sentidos emergem das relações entre essas linguagens. Em segundo lugar, discute-se o diálogo entre discursos que forjam a construção da capa. Para isso, este trabalho recupera noções desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, tecendo diálogo com os estudos desenvolvidos no âmbito da assim chamada teoria/análise dialógica do discurso (ADD) (BRAIT, 2012).

A análise mostra que os sentidos são construídos, primeiramente, a partir da relação entre a linguagem verbal e a não verbal, estando essas interligadas de maneira interdependente. O enunciado de capa dispõe de recursos linguísticos e não linguísticos na construção discursiva da crítica ao gesto dos petistas condenados no processo do Mensalão. Entre esses recursos, estão chamadas, distribuição, imagens, cores e outros elementos composicionais que instauram uma relação de interdependência e complementaridade na construção do discurso.

A forma como esses recursos estão projetados, ou melhor, o processo de *construção composicional* desse enunciado, revela que *Veja* exerce uma função não apenas de informar, mas principalmente de formar opinião pública, construindo, discursivamente, imagens de personalidades relacionadas à elite política e judiciária.

Em segundo lugar, os sentidos são construídos a partir das relações dialógicas que o enunciado estabelece com outros enunciados. É a partir de relações dialógicas que a capa é construída. Ela é uma resposta, uma réplica a outros enunciados, já que encontra o *objeto/tema* já habitado por outras vozes, por outras avaliações. Ela é produzida numa relação de discordância com alguns discursos e em relação de concordância com outros.

O modo de distribuição e organização dos elementos que formam a capa é resultado da relação dialógica que os produtores mantêm com o interlocutor/leitor e com o assunto/tópico/tema. Logo, o estudo de enunciados concretos precisa, necessariamente, levar em conta os aspectos verbais e não verbais. A circulação de enunciados híbridos, polifônicos, multissemióticos exige que o pesquisador assum

uma postura que busque *ler e ver* a forma como tais enunciados funcionam em determinadas esferas da sociedade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; (VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13^a ed., São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problema da poética de Dostoiévski**. 5^a ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Estética da criação verbal**. 6^a ed., São Paulo, Martins Fontes, 2011.
- BRAIT, Brait. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2^a ed., São Paulo: Contexto, 2012, p. 09-32.
- _____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Revista **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 43-66, 2013.
- FIORIN, José Luiz. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin**: diálogos in possíveis. Campinas, SP: Mercado das Letras (Série Bakhtin – inclassificável, v. 2), 2010, p. 33-48.
- GUIMARÃES, Elisa. Linguagem verbal e não verbal na malha discursiva. Revista **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 124-135, 2013.
- VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.

Artigo recebido em: 10/02/2017

Artigo aprovado em: 02/06/2017

OS ESTUDOS DOS LETRAMENTOS ACADÊMICOS NO BRASIL: INFLUÊNCIAS, ORIGENS E PERSPECTIVAS

Giovane Fernandes Oliveira*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo reconstituir o surgimento do campo dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, particularmente o daqueles inspirados por Brian Street. Para tanto, inicialmente, apresenta as principais influências estrangeiras das pesquisas nacionais que tomam como objeto as práticas sociais de uso da língua escrita na universidade; em seguida, recupera as grandes linhas da instauração disciplinar da vertente do letramento acadêmico no Brasil; e, por fim, reflete acerca das perspectivas futuras desses estudos no país a partir de sua relação com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação.

Palavras-chave: *Letramento; Letramento acadêmico; Prática social.*

Résumé:

Cet article a pour but de reconstituer l'émergence du champ des Études des Littératies Universitaires au Brésil, tout particulièrement de ceux inspirés par Brian Street. Pour y parvenir, on présente d'abord les influences étrangères principales des recherches nationales concernant les pratiques sociales d'usage de la langue écrite à l'université ; ensuite, on reprend les grandes lignes de l'instauration disciplinaire du champ de la littératie universitaire au Brésil ; pour finir, on réfléchit sur les perspectives futures de ces études au pays à partir de leur rapport aux Théories du Texte, du Discours et de l'Énonciation.

Mots-clés : *Littératie ; Littératie universitaire ; Pratique sociale.*

Introdução

Há pouco mais de uma década, no Brasil, políticas educacionais como o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), o PROUNI (Programa Universidade para Todos), o SISU (Sistema de Seleção Unificada) e a Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas)

* Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa, Língua Francesa e suas Literaturas. Mestrando em Estudos da Linguagem, na linha “Análises textuais, discursivas e enunciativas”, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Contato: giovane.oliveira@ufrgs.br.

têm promovido a democratização do acesso ao ensino superior, através do financiamento de estudos e da concessão de bolsas em instituições privadas e, em instituições públicas, através do aumento e da reserva de vagas a grupos minoritários e/ou discriminados.

Ao abrir suas portas a segmentos da sociedade historicamente mantidos do lado de fora delas, a universidade deparou-se com um desafio: não basta apenas garantir o *acesso físico* a alunos egressos de realidades por vezes muito avessas à realidade acadêmica, mas é igualmente importante oportunizar a apropriação por esses estudantes dos *recursos simbólicos* prestigiados nesse espaço social e, por isso, necessários à sua permanência nele (LILLIS, 1999). Dentre tais recursos, estão as práticas sociais de uso da escrita em contexto acadêmico. Tal desafio não é exclusivo da realidade acadêmica brasileira, apresentando-se também no exterior, em países que, como o Brasil, a partir dos anos 2000, também vivenciaram um processo de expansão universitária.

Situado nessa conjuntura sócio-histórica, este artigo, oriundo de um trabalho maior¹, tem como objetivo reconstituir o surgimento dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, particularmente o daqueles inspirados nos estudos do antropólogo britânico Brian Street. Outros estudiosos estrangeiros do letramento poderiam ser convocados neste trabalho, porém um recorte faz-se necessário no interior do campo, de modo que a opção por Brian Street como teórico de referência deve-se não apenas à sua influência nos estudos brasileiros, mas também à sua formulação da noção de *modelos de letramento* e ao seu interesse pelo *letramento acadêmico*.

Para perseguir tal objetivo, o presente texto organiza-se em três seções: na primeira, apresenta as principais influências estrangeiras das pesquisas nacionais que tomam como objeto os usos da língua escrita na universidade; na segunda, recupera as grandes linhas da instauração disciplinar da vertente do letramento acadêmico no Brasil; na terceira, reflete acerca das perspectivas futuras desses estudos a partir de sua relação com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação.

¹ OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homem na língua ao sujeito na escrita:** bases para um diálogo entre Letramento e Enunciação. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

1 Das influências: os Novos Estudos do Letramento e os Estudos dos Letramentos Acadêmicos

Os Novos Estudos do Letramento (NSL²) emergiram no Reino Unido no início da década de 1980. Segundo Bevilaqua (2013), o adjetivo *novos*, em *Novos Estudos do Letramento*, deve-se à virada sociocultural que representou uma mudança paradigmática no campo do letramento, cujo foco se deslocou da mente do indivíduo para os contextos sociais e culturais de prática da leitura e da escrita. Com efeito, os Novos Estudos do Letramento (NLS) destacam a *natureza social* e o *caráter múltiplo* das práticas letradas, contrapondo-se “à ênfase dominante num ‘Letramento’ único e ‘neutro’, com L maiúsculo e no singular” (STREET, 2014, p. 18).

Dos estudiosos dessa corrente, o antropólogo britânico Brian Street é aquele com o qual mais dialogarei. Isso por duas principais razões: a) ele descreveu o *modelo autônomo* e o *modelo ideológico de letramento*, dois modelos interpretativos do fenômeno cuja descrição modificou para sempre o cenário mundial dos Estudos do Letramento; b) uma de suas linhas de pesquisa atuais é justamente os Estudos dos Letramentos Acadêmicos (ACLITS³), tema deste trabalho.

O modelo autônomo é a visão sustentada pela mídia, pelos organismos internacionais, pelas políticas públicas e pelas instituições pedagógicas, que toma o letramento como *habilidade universal, técnica e neutra*, independente dos significados e dos usos da língua escrita em contextos particulares e garantidora de efeitos cognitivos, sociais e econômicos a todos aqueles que a adquirem.

Em contrapartida, o modelo ideológico concebe o letramento como *prática social situada*, pois está sempre circunscrito a contextos reais, concretos e específicos; *plural*, pois envolve uma diversidade de usos da leitura, da escrita e da língua/linguagem na sociedade; e *ideológica*, pois implica relações de poder, identidade e crenças.

A partir dos anos 1990, com a internacionalização do ensino superior e a ampliação da participação dos estudantes estrangeiros, o Reino Unido viu germinarem os Estudos dos Letramentos Acadêmicos. Tal vertente contesta discursos consolidados acerca das dificuldades dos alunos com a escrita acadêmica,

² A sigla consagrou-se a partir do nome que designa o campo em inglês: *New Literacy Studies*.

³ Sigla também consagrada a partir da denominação em língua inglesa do campo: *Academic Literacies Studies*.

particularmente o *discurso do déficit do letramento*, segundo o qual os estudantes chegam à universidade sem saberem ler nem escrever, e o *discurso da transparência da linguagem acadêmica*, de acordo com o qual a linguagem científica é transparente e objetiva na transmissão dos conhecimentos disciplinares.

Marco inaugural dos ACLITS, o trabalho de Lea e Street (1998) explica as abordagens da escrita na universidade a partir de três perspectivas, nomeadas como *modelo das habilidades de estudo*, *modelo da socialização acadêmica* e *modelo dos letramentos acadêmicos*. Tais modelos foram descritos a partir de uma pesquisa etnográfica que envolveu professores e estudantes de duas instituições universitárias do Reino Unido e buscou, através da análise de entrevistas, de produções escritas dos discentes e de avaliações dessas produções pelos docentes, compreender as percepções dos alunos e dos professores em relação à escrita acadêmica.

O primeiro modelo, o das *habilidades de estudo*, compreende o letramento acadêmico como um conjunto de técnicas individuais aplicáveis em todos os campos do saber e considera o domínio das regras gramaticais e das convenções de escrita definidor de um leitor e de um produtor de textos competente.

Já o segundo modelo, o da *socialização acadêmica*, concebe o letramento acadêmico como um processo de aculturação dos alunos nos discursos e nos gêneros de sua área do conhecimento, atribuindo ao professor a tarefa de introduzir o estudante nos modos acadêmicos de falar, de escrever, de pensar e de interagir. Embora reconheça, até certa medida, as particularidades dos diferentes cursos universitários, o modelo da socialização supõe que, uma vez aprendidos os rudimentos de um discurso acadêmico particular, os estudantes podem reproduzi-lo sem problemas.

Por fim, o terceiro modelo, o dos *letramentos acadêmicos* leva em conta a heterogeneidade das práticas acadêmicas letradas e sua relação com a produção de sentido, identidade, poder e autoridade. Segundo Lea e Street (1998; 2014), tal modelo inclui o das habilidades de estudo e o da socialização acadêmica, mas vai além destes ao não limitar o ensino da escrita acadêmica a técnicas instrumentais e ao não restringir as práticas de letramento acadêmico à universidade, contestando ainda a crença na homogeneidade dos alunos, na universalidade das habilidades e na estabilidade das disciplinas.

A exposição, nesta seção, dos princípios que fundamentam os NLS e os ACLITS permite-nos, na seção seguinte, avaliar os efeitos que tais estudos estrangeiros produziram nas pesquisas brasileiras.

2 Das origens: o surgimento dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil

Diferentemente dos países de língua inglesa, em que a palavra *literacy* significa tanto alfabetização quanto letramento e nos quais o adjetivo *novos*, em *New Literacy Studies*, marca a mudança paradigmática dos estudos sobre a língua escrita a partir dos anos 1980, no Brasil, um novo termo foi criado para distinguir o uso da escrita na vida social (letramento) da sua aprendizagem inicial (alfabetização)⁴. A criação desse termo acompanha o surgimento do campo dos Estudos do Letramento no país, do qual foram pioneiras quatro estudiosas brasileiras⁵: Leda Tfouni, Ângela Kleiman, Roxane Rojo e Magda Soares⁶.

Assim como o campo do letramento, a vertente do letramento acadêmico também surgiu no país por intermédio de mulheres pesquisadoras. Dentre as estudiosas precursoras dessa vertente em âmbito nacional, estão Adriana Fischer, Marildes Marinho e Raquel Fiad. Se no exterior os Estudos dos Letramentos Acadêmicos são recentes, no Brasil ainda estão apenas começando⁷.

Enquanto a pesquisa de Lea e Street (1998) inaugurou os ACLITS no Reino Unido, o estudo de Fischer (2007) inaugurou o campo no Brasil. Em sua tese de doutorado, a partir dos princípios teóricos dos Novos Estudos do Letramento e da perspectiva dialógica bakhtiniana, a autora buscou compreender como se dá a constituição letrada de três alunas do curso de Letras. Os resultados da análise levaram Fischer (2007) a estruturar um *modelo dialógico de letramentos acadêmicos* como norteador da constituição letrada das estudantes, a partir da vivência de três tipos de eventos de letramento acadêmico: o *interDiscursivo*, o *identitário-profissional* e o *reflexivo-transformativo*.

O primeiro tipo, os *eventos interDiscursivos*, são caracterizados por Fischer (2007, p. 131) como “os que promovem a interface entre tipos de Discursos

⁴ Isso leva Kleiman (2008) a defender a utilização, no Brasil, de *Estudos do Letramento*, em vez de *Novos Estudos do Letramento*, pois no país todos os estudos do letramento são novos.

⁵ Sendo o foco deste artigo o letramento acadêmico no Brasil, não me deterei na origem do conceito de *letramento* e do campo de estudos que impulsionou no país partir dos anos 1990. Para maiores informações acerca disso, ver capítulo 1 de Oliveira (2016).

⁶ Vale lembrar que a primeira ocorrência de que se tem notícia do termo *letramento*, no Brasil, consta no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986), de Mary Kato. Contudo, Kato (1986) não apresenta uma definição teórica de letramento nem aprofunda a discussão sobre o termo, gesto a ser primeiramente realizado por Tfouni (1988).

⁷ Neste trabalho, refiro-me ao campo como Estudos do Letramento (no singular), pois é este o uso que se consolidou no Brasil. Já a vertente dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos, recente no país, parece ainda não ter um nome consolidado, de forma que decidi seguir a opção terminológica da maioria dos pesquisadores britânicos, os quais falam em *Academic Literacies* (Letramentos Acadêmicos, no plural).

(primários e/ou secundários), conseqüentemente entre instituições sociais diversas, devido às orientações de letramento desencadeadas pelo professor”. Por orientações de letramento, a autora entende os procedimentos didático-pedagógicos adotados pelo professor, que, no caso da turma de Letras por ela acompanhada, teriam favorecido o enquadramento crítico dos conhecimentos sobre linguagem e ensino de língua colocados em cena durante as aulas.

O segundo tipo, os *eventos identitário-profissionais*, são definidos por Fischer (2007, p. 152) como aqueles que “realçam a posição socialmente situada de professor, que impulsiona os alunos a se assumirem produtores de conhecimentos, habilitando-os a responder a várias propostas de trabalho com apoio no conhecimento desenvolvido na esfera acadêmica”. Conforme a autora, esses eventos posicionam os alunos em práticas profissionais, valorizando o uso do metac conhecimento e de linguagens sociais, isto é, de linguagens especializadas e contextualizadas em domínios acadêmico-escolares de letramento, como a universidade e a escola.

O terceiro tipo, os *eventos reflexivo-transformativos*, são descritos por Fischer (2007, p. 175) como “os que, valendo-se do letramento crítico ou do Discurso reciclado, têm as funções de libertação [...] e de emancipação – das práticas sociais em que os alunos de Letras participam e das próprias identidades assumidas por eles nessas práticas”. No ponto de vista da autora, é participando desses eventos que as estudantes desenvolvem o controle do uso dos discursos dominantes na academia e da metalinguagem que os constitui, transformando e sendo transformadas pelos letramentos acadêmicos de maneira reflexiva e crítica.

Marinho (2010a) discute as relações com a escrita de alunos ingressantes em um curso de Pedagogia, conjugando a concepção bakhtiniana de linguagem à abordagem etnográfica do letramento acadêmico e concebendo o domínio de um gênero discursivo como um comportamento social, cuja aprendizagem contextualizada é determinada pela experiência, à qual subjazem valores, regras, significados, atitudes e modelos comportamentais. Segundo a autora, a resenha, gênero focal de seu estudo, pressupõe dois lugares de enunciação: o lugar de autor investido de autoridade para comentar criticamente o objeto resenhado e o lugar de leitor crítico desse objeto, papéis que o iniciante de graduação em geral apresenta dificuldade para assumir, pois não é um especialista no assunto do texto a resenhar e vê-se chamado a resenhá-lo a um provável especialista (o professor da disciplina). Embora necessária, dadas as condições de produção do discurso acadêmico, essa artificialidade, para Marinho (2010a), é um exemplo da relação tensa e conflituosa

dos estudantes com a escrita acadêmica e precisa ser minimizada, a fim de que a produção textual adquira uma função social própria em aulas universitárias.

Em Marinho (s/d), a autora volta sua atenção para os chamados *povos tradicionais*, alunos do campo ou indígenas. Ao problematizar a entrada desses grupos no universo da escrita acadêmica, a pesquisadora afirma que assumir uma concepção de letramento, nessa conjuntura, significa lidar com a diferença cultural e linguística em um espaço avesso à diversidade como o universitário, sendo necessário produzir novos conhecimentos e currículos, adequados aos novos alunos.

Fiad (2011), com base nos ACLITS, analisa o que alunos do primeiro semestre de um curso de Letras dizem sobre suas escritas e o confronto destas com o que lhes é esperado na universidade. A autora ressalta que não basta explicitar a organização linguística dos gêneros acadêmicos, sendo importante deixar claro por que algumas práticas são privilegiadas em detrimento de outras na universidade, descortinando as convenções veladas de uso da língua escrita nessa esfera social. Em suas análises das meta-reflexões dos estudantes, Fiad (2011) identifica remissões a dois momentos de sua produção: a escrita pré-disciplina e a escrita pós-disciplina, com destaque para a recorrência de observações que ultrapassam a questão dos gêneros acadêmicos e de suas especificidades textuais, como a importância da interlocução, da reescrita e do debate crítico.

Em Fiad (2013), a autora reflete sobre a reescrita de textos também por estudantes ingressantes no curso de Letras, propondo uma articulação entre a concepção dialógica da linguagem e a perspectiva etnográfica de análise da escrita. Desse modo, apoia-se no dialogismo bakhtiniano e na noção de *história do texto* formulada por Lillis (2008), que prevê um estudo não apenas do texto como também das interações em torno dele e das conversas sobre ele, rompendo, assim, com a dicotomia entre texto e contexto. Como *corpus* de análise, a autora apresenta seis textos: uma produção inicial de um aluno a partir de uma proposta que solicitava a escrita de uma narrativa pessoal sobre a sua entrada no universo escolar, três comentários escritos por três colegas que leram esse primeiro texto, a resposta do autor aos colegas e uma produção final avaliando a disciplina. Fiad (2013) considera o texto inicial, junto dos comentários dos colegas e da resposta do estudante, a *história* do texto final, por constituírem “um conjunto de enunciados relacionados dialogicamente” (FIAD, 2013, p. 473). A autora, assim, chega à sua proposta de ensino de escrita acadêmica de base dialógica e etnográfica, defendendo uma

pedagogia centrada nos textos e nos diálogos sobre os textos travados entre os interlocutores, escrevente e leitores.

O propósito desta seção não foi fazer um mapeamento exaustivo dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil, de modo a chegar a algo como o seu *estado da arte*, mas apenas compreender como se deu a emergência dessa vertente no país, o que exigiu uma ênfase nas pesquisas inaugurais. Na seção seguinte, o foco será nas perspectivas futuras desses estudos em âmbito nacional.

3 Das perspectivas: os Estudos dos Letramentos Acadêmicos e as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação

Fiad (2015) apresenta alguns caminhos que vê para os Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil. Além de reiterar o potencial teórico-metodológico e didático-pedagógico da combinação das perspectivas dialógica e etnográfica na pesquisa e no ensino da escrita acadêmica, a autora observa que a vasta quantidade de trabalhos sobre escrita escolar desenvolvidos no país desde os anos 1980, a partir de teorias textuais e discursivas, somada aos jovens estudos do letramento acadêmico, permite investigar a escrita na universidade “a partir do que foi possível construir como críticas, reflexões e propostas durante esses mais de 30 anos de pesquisas”, de modo que “é possível pensar no letramento acadêmico tentando articular concepções teóricas advindas dos Letramentos Acadêmicos com concepções teóricas advindas dos estudos do texto e do discurso” (FIAD, 2015, p. 30).

Tal potencial interdisciplinar é também ressaltado por Street (2014, p. 177), ao projetar que a pesquisa futura no campo do letramento será conduzida “na interface entre [as] teorias linguísticas e antropológicas, de um lado, e entre discurso e método etnográfico, do outro”. No Brasil, também Marinho (2010b) e Kleiman (2015) sublinham a produtividade da interlocução entre os Estudos do Letramento e as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação:

Por analisar situações de interação buscando entender o contexto sociocultural em que se inserem, *torna-se bastante produtivo o diálogo com uma Linguística do Discurso, de teorias enunciativas e pragmáticas, particularmente inspiradas nos trabalhos de Bakhtin e da análise do discurso francesa*. É praticamente impossível discutir o conceito de letramento, hoje, sem se conectar com [...] A virada pragmática no campo dos estudos linguísticos [que] nos orienta rumo a uma *concepção enunciativa da linguagem* (MARINHO, 2010b, p. 80, grifos nossos).

Surgem, então, novos enfoques analíticos com o desenvolvimento de *teorias que se ocupam da língua em uso, como as Teorias da Enunciação, a Análise do Discurso*. Para a análise da língua em uso com base no conceito de letramento [...] *uma articulação profícua se dá entre os Estudos de Letramento e a concepção dialógica de linguagem do Círculo de Bakhtin* (KLEIMAN, 2015, p. 14, grifos nossos).

No âmbito dos Estudos do Letramento do Brasil, além de Kleiman (2015), realizam essa articulação outras autoras citadas neste artigo, como Rojo (2009/2014) e Tfouni (1995/2010). No âmbito dos Estudos dos Letramentos Acadêmicos no país, tal interface com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação é feita por Fischer (2007), Marinho (2010a; 2010b; s/d) e Fiad (2011; 2013; 2015). Dessas estudiosas, todas, exceto Tfouni (1995/2010) – filiada à Análise do Discurso de Michel Pêcheux-, assumem como referencial teórico o Círculo de Bakhtin, produzindo reflexões centradas nas noções de *dialogismo* e de *gêneros do discurso*.

Em Oliveira (2016), proponho uma interface entre os Estudos dos Letramentos Acadêmicos e a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, proposta, até onde sei, inédita no Brasil e no mundo. Partindo da dupla alteridade descrita por Silva (2009) como constitutiva de todo ato enunciativo – a alteridade com o outro da alocação (*tu*) e com o outro da cultura (*ELE*) –, formulo princípios teóricos com o objetivo de produzir uma explicação enunciativa para o fenômeno do letramento acadêmico e os organizo em dois eixos: a) *a interpretância da língua na escrita e na oralidade acadêmicas*; b) *a intersubjetividade e a referência na escrita e na oralidade acadêmicas*.

No primeiro eixo, desenvolvo cinco princípios teóricos⁸ relacionados à incorporação pelo locutor-aluno dos valores das culturas de escrita acadêmica em que está imerso, que se manifestam em seu discurso a cada vez que fala, ouve, escreve e lê textos escritos e orais letrados. No segundo eixo, desenvolvo outros cinco princípios

⁸ Os princípios desse primeiro eixo são os seguintes: a) *A escrita e a oralidade acadêmicas, atualizadas nos atos enunciativos de fala, de escuta, de escrita e de leitura de textos escritos e orais letrados, são formas complexas do discurso letrado interpretantes das culturas de escrita acadêmica*; b) *O aluno universitário, ao converter a língua em discurso na e pela enunciação, manifesta nesse discurso os valores das culturas de escrita acadêmica*; c) *Tais valores podem se revelar nos níveis lexical, gramatical e textual da língua, mas nem sempre são apreensíveis na linearidade do discurso letrado, o que requer do locutor-aluno a vivência de situações enunciativas de letramento acadêmico que o convoquem a inserir seu discurso no mundo letrado acadêmico para se apropriar da língua-discurso desse mundo e dos dados culturais que ela traduz*; d) *Essa apropriação ocorre no interior de quadros e esquemas culturais que prescrevem e interditam os usos da escrita e da oralidade acadêmicas por campos do saber específicos, regulando-lhes os modos de enunciação letrada em situações enunciativas de letramento acadêmico particulares*; e) *A incorporação, pelo locutor-aluno, dos valores culturais acadêmicos garante-lhe o estabelecimento de uma parte da dupla alteridade constitutiva do letramento acadêmico, aquela com o outro da cultura (ELE) – as culturas de escrita acadêmica*.

teóricos⁹, por sua vez relacionados ao duplo funcionamento intersubjetivo (relação *eu-tu*, que possibilita a interlocução humana) e referencial (relação *eu-tu/ele*, que torna possível a referência ao mundo externo à alocação), o qual, segundo Benveniste (2006, p. 101), possibilita “a inclusão do falante em seu discurso, [...] que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação”. Deste modo, no processo de letramento acadêmico, esse duplo funcionamento discursivo possibilita ao locutor-aluno incluir-se como sujeito no discurso letrado acadêmico e como participante nas culturas de escrita acadêmica. No primeiro eixo, o locutor-aluno constitui a alteridade com o *outro* da cultura (*ELE*) – as culturas de escrita acadêmica. No segundo eixo, constitui a alteridade com o *outro* da alocação (*tu*) – o alocutário-professor/colegas – e consolida a alteridade com o *outro* da cultura (*ELE*), instaurando-se, assim, como sujeito de linguagem no mundo letrado acadêmico.

Tais princípios resultaram na concepção de letramento acadêmico como “um ato enunciativo de inscrição do homem nas culturas de escrita acadêmica, nas quais ele se instaura como sujeito de linguagem e renova sua relação com a língua materna a cada vez que insere seu discurso no mundo letrado acadêmico para falar, ouvir, escrever e ler textos escritos e orais letrados” (OLIVEIRA, 2016, p. 129).

As concepções e os princípios teóricos desenvolvidos em Oliveira (2016) me possibilitarão, em estudos futuros, analisar fatos enunciativos de linguagem de alunos universitários e propor ações de intervenção pedagógica em contexto acadêmico, pois concordo com Kleiman (1995/2012) sobre serem os Estudos do Letramento no Brasil um dos campos que mais aproximam o interesse teórico e o interesse aplicado, buscando explicar o fenômeno do letramento ao mesmo tempo em que procuram transformar a realidade desigual enfrentada por grupos sociais que desconhecem ou apresentam dificuldades em sua relação com a escrita.

⁹ Os princípios desse segundo eixo são os seguintes: a) *O aluno universitário, ao se apropriar da língua e colocá-la em funcionamento em um ato individual de utilização a cada vez que fala, ouve, escreve e lê textos escritos e orais letrados, instanciam-se subjetivamente no discurso letrado como sujeito de linguagem*; b) *Com o alocutário-professor/colegas, o locutor-aluno constitui intersubjetivamente o quadro figurativo da enunciação letrada e dá início a um processo de resignificação da sua relação com a língua e com o outro*; c) *A inscrição na estrutura enunciativa do diálogo letrado requer, do locutor-aluno, a assunção do lugar de eu, a atribuição do lugar de tu ao alocutário-professor/colegas e a constituição do ele como a língua atualizada em discurso para a produção de sentidos e de referências*; d) *A apreensão, pelo locutor-aluno, da referência enquanto situação discursiva, tema do discurso e atitude do locutor torna possível a sua instanciação subjetiva na escrita e na oralidade acadêmicas como formas complexas do discurso letrado interpretantes das culturas de escrita acadêmica*; e) *Instanciando-se no duplo funcionamento intersubjetivo e referencial do discurso letrado, o locutor-aluno consolida a dupla alteridade com outro da alocação (tu) – o alocutário-professor/colegas – e com o outro da cultura (ELE) – as culturas de escrita acadêmica –, instaurando-se, assim, singularmente como sujeito de linguagem no mundo letrado acadêmico*.

Conclusão

Este artigo buscou apresentar os Estudos dos Letramentos Acadêmicos no Brasil a partir de três vieses: suas principais influências, suas origens no país e suas perspectivas futuras.

Inicialmente, vimos que a constituição de tal vertente em âmbito nacional foi diretamente influenciada pelos Novos Estudos do Letramento (NSL) e pelos Estudos dos Letramentos Acadêmicos (ACLITS), conjunto de estudos desenvolvidos no Reino Unido, sobretudo os filiados ao antropólogo britânico Brian Street.

Em seguida, recuperamos os estudos nacionais precursores do letramento acadêmico na abordagem dos ACLITS, destacando a contribuição de Fischer (2007), Marinho (2010a; 2010b; s/d) e Fiad (2011; 2013; 2015) no estabelecimento dessa vertente no contexto brasileiro.

Finalmente, situamos os Estudos dos Letramentos Acadêmicos do Brasil no quadro de um diálogo interdisciplinar com as Teorias do Texto, do Discurso e da Enunciação, em relação ao qual os estudiosos do letramento, em geral, e do letramento acadêmico, em particular, projetam o futuro dos Estudos do Letramento. Com efeito, da interlocução entre os estudos textuais, discursivos e enunciativos e campo do letramento podem resultar avanços para ambos os saberes disciplinares, que não dissociam o exercício da língua das práticas sociais e das relações humanas mediadas pela cultura.

Referências

BEVILAQUA, Raquel. Novos Estudos do Letramento e Multiletramentos: divergências e confluências. **Revista Virtual de Letras**, v.5, n.1, p.99-114, jan./jul.2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **A democratização e expansão da educação superior no país 2013 – 2014**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192. Acesso em: 13 fev. 2016.

FIAD, Raquel. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, n. Especial, p. 357-369, 2011.

_____. Reescrita, dialogismo e etnografia. **Linguagem em (Dis)curso**, v.13, p. 463-480, 2013.

_____. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. **Pensares em Revista**, v.1, p. 23-34, 2015.

FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita** (1995). 2ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

_____. Interseções entre a Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.22, n.36, jan./jun.2015.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: un academic literacies approach. **UK Studies in Higher Education**, v.23, n.2, p.157-172, 1998.

_____. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.16, n.2, p.477-493, jul./dez.2014.

LILLIS, Theresa. Whose “Common Sense?” Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C.; TURNER, J.; STREET, B. (orgs). **Students writing in the university: cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico (2010a). **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.10, p.363-386, 2010.

_____. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito (2010b). In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs.). **Cultura escrita e letramento**. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. (s/d). “**As palavras difíceis chegaram**”: a entrada de grupos tradicionais no universo da escrita acadêmica. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Marildes%20Marinho%20\(F AE-UFMG\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Marildes%20Marinho%20(F AE-UFMG).pdf). Acesso em: 13 fev. 2017.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Do homem na língua ao sujeito na escrita: bases para um diálogo entre Letramento e Enunciação**. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social** (2009). São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização** (1995). 9.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Artigo recebido em: 14/02/2017

Artigo aprovado em: 20/06/2017

DISCURSO EMPRESARIAL E EFEITOS DO NÃO-VERBAL: AS FOTOGRAFIAS CORPORATIVAS E AFIRMAÇÃO DOS SENTIDOS

Maria Isabel Braga Souza*

Resumo:

A Análise de Discurso de linha francesa, em que estamos filiados neste trabalho, se interessa pelas práticas discursivas, sejam elas produzidas sobre bases verbais ou não-verbais. Diferentes materialidades que também evocam sentidos diferentes. Nesse estudo, tomaremos as fotografias corporativas pensando as condições de produção do discurso empresarial e as estratégias de comunicação, perpassados pelas formações discursivas do mercado.

Palavras-chave: *Comunicação empresarial; Fotografias corporativas; práticas discursivas; Análise de Discurso; Estratégias de comunicação.*

Abstract:

The Discourse Analysis of French line in which we are affiliated in this work is interested in the discursive practices, be they produced on verbal or non-verbal bases. Different materialities that also evoke different meanings. In this study, we will take the corporate photographs thinking about the conditions of production of the business discourse and the strategies of communication, permeated by the discursive formations of the market.

Keywords: *Business communication; Corporate photos; Discursive practices; Discourse Analysis; Communication strategies.*

Introdução

O mercado globalizado impactou as empresas com novas demandas e exigências, reorganizando valores, fazendo emergir novas formas de administração e gestão, e “diretrizes” para as relações entre capital e trabalho. Conforme Raij (2012), a globalização fez com que as empresas modificassem diversos aspectos relacionais e

* Mestre em Ciências da Linguagem (PPGCL-UNIVÁS). Professora nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda (UNIFAE). Contato: isabelsouza.jornalista@gmail.com

administrativos para atender a essa conformação de mercado que se instalou em todo o mundo.

A globalização teve, pois, importante participação no desenvolvimento [das empresas], exigindo que transformassem suas competências acumuladas – conhecimento, experiências, sistemas, tecnologias – em recursos aptos a garantir vantagens competitivas e novas oportunidades diante de um mercado mais exigente, mais pulverizado, mais sofisticado, mais complexo (RAIJ, 2012, p.90).

Pensada discursivamente, a globalização é uma condição de produção do discurso empresarial que expressa o modo como as organizações se significam em suas relações, entre elas, no domínio do trabalho, a partir de evidências que buscam estabilizar os sentidos, fazendo com que funcionem de um modo e não de outro perante o público, sujeitos que de alguma forma são parte da empresa e do seu modo de produção, buscando assim silenciar as relações antagônicas entre capital e trabalho.

As empresas¹ buscam materializar em seus dizeres imagens de uma organização que seja “compreendida” pela sociedade como detentora de certos atributos, em consonância às formações discursivas do capital, aos sentidos que estão em circulação na atualidade, nessa relação entre produzir, vender e lucrar. Para domarem os sentidos e se significarem de uma maneira e não de outra, as empresas silenciam seus propósitos e interesses, sobrepondo a eles a evidência de certos comportamentos que se tornam moldes, movimentos que dissimulam, ocultam a realidade e assumem um caráter institucionalizado de verdade única e ideal no meio corporativo, envolvendo nesses jogos de interesses as relações entre empresa e público. Os materiais de comunicação empresarial institucionalizam os dizeres da organização em textos e imagens, produzindo efeitos de fechamento, direcionando a certas práticas que estabilizam os sentidos, promovendo consenso, que imaginariamente para a empresa, é a “garantia”, a “estratégia”, para se manter no mercado e dominar o público.

Mudanças ocorridas na Comunicação Social, a partir da mundialização, aceleraram a circulação de informações e, com isso, os processos corporativos chegam a um número cada vez maior de pessoas, criando a demanda de a empresa desdobrar-se em posicionamentos que significam a sua valorização no mercado e corroboram com os processos de gestão e produção hoje naturalizados como fatores

¹ O presente artigo traz um recorte da dissertação de Mestrado intitulada “Discurso, sujeito e organizações: efeitos de sentido na comunicação empresarial”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL- Univás), com orientação da Profa. Dra. Telma Domingues da Silva.

positivos, tais como ações de sustentabilidade, a política de benefícios, programas de incentivo, o espírito de cidadania, entre outros.

A partir de nossa perspectiva, essa realidade das organizações é materializada por meio da linguagem, em uma conjuntura que envolve vários sujeitos que falam em diferentes posições. Nos mais diversos tipos de enunciados empresariais, há um esforço, compreendido como efeito de fechamento, para que o público de interesse da organização se inscreva nestas formações que estão em circulação.

É no discurso que as empresas buscam fixar sentidos, organizar relações e disciplinar conflitos, criando “estratégias” importantes para a sua permanência na sociedade capitalista. Sobre isso, Iasbeck (2013) afirma que:

[...] uma definição de comunicação organizacional não pode deixar de fora alguns elementos constitutivos da organização, quais sejam: o coletivo de pessoas que a compõem, a natureza colaborativa do trabalho que executam, o público ao qual se destina o resultado desse trabalho e o esforço em preservar a dinâmica das trocas para que a organização perpetue. (IASBECK, 2013, p. 73).

Os profissionais da comunicação constroem pela linguagem a imagem da empresa que precisam divulgar para que ela se mantenha no mercado, se signifique diante do público e preserve essas “trocas” citadas pelo autor, ou seja, a empresa se coloca diante da mão de obra, do mercado e do consumidor, mas é importante compreender que os materiais de comunicação, que textualizam esses dizeres empresariais não são apenas reprodutores de dados institucionais, mas sim processos de textualização com suas materialidades discursivas e condições de produção sócio-históricas determinadas.

O controle dos efeitos de sentido nos/dos discursos empresariais é importante na comunicação empresarial, uma vez que é pelos materiais de comunicação que a empresa se posiciona e coloca à prova seus objetivos estratégicos enquanto organização. Trata-se de mobilizar o público das mais diversas formas, com formulações por meio das quais os discursos significam a proposição de ações julgadas significativas para o desenvolvimento da empresa.

Compreendemos a comunicação empresarial como o conjunto de práticas de linguagem que institucionaliza a relação das empresas com a sociedade. Essa comunicação se faz por meio de textos em diferentes materialidades, por exemplo, jornais, comunicados, relatórios, entre outros. Na área da Comunicação Social entende-se que a elaboração destes materiais é importante para o “ambiente” organizacional, atribuindo sentidos ao modo como a gestão é realizada.

Diferentemente nos estudos da linguagem, essas formulações funcionam produzindo efeitos de sentido em uma relação imaginária entre a empresa e o público.

A Análise de Discurso de linha francesa se interessa pelas práticas discursivas, sejam elas produzidas sobre bases verbais ou não-verbais. Diferentes materialidades que também evocam sentidos diferentes. Assim, tomaremos a fotografia pensando o discurso empresarial e as estratégias de comunicação atravessados pelas formações discursivas do mercado.

Imagens e a produção de efeitos de sentido

Buscamos discutir a relação do homem com os sentidos em diferentes materialidades, tomando a imagem e sua discursividade, compreendendo como a imagem funciona, enquanto um processo discursivo, sustentando sentidos que são postos em circulação. Sobre imagem e a produção de efeitos de sentidos, Medeiros (2015) afirma que:

O modo como a imagem está/existe em nossa sociedade na contemporaneidade, especialmente no trato midiático de aparecência de fatos, irrompe espaços e (re)constitui memórias que colaboram em uma espécie de orientação discursiva dada a produção de sentidos em seu modo/forma de dizer. [...] [a imagem] é uma presença irrefutável no/do mundo em que vivemos: a imagem em suas formas de significar e legitimar sentidos. (MEDEIROS, 2015, p. 91).

Diversas imagens (fotografias) compõem o Código de Conduta Empresarial da Alcoa Alumínio S/A², e reproduzem, como podemos ver na Figura 1, principalmente no início de cada nova seção, o assunto principal que será exposto na sequência.

Observamos a recorrência de imagens de funcionários felizes, com expressões de liderança e comprometimento com a função que exercem, homens, mulheres, jovens, brancos ou negros; além de fotografias de maquinário e produtos desenvolvidos pela companhia.

De modo geral, compreendemos que as imagens formulam o que é idealizado pela empresa, a partir deste consenso na conduta empresarial e sucesso garantido.

² O Código de Conduta Empresarial da Alcoa foi publicado em setembro de 2014 e é de autoria da Organização de Ética e Conformidade da multinacional. O Código está disponível no site da Alcoa, sem restrições de acesso, e possui 40 páginas, nas quais constam informações da empresa, direcionamentos e indicações de comportamento para as mais diversas situações que podem ocorrer envolvendo seus trabalhadores. O material é dividido em seis capítulos, colorido, com várias fotografias que destacam pessoas no universo da empresa, nas mais diferentes hierarquias. Pelo próprio texto de apresentação deste material, compreendemos que ele foi criado pela Alcoa para estabelecer padrões, por meio de práticas adotadas e aconselhadas pela empresa para direcionar os trabalhadores a como se comportar em situações de tomadas de decisão, relacionamento entre funcionários, fornecedores, clientes, parceiros e comunidades onde a multinacional atua.

Algo fala antes, em outro lugar, independentemente (ORLANDI, 2012). A memória que essas imagens evocam são relacionadas ao sujeito, ao trabalho e à corporação, refletem os efeitos de sentido produzidos pelos textos do Código de Conduta.

A empresa, nas fotografias, materializa seu posicionamento de que seguir o Código de Conduta Empresarial resulta em funcionários comprometidos no trabalho com prazer e segurança, na excelência da produção e qualidade dos produtos e, por consequência, no crescimento da empresa e na sua estabilidade. Desobedecer às normas de conduta implicaria em um ambiente contrário, desfavorável a todos os envolvidos e à empresa.



Figura 1 – Imagens de trabalhadores e produtos fabricados pela empresa que compõem o “Código de Conduta”

É interessante salientarmos que a Análise de Discurso aceita a multiplicidade de linguagens e procura entender seus funcionamentos. Conforme Orlandi (1995):

[...] a AD trabalha não só com as formas abstratas, mas com as formas materiais da linguagem. E todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria. Assim, a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significativa que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente. (ORLANDI, 1995, p. 35).

A Análise de Discurso é uma metodologia que se volta para práticas discursivas, sejam elas produzidas sobre bases verbais ou não-verbais, diferentes materialidades que também evocam sentidos diferentes. Com o método próprio da AD é possível compreender o funcionamento dos textos, ou seja, como estes

produzem sentidos, e propõe uma nova maneira de leitura e interpretação, nos levando a uma reflexão sobre a linguagem e os sentidos postos em circulação. Sobre o trabalho do analista, refletindo a noção de texto para a Análise de Discurso, Orlandi (1995) pontua que:

[...] não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo, que é o que faz o texto significar, o texto, ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles — e outros que nem mesmo conhecemos — são parte. (ORLANDI, 1995, p.117).

Poderíamos assim compreender que as imagens que integram o Código de Conduta produzem paráfrases do próprio discurso empresarial da Alcoa, e dão corpo ao sentido que é repassado do verbal ao não-verbal sustentando toda rede de relações do Alcoano, identificado com a própria empresa. As fotografias corporativas produzem efeitos no sujeito trabalhador da Alcoa, é um funcionamento discursivo que sustenta a significação, e sobre isso, Orlandi (1995, p. 40) aponta que “a significação é um movimento, um trabalho na história e as diferentes linguagens com suas diferentes matérias significantes são partes constitutivas dessa história”.

Tomar a imagem como uma materialidade discursiva é compreender que este tipo de linguagem não-verbal significa na história, e quando associada a outros textos que produzem efeitos de sentido semelhantes, proporciona a legitimação desses sentidos que ali estão materializados. Sobre isso, Orlandi (1995) afirma que:

O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações – as condições de produção de qualquer discurso – está a da própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. (ORLANDI, 1995, p.39).

Para compreendermos a produção de sentidos das imagens, em nosso caso, fotografias corporativas, na sua relação com os textos verbais, selecionamos três recortes, das sete capas de seções que compõem o Código de Conduta.

O primeiro recorte é uma composição de três fotografias que formam a página de abertura da seção “Trabalhando uns com os outros”, conforme Figura 02. Nesta seção do Código, há indicação de posturas e formalidades propostas pela empresa para situações que envolvam segurança do trabalhador, a promoção de um ambiente seguro, o não uso de drogas e a ajuda mútua, o trabalho em equipe, com ética e respeito, conforme colocações próprias da empresa ao longo dos textos. Nesta seção, há um efeito de sentido de coletividade, de ajuda mútua para manter o ambiente da

organização em funcionamento dentro das formatações previstas na/pela empresa. As imagens reforçam os sentidos destes discursos de segurança, saúde e respeito no ambiente de trabalho, bem como os sentidos de cooperação entre colegas e de uma inscrição dos empregados em práticas de bem-estar.



Figura 2 – Recorte da capa da seção “Trabalhando uns com os outros”

Na imagem maior, temos três operárias que não são jovens. Acreditamos que isso, de um modo não evidenciado, produz efeitos de que na empresa há possibilidade de o empregado construir carreira, ou, ainda, sentidos de que neste ambiente, independentemente da idade ou da função, há uma construção colaborativa para um ambiente seguro e motivador, sem preconceito, respeitando a diversidade, promovendo a inclusão. Um sendo respeitoso com o seu trabalho e o trabalho do outro, eliminando problemas, produzindo o efeito de sentido de time, de parceria, da rede, do nunca está sozinho.

Há ainda duas fotografias menores na parte de baixo da capa da seção, as quais podem ser vistas de modo mais ampliado na Figura 03. Vemos em uma delas

operários em linhas de produção protegidos e respeitando o uso de equipamentos obrigatórios de segurança.



Figura 1 – Fotografias que compõem a página de abertura da seção

Dada a gestualidade dos funcionários que compõem esta foto, sentidos de ajuda, coleguismo, incentivo entre colegas de trabalho para que eles também se inscrevam nos procedimentos e normas de segurança recomendados pela empresa. Ou seja, há efeitos de sentido de um cuidando do outro, orientando, ensinando, vigiando o outro, se responsabilizando pelo outro.

Também observamos que a composição fotográfica faz parte de uma seção que traz recomendações de segurança. O fato de haver mulheres na capa desta seção especificamente produz sentidos que inscrevem a empresa em uma imagem maternal, cuidadosa, preocupada com a sua mão de obra.

O segundo recorte é uma composição de três fotografias que formam a página de abertura da seção “Construindo negócios globalmente”, conforme Figura 04. Nesta seção, há três elementos que nos chamaram a atenção em relação à produção de sentidos desse conjunto de imagens: o olhar do trabalhador inscrito em um imaginário de futuro, funcionando como um horizonte de possibilidades; o aperto de mão produzindo um efeito de um fechamento de negócio ou estreitamento de relações; e representantes desta conjuntura global, aqui, do Oriente Médio, assim compreendidos a partir do vestuário. Os sentidos que são postos nestas fotografias corroboram com a ideia do crescimento, da difusão global.



Conduzindo negócios globalmente

Figura 4 – Recorte da capa da seção “Conduzindo negócios globalmente”

Na fotografia maior, há um efeito que ressoa no funcionário, o de expansão dos negócios da empresa, o que conseqüentemente pode afetá-lo de modo positivo também. Assegurando o emprego, fazendo carreira, vislumbrando possibilidades outras, podendo estar em qualquer lugar. Produz efeitos de sentido de avanço, de expectativa, de ser Alcoa onde quer que você esteja, de o território Alcoa ser sem fronteiras.

Nas duas fotografias menores, conforme Figuras 05 e 06, há a representação do aperto de mão que produz sentidos de negócios em andamento, de novos parceiros e clientes, de um tratamento respeitoso e cordial, de uma postura confiável e comprometida por parte da empresa Alcoa.



Figura 5 – Fotografia que compõe a página de abertura da seção



Figura 6 – Fotografia que compõe a página de abertura da seção

E, em relação aos negócios no exterior, a foto de homens (de negócios) com vestuário típico dos povos do Oriente Médio produz sentidos de representação do crescimento e expansão da empresa, investindo em exportação, ecoando nestes discursos algo da ordem do globalizado, do mundial, fortalecendo o posicionamento da empresa que é uma multinacional que busca expandir seus negócios pelo mundo.

Destacamos ainda que nessa segunda capa, que remete aos negócios, observamos que não há mulheres. Nas fotografias estão “os homens de negócios”, excluindo a participação feminina das causas financeiras e de desenvolvimento da empresa. Há ecos de uma sociedade machista, de certo modo ainda excludente, principalmente no que diz respeito à participação feminina em cargos de liderança empresarial e nas tomadas de decisões importantes nos ambientes corporativos.

O terceiro e último recorte, é uma composição de três fotografias que formam a página de abertura da seção “Apoiando nossas comunidades”, conforme Figura 07.



Figura 7 – Recorte da capa da seção "Apoiando nossas comunidades"

Nesta seção, há enunciados que formalizam atitudes em relação ao meio ambiente, sustentabilidade e responsabilidade social, relacionados não só a natureza, mas a sociedade de modo geral. Há, na capa, imagens que reforçam os sentidos que constituem os discursos sobre meio ambiente e produção sustentável que atualmente estão em circulação na sociedade e nas empresas. São ações que ganharam endosso de leis e certificações que, na formação discursiva da globalização e do capitalismo, fortalecem a imagem da empresa perante seus públicos. Surge como efeito de sentido de que não pode e nem deve faltar nos discursos empresariais como evidente, consensual na sociedade, conforme Figuras 08 e 09.



Figura 8 – Fotografia que compõe a página de abertura da seção



Figura 9 – Fotografia que compõe a página de abertura da seção

Nas imagens, notamos pessoas uniformizadas em contato com áreas ambientais, cuidando da biodiversidade, checando estas iniciativas; muito embora o título seja “Apoiando nossas comunidades”, não há fotos de comunidades, mas apenas de situações que envolvem o ecológico, o meio ambiente.

Assim, a nosso ver, há uma não correspondência entre os sentidos mobilizados na fotografia e os que são postos no verbal, no sentido de mostrar uma comunidade, embora haja nessa composição imagética um efeito de evidência, se pensarmos na discursividade do discurso ecológico e de responsabilidade social. O verbal fala em comunidades, mas as imagens direcionam os sentidos ao ecológico.

Não há comunidades, há a presença de pessoas, compreendidas como trabalhadores da empresa a partir do uso de uniformes, em cenários de natureza. A Alcoa atua na extração de minério, mas procura evidenciar em seus discursos os cuidados que toma para recuperar as áreas onde está ou esteve presente de algum modo, ou seja, nas imagens silenciam-se os danos causados por causa das atividades da empresa e as políticas descritas nesta seção afirmam o cuidado, dissimulando ou silenciando o dano que ela causa à natureza.

Há a produção de um efeito de sentido de empresa cidadã, benfeitora em razão de a empresa tornar-se querida, se produz identificação, e justificam-se os danos

causados pelas suas atividades. Trabalhar para a empresa é trabalhar para a sociedade, interferir, transformar a sociedade, preocupar-se também com a sustentabilidade.

Nos recortes percebemos a produção de fotografias que se apresentam como cenas casuais, naturais, embora, nelas não haja nada de casual, mas construção discursiva e efeitos ideológicos, em termos de “estratégia comunicacional”. Há sentidos de não preconceito, de responsabilidades social e ambiental, com discursos da globalização (pensando os estrangeiros e a abertura de novos mercados) e da inclusão (de jovens, idosos, mulheres, negros).

As fotografias são produzidas em locais pensados, pessoas são escolhidas para representar os funcionários exercendo suas funções. Compreendemos que há regularidades discursivas nestas imagens que suscitam o sucesso profissional, a empresa cidadã preocupada com a sua mão de obra e com a comunidade, o meio ambiente.

Consideradas a partir do discurso da publicidade, podemos compreender que há, de fato, um esforço em fazer circular nas fotografias determinados ideais – em nosso caso, ideais de conduta – que, de certa forma, nos apresentam modos de estar no mundo, na atualidade (CARROZZA, 2015), pensando a significação dessas imagens no discurso empresarial.

Considerações finais

A partir dos dizeres das organizações, nessa relação com a mão de obra, percebemos a produção de efeitos de controle de atitudes e comportamentos, evidenciados nos discursos com sentidos de valores e expectativas, de crescimento profissional, do bom funcionário. Há no discurso empresarial institucionalizado pela comunicação, a sustentação de compromissos ideológicos que produzem efeitos de sentido nas relações entre empresa e público.

O material da Alcoa produz efeitos de sentido que sugerem credibilidade, organização, funcionários motivados e crescimento profissional, dado o sujeito que se relaciona com a empresa enquanto “consumidor” dessa imagem. Um ambiente seguro, de alto padrão que busca excelência nos negócios. Entre o público, seja ele a sociedade ou os próprios trabalhadores, essas formações imaginárias podem produzir interpretações que rotulam a multinacional como uma empresa ideal para se construir carreira, ter estabilidade e crescer profissionalmente. O consenso

produzido pelo imaginário é o que garante, de certo modo, a manutenção dos ideais capitalistas, que estão centralizados nos interesses da empresa, ou seja, as fotografias corporativas buscam o controle e a mediação das relações de trabalho e é no/pelo discurso que as empresas buscam fixar sentidos, criando “estratégias” para a sua permanência na sociedade capitalista e globalizada. Percebemos nas imagens um sentido evidenciado para conduzir posturas e ideais do sujeito trabalhador inserido nesse ciclo capitalista – de produção e consumo –, que fortalecem ainda mais o capitalismo e, por consequência, a empresa e seus negócios.

Os sentidos produzidos nas fotografias corporativas direcionam a leitura e se apoiam em uma rede de significados, buscando produzir consenso em relação aos sentidos que a empresa deseja estabilizar quando determina comportamentos e iniciativas para estes segmentos que a afetam e a formam enquanto organização inserida na contemporaneidade.

Referências

CARROZZA, G. **Publicidade: o consumo e sua língua**. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

IASBECK, L. C. A. Discurso e texto: a produção da expressão das organizações. In: OLIVEIRA, I. L.; MARCHIORI, M. (orgs.). **Comunicação, discurso, organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2013.

MEDEIROS, C. S. O discurso da imagem e os efeitos da sensação. In: SANTOS, M.; SOUZA, L. C. P. (orgs.). **Arte, mídia e discurso: interface e produção dos sentidos**. São Paulo: Annablume Editora, 2015.

ORLANDI, E. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. RUA Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, volume 01, número 01. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>>. Acesso em: 09, setembro, 2016.

_____. Discurso e texto. **Revista Organon**, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 23, v. 09, p. 111-118, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365>>. Acesso em: 14 maio 2016.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2013.

_____. **Discurso e Texto. Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2012.

RAIJ, C. F. M. V. Análise de um discurso organizacional. In: KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação organizacional**: linguagem, gestão e perspectivas. v. 2. São Paulo: Saraiva, 2009.

Site:

ALCOA S/A (Brasil). Disponível em:
<http://www.alcoa.com/brasil/pt/info_page/home.asp>. Acesso em: 16, mai, 2015.

Artigo recebido em: 14/02/2017

Artigo aprovado em: 20/06/2017

TELEJORNALISMO E YOUTUBE: ESPAÇOS DE SENTIDOS NO JOGO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Divino Alex Rocha de Deus*

Maraline Aparecida Soares**

Silvia Regina Nunes***

Resumo:

Busca-se discutir neste trabalho o funcionamento da língua(gem) na mídia eletrônica para dar visibilidade ao jogo entre oralidade e escrita nos dizeres em circulação. Para tanto, apresentam-se, as relações entre imagem, som e o modo de inscrição do corpo, que de forma imbricada com o discurso da escrita e da oralidade constituem efeitos de sentidos para e por sujeitos. O material recortado para nossa análise é um vídeo intitulado “Óleo vaza na bacia”, publicado no YouTube em 2011, pelo canal “Keké isso na TV”. Propõe-se pensar, discursivamente, o modo como se desconstrói o ritual do discurso jornalístico construído a partir do discurso da escrita e o modo como o vídeo irrompe, desconstruindo esse lugar, ao esboçar o ritual discursivo estereotipado e naturalizado como discurso oral.

Palavras-chave: Sujeito; Memória jornalística; Discurso; Oralidade; Escrita.

Abstract:

This work aims to discuss the functioning of the language in the electronic media to give visibility to the game between orality and writing in the sayings in circulation. For this, the relations between image, sound and the way of the body's inscription are presented, which in an imbricated way with the writing discourse and orality discourse constitute effects of meanings for and by subjects. The chosen material for our analysis is a video titled "Óleo vaza na basca", published on YouTube in 2011, by the channel "Keké isso na TV". It is proposed to think in a discursive direction about the way how is deconstructed the ritual of journalistic discourse made from the writing discourse and the way in which video breaches, deconstructing this place, it outlined the naturalized and stereotyped discursive ritual as oral discourse.

Keywords: Subject; Journalistic memory; Discourse; Orality; Writing.

* Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Professor do ensino superior e da rede Estadual. Contato: alexalex1000@gmail.com.

** Graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) pela UNEMAT. Contato: maralinesoares@hotmail.com.

*** Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística, Mestrado e Doutorado da Universidade do Estado de Mato Grosso. Contato: silvianunes@unemat.br.

Introdução

A pesquisa apresentada neste artigo começou a ser desenvolvida no 5º semestre da graduação, ocasião em que o vídeo¹ passou a circular e produzir o humor entre os colegas da academia e outros grupos sociais. Desde então surgiu a inquietação em compreender o que exatamente provocava o riso. Para tanto, os estudos foram ampliados no trabalho de conclusão de curso, mas para nossa discussão, trazemos apenas um recorte que foca, especificamente, na questão da linguagem usada no vídeo, pois ela joga com a memória de língua jornalística e, sem se dar conta de já estar afetado pelo ritual de linguagem do telejornal da rede globo, o sujeito sorri diante do vídeo.

A reflexão que desenvolvemos se filia à Análise de Discurso (Pêcheux 1969, na França; Orlandi 1996 no Brasil), um campo de estudos sustentado no tripé Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise, uma teoria de entremeio, em que o fundador Michel Pêcheux “levanta questões para a linguística, interrogando-a pela historicidade que ela exclui e, do mesmo modo, interroga as Ciências Sociais quanto à transparência da linguagem sobre a qual eles se sustentam”. [...] (ORLANDI, 2009. p.10).

Além do material que recortamos para análise, houve a necessidade de trazer à discussão outro espaço de circulação do dizer que tem relação com o vídeo analisado, o Plantão da Globo. Sendo assim, problematizamos: *de que modo este vídeo joga com a memória discursiva do telejornal da rede Globo, mais especificamente com o Plantão da Globo?* Para contextualizar, vale ressaltar que ao longo do texto, quando utilizarmos o termo vídeo, estamos nos referindo ao material do YouTube “óleo vaza da bacia” apresentado por Dona Irene, porém, o material “original” da Rede Globo, chamaremos de Plantão.

São dois espaços de dizer projetados para a circulação, cada um com um imaginário de interlocutor: sujeito internauta e sujeito telespectador, o que direciona para um ritual de linguagem próprio de cada espaço, mas os dois têm o mesmo objetivo, atingir o maior número de público, no caso específico do vídeo analisado pelo humor e do Plantão pelo ritual formal (oralização da escrita e postura determinada para o corpo).

¹ O vídeo analisado “Óleo vaza da bacia” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4iZsDKhSp9I>.

1. Princípios teóricos e procedimentos analíticos

No espaço da oralidade, o sujeito para (se) significar se vale da linguagem gestual, não fica pensando e/ou reformulando. A fala é espontânea e é marcada por diferenças regionais e culturais, diferentemente do ritual da escrita, que busca homogeneizar a língua de uma nação, constituindo assim uma divisão no campo da linguagem entre o espaço da escrita e o espaço da oralidade.

A escrita é um instrumento que (re) significa ao longo do tempo sistematizando a linguagem, pois dispõe de técnicas que deslocam o lugar da oralidade que é o espaço das manifestações linguageiras fluidas. A escrita traça parâmetros formais que são postos como normas para o sujeito se significar. E o discurso jornalístico se constitui a partir desses parâmetros da escrita, se valendo até da utilização do *teleprompter*, um aparelho que auxilia o jornalista a ler o texto escrito (a notícia) de forma oral, e, assim, projeta a notícia como produto, apagando o gesto de interpretação.

A língua escrita é vista como o espaço da legitimidade, como lugar da verdade. E se imaginariamente é a escrita que dá conta desse efeito e não a oralidade, a mídia jornalística se inscreve pela escrita. Ao assistir ao vídeo o sujeito se depara com uma abertura que lembra o telejornal, mas em seguida é posto diante de um dizer diferente do esperado, pois o discurso de quem ocupa o lugar de “jornalista” se inscreve numa prática da oralidade e não da escrita, o que promove a estranheza e o humor no vídeo.

Para Análise de Discurso, tudo que produz sentido é linguagem e é nessa direção Michel Pêcheux afirma que não se pode observar palavra por palavra, mas todo um contexto sócio-histórico. Ao pensar a respeito da “oralidade e escrita” entende-se que há um funcionamento específico, sendo este organizado pela linguagem que é a palavra. Assim, o pensamento se estrutura na língua e estes são inseparáveis, haja vista que a linguagem recorta o pensamento. Em outras palavras, é a linguagem que constitui o pensamento.

Nessa perspectiva, a oralidade pode ser considerada fundante forma de linguagem, pois através da audição, a linguagem foi se constituindo por meio da fala. Vale lembrar que oralidade é diferente de fala. A segunda é a combinação individual da língua. Ao constituir a ciência da linguística, Saussure separa língua e fala,

instituindo a língua como objeto dessa ciência e deixa o funcionamento da fala para ser teorizado em outro momento.

Assim, a Linguística não toma a fala como seu objeto, mas sim a língua. Esse gesto tem consequências, pois, às vezes, o que estamos falando pode estar na ordem da escrita e não da oralidade, uma vez que oralidade existe numa oposição à escrita. “Pensemos em seguida que a passagem da oralidade para a escrita não se deu de imediato e que esta passagem provocou mudanças não só na formalização, mas também na constituição, na circulação do discurso e no pensamento” (DIAS, 2009, p.11).

A escrita foi fundada na tradição ocidental no lugar da verdade (Deus), o princípio desse processo de legitimação e formalização estava mais para a reprodução e transcrição da pronúncia oral, mas logo a Escrita foi se ampliando e garantiu seu modo de significar, sendo uma ordem fixa de maneira convencional, toda a tradição do universo é da escrita, é também um ritual literário. Orlandi ressalta que:

Isso porque, na perspectiva discursiva, a escrita especifica a natureza da memória, ou seja, ela define o estatuto do interdiscurso (o Saber discursivo que determina a produção dos sentidos e a posição dos sujeitos, definindo assim, pelo menos em parte, os processos de individualização do sujeito) (ORLANDI, 2009, p.08).

Tanto a oralidade quanto a escrita são objetos de pesquisa para os estudiosos da Análise de Discurso. Podemos mencionar alguns deles, a professora e pesquisadora Cristiane Dias, desenvolveu um trabalho sobre “A escrita como tecnologia da linguagem”. Neste trabalho, ela destaca o processo de passagem da oralidade para a escrita, enfatiza que inicialmente a comunicação era de ordem oral, mas com o passar dos anos, a sociedade se organiza pautada na palavra escrita. Para apontar esse percurso, precisamos compreender o processo da escrita que começa com a transcrição da oralidade e chega até o momento da era digital. Conforme escreve Dias (2009):

Se a oralidade é a nossa primeira via de acesso à linguagem, a escritura é o que coloca a linguagem na ordem do visual, do olhar, o que antes era da ordem da escuta. Da escuta à escrita temos uma história da produção de sentidos do mundo, a saber, da relação do sujeito com o conhecimento e deste com a tecnologia. A form(a)ulação do conhecimento e o modo como ele circula através da escrita, seja na pedra, no barro, no papiro, no codex, no livro impresso, nos muros da cidade, na tela do computador, é o que temos chamado “tecnologia da linguagem” (DIAS, 2009, p.10).

Dias (2009) compreende o gesto de materializar a escrita como uma tecnologia produzida pelo sujeito que o possibilita conhecer a si mesmo. Nesse sentido, ela coloca que é através da historicidade da escrita, como tecnologia e os sentidos que esta produz, por meio dos diferentes suportes, que se torna então possível observar as diferentes formas de relações sociais.

Para compreendermos a historicidade entre oralidade e escrita não se pode deixar de observar que a escrita percorreu um longo processo. Na Idade Média, a escritura era a única escrita possível “escritura e escrita se identificavam” (GALLO, 1992, p.47), isso significa que a escrita só era pensada na dimensão da escritura, ou seja, verdade absoluta e inquestionável, pois se tratava da palavra de Deus, porém logo a leitura oral em forma de recitação passou a ser pensada como oralidade, na forma de “oralização” da escrita. A autora destaca que:

É importante salientar que, embora a escritura se apresentasse, a princípio, Escrita, sua leitura (oral) era possível, assim como sua recitação, o que me fez perceber duas instancias de oralidade: a primeira que se opõe ao texto escrito, ou seja, a que não é Escrita, nem passível de ser e que eu chamo de oralidade de tipo 1. A segunda instância de oralidade, ao contrário, é a “oralização” da Escrita, sua reprodução com todas as características formais e semânticas, que eu chamo de oralidade de tipo 2. (GALLO,1992, p.48).

Podemos compreender, então, que a escrita satisfazia a oralidade (do tipo 2), enquanto a oralidade (do tipo 1) também passou a corresponder uma escrita. Nesse ínterim, dois processos estavam se confrontando: escrita com o objetivo de produzir um sentido “verdadeiro, único” uma vez que essa ideia de sentido único e verdadeiro é um efeito ideológico que contrapõe a oralidade (e sua transcrição) com objetivo de produzir um sentido “não-transparente, inacabado e ambíguo”. Segundo Solange Gallo (1992, p. 50):

Torna-se possível, então, a ideia de uma outra “verdade” que não aquela produzida pela escritura sagrada. Em última instância torna-se possível a legitimação da Escrita que não é sagrada. Essa Escrita (e sua oralização) produzirá, da mesma forma, um efeito de sentido único e verdadeiro; porém, desta vez tendo como pressuposto não a fé, mas a razão. Novamente dois processos de produção de sentido se entrecruzando-dois efeitos de sentido idênticos, em oposição. Nessa perspectiva podemos compreender a afirmação de Gnerre de que o pensamento linguístico grego tenha apontado o caminho da elaboração ideológica de legitimação de uma variedade linguística de prestígio.

Outra pesquisadora que também trabalha questões discursivas voltadas para a Oralidade e Escrita é Mariza Vieira da Silva. Seu texto, intitulado “Cultura e

Oralidade” (2006), propõe pensar a cultura no interior de uma sociedade de escrita urbana. Ao pensar a questão de língua escrita e língua nacional, a autora afirma que “trata-se de pensar na constituição de um jogo identitário entre brasileiros que refere o sujeito à língua escrita tomada como língua nacional: um sujeito afetado em sua identidade pela língua escrita” (p. 4-5). Desse modo, a estudiosa discute esse impasse de diferenças que produz uma barreira separando esses sujeitos brasileiros que utilizam as mesmas palavras, expressões e enunciados de uma mesma língua, gerando assim conflitos. Contudo, Mariza Vieira (2006) explica que:

A escrita, em geral, e a escrita alfabética, em particular, instalam uma relação específica dos indivíduos de uma sociedade dada com a linguagem e com a língua falada, marcada por uma separação do sujeito já-falante com a língua que o fez falante. É possível, então, a existência de um sujeito autônomo, pensante, consciente em relação a sua língua materna e às línguas em geral, e de um objeto também autônomo, a ser conhecido: a língua nacional. Do interior dessa metalíngua (imaginária), o sujeito brasileiro – letrado ou não – significa e faz funcionar de uma maneira específica o homem e o mundo, em um espaço-tempo físico e cronológico, onde se estabelecem relações, públicas e privadas, mediadas pelas letras (VIEIRA, 2006, p. 5).

A pesquisadora Carolina Rodríguez Alcalá realizou um estudo voltado à noção de escrita, em seu trabalho “Escrita e gramática como tecnologias urbanas: A cidade na história das línguas e das ideias linguísticas”. A autora afirma que a escrita é uma tecnologia urbana, pois a cidade e a escrita nasceram juntas, conforme os povos foram ocupando as cidades também fixaram suas línguas, primeiramente pela escrita. “A escrita, a gramática e o dicionário são tecnologias do registro, da permanência, que ao instrumentarem a língua permitem instrumentar também o espaço-tempo de vida, participando assim da constituição da cidade” (ALCALÁ, 2011, p. 200).

Ao trazer discussões da área da Análise de Discurso que desenvolvem as noções de oralidade e escrita, podemos compreender a historicidade e a relação de sentidos que as constituem. Por um lado, a oralidade marcada por colocações linguageiras, e, por outro a escrita sistematizando a linguagem.

No gesto de escuta de sentidos sobre oralidade e escrita compreendemos que a escrita foi deixando seu espaço de transcrição da oralidade (do tipo1) e se aproximando da escrita enquanto escrita sagrada, e ambas produziram um efeito de sentido “único”, num processo de legitimação, “na verdade, um e outro são produtos de um processo histórico e político. A legitimidade da Norma é um efeito ideológico. Efeito este que concorre para a produção de um sentido “único” (GALLO, 1992, p. 51).

Sendo assim, a oralidade produz um sentido ambíguo e inacabado, não pelo fato de não estar de acordo com a norma, mas sim por não passar pelo processo de legitimação.

No que tange à prática discursiva jornalística, a relação oralidade e escrita intervém com toda força. Antes de veicular um fato, textualizam o acontecimento num processo de interpretação que vai editar a notícia a partir da constituição ideológica do sujeito na posição de editor-chefe. “Nesse âmbito, esta posição-autor é coagida a obedecer às questões “ético-políticas”, pois a prática de edição o autoriza, em meio à hierarquia no interior dos telejornais, a fazer intervenções nos textos dos redatores” (QUEIROZ, 2004, p. 93-94). Assim, podemos pensar a prática discursiva do telejornalismo como um ritual regido pela ordem da escrita.

A pesquisadora Queiroz (2004), em seu artigo “Tecnologias: formas e sentidos da textualização lacunar telejornalística”, discute o que assevera Foucault sobre o ritual da prática jornalística:

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos... não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (QUEIROZ, 2004, p. 39).

Desse modo, podemos compreender o espaço do telejornal como uma fábrica, onde processam o dizer enquanto notícia, antes de ser veiculado (vendido). E nesse sentido podemos pensar sobre a escrita e a oralidade, pois o ritual de textualização da notícia funciona num discurso descritivo-narrativo, ou seja, de acordo com os parâmetros da escrita justamente para produzir o efeito de verdade. No ritual do telejornal, ocorre a oralização da escrita. Esta é a condição de produção historicamente posta no/para o telejornal.

1.1 Processo de análise

O vídeo intitulado “Óleo vaza na bacia” é apresentado pela humorista chamada *Dona Irene* e traz, de forma bastante peculiar, uma notícia sobre o petróleo que vazou e, conseqüentemente, manchou a bacia de Campos, no Rio de Janeiro, fato que ocorreu em novembro de 2011. Este vídeo é apresentado inicialmente com a vinheta e

logotipo usados na abertura do telejornal Plantão da Rede Globo, e após essa abertura, temos um cenário semelhante ao da emissora, em que a humorista, ocupando o lugar de âncora, noticia o acontecimento de um modo que se difere ao que já está naturalizado para o sujeito telespectador, enquanto ritual telejornalístico da rede Globo. Para contextualizar nossa discussão apresentamos abaixo a transcrição da fala de Dona Irene, no modo como ela textualiza no vídeo:

No Rio de Janeiro óleo vaza da bacia! Hum, hum óleo vazando da, da bacia! Eu acredito que a bacia tá furada né?! Num tem como um óleo vazá se não tivé um furo na bacia! Vão pagar 50 milhões para ajeitar! Eu acho é pouco! Pudendo ter economizado esse óleo dessa bacia furada.

No dia 02 de abril de 1982, a Rede Globo divulgou mais um programa do gênero jornalístico intitulado Plantão da Globo trazendo sempre notícias consideradas extraordinárias, com a característica de não ter horário específico para vir ao ar. Normalmente interrompe a programação da emissora para divulgar uma notícia de caráter urgente, a qual ecoa como fato de relevância para a sociedade. O telejornal é produzido e apresentado por jornalistas que estejam de plantão na emissora e que sejam acionados para isso. Na linguagem jornalística é chamado de *Extra*. É um programa que noticia acontecimentos de várias ordens como: guerras, mortes, fenômenos naturais, acidentes, sequestros, atentados, eventos políticos, fatos históricos, do Brasil e do mundo.

Nessas condições, interessa pensar a repetição da vinheta sempre acompanhada de dizeres sobre fatos que são colocados como extraordinários. Um olhar discursivo para o material jornalístico permite dizer que essa relação produz sentidos e constituiu uma memória discursiva, ou seja, para o telespectador já está naturalizado que a vinheta é uma característica do telejornal (da emissora Globo), que mobiliza para um modo de dizer. Nesse sentido, podemos compreender que o telespectador passa ser um sujeito afetado por essa construção de um ritual de linguagem – vinheta + notícias – que se repete ao longo dos anos. O Plantão da Globo é um ritual de linguagem que põe em jogo uma relação do telespectador com a TV e produz imaginários como: somente podemos dar credibilidade a uma notícia se esta for dita dentro das normas da língua escrita, caso contrário pode ser uma farsa, uma brincadeira, outro exemplo, podemos acreditar piamente no que é veiculado pela imprensa televisiva, diferentemente do *YouTube*, entre outros imaginários.

Compreender o modo de abertura do vídeo (logotipo e vinheta da rede globo) como linguagem é muito importante para nossa discussão, pois esta materialidade

coloca/mobiliza o sujeito para/na relação de dizeres postos pelo Plantão da Globo. Como já dissemos, ao assistir o vídeo, vemos a imagem acompanhada pela vinheta e, sendo assim, nós, enquanto espectadores, deparamo-nos com um cenário igual ao da Rede Globo, o que nos permite dizer que até esse momento tudo parece se inscrever no espaço de dizer do telejornalismo, tal como temos no Plantão da Globo. Porém quando a humorista Dona Irene assume o lugar de “jornalista” e começa sua fala sobre o vazamento do óleo, o modo como ela textualiza essa notícia não coincide ao já naturalizado, o que produz o estranhamento, uma vez que a vinheta nos coloca numa relação de sentidos trabalhados pela memória discursiva do jornalismo. Para contextualizar o conceito de memória discursiva, apresentamos abaixo a definição proposta por Pêcheux:

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. O risco evocado de uma vizinhança flexível de mundos paralelos se deve de fato a diversidade das condições supostas com essa inscrição: é a dificuldade – com a qual é preciso um dia se confrontar – de um campo de pesquisas que vai da referência explícita e produtiva á linguística, até tudo o que toca as disciplinas de interpretação: logo a ordem da língua e da discursividade, a da “linguagem”, a da “significância” (Barthes), do simbólico e da simbolização [...] (PÊCHEUX, 2010, p.50)

Na relação do sujeito com a linguagem do vídeo, a memória discursiva se atualiza, pois a vinheta, logotipo e cenário jogam com esse imaginário de jornal televisivo, neste caso, o Plantão, constituído no/para o sujeito, mas há uma quebra, algo falha, e isso produz o humor.

Conforme o recorte, o dizer da humorista se inscreve na ordem da oralidade: “Eu acredito que a bacia tá furada, NÉ. Num tem como um óleo VAZÁ se não TIVÉ um furo na bacia. Vão pagar 50 milhões para ajeitar, eu acho é pouco, podendo ter economizado esse óleo dessa bacia furada”. A ordem das palavras no enunciado se inscreve em práticas languageiras do cotidiano, assim como acontece numa conversa entre amigos numa praça, num barzinho ou até mesmo numa lanchonete.

Na posição de jornalista, não se pode dizer de qualquer modo, a responsabilidade social impossibilitaria dizer “[...] vão pagar 50 milhões para ajeitar, eu acho é pouco” - uma vez que esse espaço de dizer inscreve o jornalista como um cidadão (brasileiro), portando, um (sujeito) identificado com o modo como o Estado divide responsabilidades no que tange ao patrimônio da nação. “Acho é pouco” aponta outras posições-sujeito e não coincide com aquele sujeito “imparcial” do

telejornal, ou com aquele que se preocupa por haver mais um prejuízo à nação, mas um sujeito que está contra o *Estado*, por não ter dado a atenção devida ao caso, manifestando isso pela ironia.

Como já discutimos o lugar do telejornalismo, cabe agora pensar o funcionamento do *YouTube*, uma vez que o material simbólico que recortamos foi extraído deste site de compartilhamento. Este site foi criado em 2005. É um espaço onde todas as pessoas podem postar seus vídeos. A palavra em inglês *You* traduzida para o português significa *Você*, já a palavra *Tube* significa tubo/canal e, tradicionalmente, é classificada como uma gíria que remete a palavra *Televisão*, construindo assim a função do site, “você na televisão”, pois permite que os usuários assistam, baixem e produzam seus próprios vídeos em formato digital para compartilharem na rede.

A relação que podemos pontuar entre o telejornal e o *YouTube* é que os dois são espaços de dizer, mas as diferenças se colocam nas condições de produção. O telejornal produz a notícia a partir de condições sócio-históricas determinadas, as quais configuram um espaço de dizer que não permite a divulgação do fato de qualquer posição do sujeito. O efeito de controle do sentido se dá pela inscrição à palavra escrita, pois o dizer aí é atravessado pelo *Manual do Telejornalismo* que normatiza até a postura do apresentador – âncora. O *YouTube* não trabalha tais condições de produção, é um espaço de dizer que configura uma dada abertura para que as pessoas postem seus vídeos, independentemente do grau de escolaridade, não determina os movimentos corporais, nem especifica um padrão para o uso da linguagem na relação oral ou escrita, existe sim uma política para as postagens, mas não diz respeito às políticas que regem os telejornais.

Com a observação do vídeo podemos compreender que há um conjunto de linguagem que intervém na produção de sentidos, desde a produção sonora (vinheta, logotipo, cenário) até a fala da dona Irene, esses sentidos produzem efeitos, Orlandi explica que:

Conseqüentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2009, p.42-43).

Como vimos, a relação de linguagem trabalhada no vídeo analisado joga com o já naturalizado para projetar a quebra do ritual estabilizado, o que provoca o humor e

também o estranhamento no sujeito. Os elementos de linguagem postos em jogo são: imagem, vinheta, cenário, textualização da notícia e a postura da “jornalista” Dona Irene.

A partir da noção trabalhada por Orlandi de que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, conseguimos compreender então o funcionamento do estranhamento e do humor em nosso material de análise. Isso porque, ao longo dos anos, o sujeito que está em constante acompanhamento ao modo como o jornalismo da rede Globo é produzido, já se encontra afetado por esse modo específico, o que sustenta o processo de naturalização da prática jornalística tradicional. Desse modo, o esperado nesse vídeo é o ritual já naturalizado que se estabilizou na linearidade do telejornal desde a vinheta até a postura da jornalista.

No momento em que a Dona Irene começa a falar sobre vazamento do óleo – *No Rio de Janeiro óleo vaza da bacia! Hum, hum óleo vazando da, da bacia! Eu acredito que a bacia tá furada né?! Podemos compreender que “uma mesma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva” (ORLANDI, 2009, p.60).* Pela forma com a qual Dona Irene se porta para falar que *o óleo vaza da bacia*, surge a ruptura com os sentidos estabilizados pelos telejornais. Dona Irene diz pela oralidade e rompe com uma historicidade de sentidos trabalhados pela escrita: - *vão, vão pagar cinquenta milhões pá ajeitá, eu acho é pouco podendo te economizado esse óleo nessa bacia furada.*

Este modo de dizer aponta sentidos da oralidade e não da escrita, a maneira com que Dona Irene traz a notícia fazendo-a significar em outros gestos de interpretação (pelo desconhecimento) do assunto, pois se expressa diferentemente da normativa “ético-política” (cf. QUEIROZ, 2004). Seu modo de dizer sobre o vazamento do óleo na bacia de Campos, no Rio de Janeiro deixa entender como um acontecimento que não é prejudicial ao patrimônio nacional, nem tampouco para os animais marinhos. Ela não diz do valor de cinquenta milhões na posição ideal de cidadã brasileira, pois se significa enquanto indiferença ao prejuízo econômico ao país. Nessa posição de dizer, Dona Irene rompe à norma “padronizada institucional” dos telejornais que é estruturada pela escrita. A oralidade aí é o lugar de furo, pois permite a fuga aos sentidos outros, uma vez que a escrita, numa sociedade de escrita, não é só um instrumento, ela é estruturante. Isso significa que ela é lugar de

constituição de relações sociais, isto é, de relações que dão uma configuração específica à formação social e aos seus membros.

Por outro lado, a oralidade se configura no lugar do inacabado, da ambiguidade, ou seja, o uso da oralidade dá lugar às várias formas de interpretação, pois a injunção de fechar o sentido se dá com menor força. Para compreendermos esse funcionamento da oralidade analisaremos os dizeres da “jornalista” Dona Irene: *Hum, hum óleo vazando da, da bacia! Eu acredito que a bacia tá furada né?!* Do modo como está dito, o interlocutor pode interpretar como óleo enquanto um óleo comestível. A bacia furada pode ser compreendida como uma bacia enquanto utensílio de cozinha. Então o que ocorre é que o fato divulgado por meio da oralidade ecoa inúmeras possibilidades de sentidos e, assim, não produz a notícia, não produz o imaginário de verdade, fica como uma conversa entre amigos, ou seja, os sentidos se dão em outros espaços de dizer.

Analisemos a expressão - *Eu acho é pouco!* Quando Dona Irene fala que acha é pouco ter que gastar 50 milhões para ajeitar a bacia, o interlocutor pode compreender que ela não sabe que esse dinheiro é prejuízo para a nação brasileira ou que ela estaria revoltada com esse acontecimento e, por isso, ela acha é pouco que o Estado (nação) pague pelo erro. Mas o espaço do telejornal é pautado em normas que prezam divulgar a notícia de forma que não provoque a revolta na sociedade, sustentando aí a relação Estado/cidadão. Nessa conjuntura, os jornalistas não podem expressar opiniões que promovam a desordem do Estado, ou seja, o telejornalismo é regido por normas “ético-políticas”, “evitando a deriva dos sentidos” (Queiroz, 2004, p.94). Desse modo, o processo de textualização tem a condição sócio-histórica em que o jornalista faça a oralização da escrita, uma vez que o processo de escrita permite a delimitação dos sentidos.

Outro modo que trabalha a ruptura com o estabilizado no vídeo é a postura de Dona Irene diante às câmeras. Para os telejornais, existe um padrão de postura específico para o apresentador-âncora. Queiroz (2004) afirma que:

Ainda, não podemos deixar de considerar as significações do estereótipo da imagem do apresentador-âncora, construído pela injunção da mídia e da memória discursiva através do *marketing* de simulacro de boa moral, de bons costumes, de família perfeita, de legitimação do saber, da verdade etc. Então, a imagem dos personagens apresentadores-âncoras, junto à assinatura em destaque na tela da televisão e também nos *sites*, funciona como legitimadora da informação a partir de uma representação da posição de autoria produzindo efeitos de sentido de “verdade”, de credibilidade para os telejornais (QUEIROZ, 2004, p.95).

Assim como coloca Queiroz (2004), para os telejornais, a imagem e a postura do apresentador-âncora fazem parte do marketing da imprensa para a venda do produto notícia, pois se o apresentador não se significar com uma postura formal, a notícia não produzirá o efeito de verdade, ou seja, para textualizar a notícia e conseguir vendê-la como verdade, o apresentador não pode se colocar de qualquer forma. O apresentador-âncora só o é se seguir os padrões de postura determinado pela norma “ético-políticas” dos telejornais. Postura que naturalizou a presença formalizada do corpo como próprio da condição de dizer no telejornalismo. Posto esse imaginário, o interlocutor se depara com um vídeo que retoma o ritual do jornalismo (Plantão da Globo), mas neste mesmo ritual, há uma quebra no esperado, pois, quem ocupa o lugar de apresentador-âncora textualiza a notícia de forma oral e faz significar o corpo por gestos informais (corpo contorcido; mão no queixo, etc.). Ocorre no vídeo, uma ruptura da memória discursiva do jornalismo.

Considerações finais

Para empreendimento de nossa discussão, é fundamental ressaltar que essa pesquisa possibilitou a compreensão do funcionamento da língua por um viés discursivo, diferentemente do modo como é vista por outras áreas, pois mostra a relação do sujeito com a língua e a história, e como o sujeito está em relação com a linguagem sem se dar conta dos efeitos que ela promove.

No trabalho desenvolvido podemos compreender os dois espaços marcados e ideologicamente constituídos para o funcionamento da oralidade e da escrita e como estes já estão naturalizados, desse modo esse trabalho deixa ver quais os efeitos possíveis podem ocorrer quando esses dois espaços (oralidade e escrita) são colocados juntos, como acontece no vídeo analisado, começando com a abertura do telejornal (Plantão) que é compreendido como o espaço da formalidade e textualização da escrita e finaliza com a informalidade da postura e com a oralidade, a humorista joga com esses dois lugares para provocar o humor, e esse jogo rompe com a memória do ritual jornalístico televisivo.

Referências

ACHARD, Pierre. [et al.] **Papel da memória**. Tradução e Introdução: José Horta Nunes – 3ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

ALCALÁ-RODRÍGUEZ, Carolina. Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das ideias linguísticas. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos** – UNICAMP. Campinas, SP, V.53, número 2, Julho de 2011. (p. 197-217)

DIAS, Cristiane. A escrita como tecnologia da linguagem. In: **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Coleção HiperS@beres, vol. II, Santa Maria: dez. 2009. Disponível em www.ufsm.br/hipersaberes. Acesso em 30 out. 2013.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1992. (coleção Momento).

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD -69). In: GADET, F.; Hak, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethânia S. Mariani [et ed. al] – Campinas: Editora Unicamp, 2010. pp. 59 – 159.

QUEIROZ, Érica Karine Ramos. Tecnologias: formas e sentidos da textualização lacunar telejornalística. In: MORELLO, Rosângela. (org.). **Giros na cidade**: Materialidade do espaço- Campinas, SP: LABEURB/NUDECRI-UNICAMP, 2004. pp. 93 – 101.

SILVA, Telma Domingues. Jornalismo e a divulgação científica. In: **RUA** - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP – NUDECRI. Campinas, SP, número 8, março de 2002. (p.129 – 146)

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed., São Paulo: Pontes, 2009.

_____. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano**: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em 14 fev. 2017.

<<https://www.YouTube.com/watch?v=4iZsDKhSp9I>>. Acesso em 10 de jan. de 2017.

Artigo recebido em: 14/02/2017

Artigo aprovado em: 21/06/2017

SENTIDOS DE AMOR EM CIRCULAÇÃO NO *TINDER*

Atilio Catosso Salles*

Resumo:

Na presente reflexão buscamos compreender de modo mais forte a relação do sujeito com os sentidos de encontro amoroso formulados no espaço de um aplicativo de relacionamento, o Tinder. Perguntando-nos, então: com o que o sujeito contemporâneo está se comprometendo ao se filiar a um “app” como o Tinder, e o que dessa filiação decorre? Antes de alinhavarmos os primeiros apontamentos, destacamos que a perspectiva teórica recortada para fazer trabalhar esta reflexão é a da Análise de Discurso; teoria esta que toma a relação língua/sujeito/história e introduz o objeto discurso como observatório de compreensão. Essa posição teórica se relaciona com nossa questão à medida que nos oferece pistas para compreendermos de modo consequente a relação do sujeito com os vários sentidos contemporâneos de amor que se produzem na/pela língua em nosso corpus.

Palavras-chave: *Tinder; Encontro amoroso; Sujeito; Escrita.*

Abstract:

In the present reflection we seek in the strongest way towards the subject with the senses of amorous encounter formulated in the space of a relationship application, the Tinder. Asking ourselves, then: what is the contemporary subject committing to joining an “app” like Tinder, and what of that affiliation? Before tackling the first notes, we emphasize that the theoretical perspective cut to make this reflection work is that of Discourse Analysis; Theory that takes the relation language / subject / history and introduces the object speech as an observatory of understanding. This theoretical position relates to our question as it offers us clues to a consistent understanding of the subject's relationship to the various contemporary senses of love that take place in the language in our corpus.

Keywords: *Tinder; Loving dating; Subject; Writing.*

1. Primeiras palavras: a descrição

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí (PPCGL-Univás). Bolsista Fapemig. Contato: atliocs@gmail.com.

O *Tinder* é uma ferramenta, um aplicativo disponível para IOS e Androids que se baseia na geolocalização e nos interesses em comum de seus usuários. Esta ferramenta utiliza como ‘base’ o perfil do usuário no *Facebook* para ‘linkar’, “conectar” as pessoas. Este aplicativo pode ser baixado gratuitamente na *App Store* e/ou no *Google Play*.

Como ponto de partida dessa nossa reflexão, trago uma breve descrição do aplicativo.

Eis a primeira etapa: após baixar o aplicativo uma mensagem na tela de seu celular indicará que para prosseguir, como procedimento padrão, os seus dados do *Facebook* serão acessados. Esse link direto com o Facebook nos aponta para uma questão: o sujeito contemporâneo está inscrito na rede, de modo que é a partir dessa inscrição que se abre a possibilidade de migração de dados desse usuário “já-aí” para outro suporte como o *Tinder*.

De acordo com o tutorial do *Tinder* “o aplicativo não viola a privacidade do usuário¹, a não ser que ele “permita”, e também não revela no *Facebook* as interações dos usuários dentro do sistema.” Aqui uma contradição se coloca. Afinal, o cadastro não seria um modo de credenciamento (juridicamente legal) para o sujeito se apresentar publicamente? O gesto de cadastrar é a ficha de entrada do usuário na lógica do *Tinder*. Lógica esta que nos aproxima da lógica de mercado. Há o cadastro e o usuário (aqui pensamos o usuário enquanto metáfora de produto) passa a estar disponível no app, no mercado (do amor?). Funcionamento este que nos rememora (de modo perifrástico) a ideia de cardápio. O usuário se apresenta como um produto “disponível” em um cardápio.

Em seguida, abre-se a possibilidade do preenchimento do perfil (espaço possível de descrição de um produto). Dentre os itens disponíveis, é possível ‘definir’ sexo, idade e localização.

¹ Grifo nosso.

3. A partir daqui, o Tinder irá buscar as pessoas que estão mais próximas de você



4. Os perfis contam com detalhes como fotos, idade, amigos e interesses em comum



Esta localização georreferencial não necessariamente corresponde a um lugar fixo onde o usuário se encontra. É possível recortar outro espaço geográfico, diferente do atual. Neste momento ainda, em poucos caracteres, o usuário formula uma breve descrição sobre si que constará abaixo de sua foto.

5. Escolha quais perfis te agradam ou descarte e vá para o próximo



6. Ao escolher alguém que também gostou de você, Tinder avisa: it's a match!



Agora, após o preenchimento do perfil, o usuário começa a ter acesso direto aos demais usuários. É nessa etapa que se torna possível selecionar, curtir o perfil dos outros usuários. Quanto mais perfis você curtir, mais aumenta a possibilidade de acontecer o possível encontro em/na rede. Esse encontro somente acontece se o usuário que você ‘curtiu’ te ‘curtir’ também, e a isso se dá o nome de “match”.

No *Tinder* duas pessoas se conectam pelo “match”, verbo que significa encontrar, casar, corresponder, unir e quando na forma substantivo significa jogo,

partida, lembrando as partidas de tênis. No jogo de tênis, o match point é o ponto que permite encerrar a partida. Imaginemos uma situação: um jogador está ganhando por 2 sets a 0 [nesse jogo são necessários 3 sets para ganhar]. No 3º set, o placar aponta 5 games a 3 para o jogador que está na frente por 2 sets [são necessários 6 games para fechar 1 set]. Ele está sacando e faz 40 à 30 nesse game. Agora temos um "match point", pois caso esse jogador faça esse ponto, o jogo acaba; mas se o adversário fizer esse ponto, o jogo continua por mais certo período. Será este o sentido de encontro amoroso no *app*?

Outro movimento de leitura possível é pela via da fonética, que é a parte da linguística que estuda os elementos mínimos da linguagem (sons da fala) em sua realização. Se observarmos a construção fonética do enunciado “eu dei um match”, a palavra match, em sua realização sonora, nos aproxima de outro sentido possível: mete. “Eu dei uma mete”. Nessa direção, o enunciado, em minha compreensão, passa a produzir outro sentido, agora não mais na relação com a palavra em inglês, mas com o verbo “meter”. Ouvir “mete” e não “match” aponta para um lugar outro de produção de sentidos, um lugar que aciona sentidos de um espaço relacionado ao sexo, que abre para o equívoco.

Pode-se observar nesta etapa que em nenhum momento o usuário consegue identificar se fora rejeitado por alguém. Essa é uma das principais especificidades do *Tinder*: *evitar o temido “fora” ou simplesmente “ser ignorado”, já que o usuário terá a oportunidade de conversar somente com pessoas que também gostaram e escolheram o seu perfil*. Somente após o “match”, a ligação direta entre os perfis, que se torna possível iniciar o chat na própria ferramenta. Já se a situação for contrária e a pessoa não gostar do perfil sugerido, não haverá nenhuma notificação e *o perfil indesejado não será mais exibido*. Todo o processo é realizado *anonimamente*.

A ideia de *anonimato* formulado pelo *Tinder* desliza, enquanto processo de produção de sentidos, para: *evitar ser ignorado, evitar o temido fora, a desilusão, gratuidade de uma desilusão amorosa*. Assim os dizeres vão se formulando na/pela especificidade do encontro amoroso no *Tinder*. Mas aqui nos perguntamos, em que medida essa projeção, desejo de “segurança” sobre-determina o sentido de encontro em rede? E de que modo o sujeito lida com o não-realizado desse efeito de sentido?

Isso, porque, sabemos que a desilusão neste espaço metálico é tão irremediável quanto num encontro presencial.

Como palco das mais diversas manifestações midiáticas contemporâneas, o mundo tecnológico, e aqui, especificamente, pensamos o *Tinder*, abarca múltiplas facetas de uso e modos de significar os encontros amorosos. Nesse lugar, o *Tinder* se coloca como uma plataforma tecnológica móvel que concede a possibilidade de pessoas se conhecerem por meio dos perfis e da geolocalização. O aplicativo possibilita ao sujeito *brifar*² o seu desejo por meio do preenchimento do seu perfil e acesso à sua geolocalização. É um espaço móvel que aponta para o desejo do sujeito, criando enquanto efeito um sentimento de imediatismo que ultrapassa as barreiras de tempo e espaço.

Também, se por acaso não curtir um usuário, ou este te ignorar, há a possibilidade de ‘desfazer’ o “match” mesmo depois de já ‘ligados’. Será esta outra formulação possível de encontro amoroso na contemporaneidade? Nos entremeios dessa prática de busca por um par ideal, evidencia-se um forte movimento em rede norteado por um sentimento de “estou à disposição”.

2. Primeiro gesto de leitura

Seguem algumas sequências discursivas que recortamos para começar a pensar a escrita de si do sujeito no aplicativo *Tinder*. O que nos permitiu agrupá-las em blocos discursivos foram algumas regularidades percebidas. No primeiro bloco discursivo, por exemplo, observamos citações literárias e/ou filosóficas dos usuários que apontam para um dizer sobre o encontro amoroso no *Tinder* que joga com projeções imaginárias de sujeitos. No segundo bloco, nos interessa o modo como se marca a função fática nos recortes. Já no terceiro bloco discursivo temos formulações que foram produzidas a partir de um já-lá dos sentidos sobre o encontro amoroso. São formulações que jogam com sentidos do senso comum sobre o amor. Por fim, em nosso último bloco discursivo, percebemos a *fórmula* “currículo” de se dizer em rede. Tais funcionamentos destacados comparecem nas formulações recortadas abaixo:

² Gesto ou ação de expor um briefing de alguma propaganda ou publicidade.

Primeiro bloco de sequências discursivas

Seq. 01

P, 25

86 Km. de distância Ativo(a) há 26 minutos

Sobre P

"Que a forãsa do medo que tenho NÃOo me impeãsa de ver o que anseio."

Seq. 02

R, 24

53 Km. de distância Ativo(a) há 8 horas

Sobre R

Dias melhores pra sempre !

Seq. 03

B, 26

4 Km. de distância Ativo(a) 2 dias atrás

Sobre B

"De tudo ficaram trãas coisas: a certeza de que eu estou sempre comeãsa, a certeza de que ão preciso continuar e a certeza de que serei interrompido antes de terminar. Fazer da interrupãsa um caminho novo. Fazer da queda um passo de danãsa, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro."

Fernando Sabino O Encontro Mercado

Seq.04

J , 24

20 Km. de distância Ativo(a) há 1 minuto

"Tomei a decisão de fingir que todas as coisas que até então haviam entrado na minha mente não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos."Descartes

Segundo bloco de sequências discursivas

Seq. 05

F , 25

24 Km. de distância Ativo(a) há 7 horas

Sobre F 

Venha descobrir. ..Rsrsrs minerim um legítimo escorpião mas gente boa..bora trocar id's chama aã.

Seq. 06

J , 38

94 Km. de distância Ativo(a) 2 dias atrás

Sobre J

Topa?

Terceiro bloco de sequências discursivas

Seq. 07

A , 29

94 Km. de distância Ativo(a) há 9 horas

Sobre A 

Sou feliz porque corro atrás dos meus sonhos custe o que custar.

Seq. 08

P , 23

40 Km. de distância Ativo(a) há 0 minutos

Sou único, exótico, e gosto de estar com pessoas que sejam tão desvirtuadas e criativas como eu.

2 ligações em comum

Seq. 09

N , 27

4 Km. de distância Ativo(a) há 0 minutos

Sou aquilo que vc quer ver!Ao me criticar, aponte soluções. Aquariano, social democrata, Cristão.

Quarto bloco de sequências discursivas

Seq. 10

J , 20

22 Km. de distância Ativo(a) há 20 horas

Sobre J

20 anos, estudante de Medicina e mineiro.

Seq. 11

D , 20

Momentos

106 Km. de distância Ativo(a) há 9 horas

Sobre D

Graduando em Língua Portuguesa e Inglesa; Cantor Baixo de gênero Lírico; Ator amador; Gosto de sorrir sempre e estar em diferentes locais com uma excelente companhia!! Sou simples e pra mais informações me mande uma mensagem, se não rolar ficamos com o mais lindo dos sentimentos... A AMIZADE!!

No virtual, as características singulares de cada sujeito, enquanto hipótese primeira, vêm atreladas ao capitalismo afetivo. Notam-se relações sociais entre sujeitos cada vez mais complexas, baseadas em uma disputa para saber quem será o mais notado, mais seguido, curtido com a finalidade, principalmente, de conquistar a tão importante visibilidade ou até mesmo uma “alma-gêmea” (a partir de um “match”, como sugere o *Tinder*).

Em rede, os usuários desenvolvem uma maneira particular de uso e apropriação das plataformas que lhes são próprias. Nesta direção, recortamos

algumas regularidades que gostaríamos de discutir. Para isso, dividimos nossos recortes em quatro blocos discursivos. Cada bloco é formado por “prints” de variados perfis que encontramos no app. Interessa-nos neste momento pensar nas redes de formações discursivas as quais cada perfil se filia, produzindo efeitos de sentido sobre encontro amoroso.

Nas primeiras 04 sequências discursivas que constituem o primeiro bloco observamos citações. São usuários que se filiam ao discurso de outrem de diferentes modos. Em “Que a força do medo que tenho não empeça de ver o que anseio”, por exemplo, o usuário se identifica com a letra de uma música, assim como na sequência discursiva 2: “Dias melhores pra sempre”. Observa-se nestas duas primeiras sequências que os usuários não identificaram os autores das citações. Diferente dos próximos dois recortes (seq. 03 e 04) em que os usuários marcam os autores das respectivas citações: é *Fernando Sabino* em “O Encontro Marcado” e *Descartes*.

Orlandi (1998) formula que, ao significar, o sujeito se significa. A partir desta elaboração da autora, acreditamos que o processo de constituição dos sentidos pelos sujeitos está intrinsecamente ligado aos processos de identificação que, por sua vez, é resultado dos movimentos de filiação de cada sujeito a redes de formações discursivas diferentes.

Entendemos também que no discurso (e pela sua interpelação) as posições do sujeito se dão sempre num complexo movimento de repetição e deslocamento. No gesto de citar, por exemplo, essa repetição da fala de outro autor acompanha um deslocamento importante, que é a da função de autoria. Ao tomar a formulação do outro como sendo sua, se produz aí uma função de autoria importante que aponta para certo processo de identificação dos usuários com as formulações recortadas por eles. O sujeito se exime de se responsabilizar pelo seu dizer, por se dizer, se definir, se apresentar. É em nome de outro autor que o faz.

Na sequência, temos o bloco discursivo dois.

As redes e seus dispositivos móveis estão reconfigurando, ao nosso ver, o ambiente urbano. Há um certa reapropriação do espaço urbano a partir o investimento simbólico nessas mídias móveis. O cenário urbano foi invadido por “usuários” com conexão 3G ou wi-fi que estão sempre conectados à rede. Sujeitos que circulam na cidade com seus dispositivos móveis e circulam pelos seus dispositivos,

permitindo novos modos de desterritorialização e ao mesmo tempo novas territorializações do espaço público.

Pela via móvel convocamos o outro. É isso que observamos em nossos próximos recortes. A sequência discursiva 05 e 06 faz fundir um funcionamento possível de se relacionar com o mundo a sua volta e com o mundo virtual num mesmo espaço. Temos exemplos que pela função fática, pelo desejo de manter o contato direto entre um emissor e um receptor, aqui, entre um usuário e outro usuário, produz-se um contato. Enquanto efeito de sentido, a função fática é aquela que dá ênfase ao canal, é a função da linguagem (Jakobson, 1987) que visa à produção de uma mensagem, muitas vezes utilizada para quebrar o silêncio, convocar atenção do outro: “Topa?”, “venha descobrir...”.

Quem topa? Venha descobrir, quem? Observamos que o vocativo está elidido ou elíptico, o que nos coloca de modo mais forte ainda a ideia de convocação nestes dois recortes. Neste sentido, infere-se que a sociabilidade atual está de algum modo sendo modificada por e para indivíduos no que diz respeito às novas mídias, ou não?

É também pelo corpo móvel e tecnológico que o usuário convoca uns aos outros. O *Tinder* passa, assim, a ocupar um lugar privilegiado de “canal de comunicação” na sociedade capitalista atual. E a questão que fica é: a partir do crescimento dessas novas mídias, a sociedade e a cidade se reconfiguram como e para quem?

Da nossa posição, o *comum* dos sentidos sobre o amor não pode envolver uma interpretação di-fusa de um sujeito pragmático. Menos ainda os claros limites da *argumentação amorosa* que toca certo positivismo às vezes. O amor, como bem formulou Beckett, não se encomenda, talvez somente os sentidos de amor *se encomendem*. Estes sim circulam e fazem gancho conforme vemos no terceiro bloco discursivo. É nisso que investimos para pensá-lo como discurso, ligando sentido (linguagem), sujeito e história. Desse modo, pode-se pensar o sujeito de amor “com o seu corpo não apenas deslocando-se empiricamente no mundo, mas materialmente (na história e na sociedade), em seus processos de significação/identificação, como sujeitos de sentido” (ORLANDI, 2012, p.92).

Fazemos questão de trazer uma crítica de Pêcheux sobre o *sujeito pragmático*, justamente para nos opor a essa leitura positivista de encontro amoroso na

atualidade. De acordo com Pêcheux (2008, p.92) “o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as “grandes decisões” da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo um contexto sócio-técnico dos “aparelhos domésticos” (isto é, a série dos objetos que adquirimos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos)...”.

Estas “grandes decisões” da vida social e afetiva tomam corpo nas sequências discursivas 07, 08 e 09. Os “simples particulares”, leia-se usuários do *Tinder*, em suas descrições, fazem engendrar sentidos de: eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc... Vejamos a sequência discursiva 09:

N , 27

4 Km. de distância Ativo(a) há 0 minutos

Sou aquilo que vc quer ver!Ao me criticar, aponte soluções. Aquariano, social democrata, Cristão.

Sou aquariano, logo sou social (pré-construído do signo de aquário), decido ser democrata e não aristocrata ou hegemônico e respondo aos preceitos cristãos e não aos preceitos ateístas, por exemplo. Assim vão se formulando os sentidos possíveis dos “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida.

Do ponto de vista da produção discursiva do sentido, Pêcheux e Léon (2011, 172) vão apontar que

[...] vem se tornando progressivamente claro para nós que essa produção discursiva do sentido se encontra em dois polos opostos, quais sejam: aquele do mesmo (da identidade, da repetição, assegurando a estabilidade da forma lógica do enunciado) e aquele da alteridade (da diferença discursiva, da alteração do sentido induzidos pelos efeitos de espelhamento e de deriva [...])”

É aqui, nessa tensão tênue entre os polos da repetição e o da diferença na produção discursiva do sentido, entre essa lógica da interpretação de formulações logicamente estáveis da sintaxe (como em: “Sou feliz porque..” “Sou único, exótico...” ou “Sou aquilo que você quer ver.”) e daquelas pegadas na deriva discursiva que se pode começar a tocar a contradição entre a interpretação e a descrição do discurso amoroso, ou seja, admitir que há, na materialidade específica da língua (pensando agora especificamente o *Tinder*), a imbricação do verbal e não-verbal pela via da materialidade da história. Assim, os problemas de sentido *sobre* o amor, não são apenas problemas lógicos, dos “simples-particulares”.

Pêcheux (1997, p. 262), ainda nos diz, ao afirmar que “a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no *non-sens*”, que o sentido se produz na relação de uma palavra por outra, na relação de metáfora, sendo a metáfora a origem não detectável do sentido, o *vazio* em que se produz sentido. Essa formulação nos coloca diante de uma *injunção à interpretação dos sentidos*. E aqui pensamos os sentidos de amor e a sua *não necessidade*, à medida que em seu processo de formulação o discurso amoroso é concebido por um encontro (aleatório) de elementos à deriva que estrutura as redes e os processos aos quais está vinculado, fazendo o sujeito se *atraiçoar* com os sentidos que os constituem.

De nada serve negar essa *necessidade histórica* de sentidos de amor estabilizados, veículo de aparências lógicas: “essa necessidade universal de *um mundo semanticamente normal*, isto é, normatizado, começa com a relação de cada um com o seu corpo e seus arredores imediatos” (Pêcheux, 2008, p. 34). A respeito desses arredores imediatos sobre o amor, é possível encontrar formulações como na sequência discursiva 08:

P , 23

40 Km. de distância Ativo(a) há 0 minutos

Sou único, exótico, e gosto de estar com pessoas que sejam tão desvirtuadas e criativas como eu.

2 ligações em comum

Ou ainda (seq. Discursiva 09):

N , 27

4 Km. de distância Ativo(a) há 0 minutos

Sou aquilo que vc quer ver!Ao me criticar, aponte soluções. Aquariano, social democrata, Cristão.

Os arredores imediatos sobre o amor se marcam nestas duas sequências discursivas como um ritual de linguagem que visa evitar a solidão a qualquer custo: os usuários se apresentam como um produto disponível no mercado (*Sou aquilo que você quer ver!*). Dessa forma, vemos que estas estratégias de promoção pessoal marcadas pela flexão do verbo ser na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo aponta para um comportamento passível de monetização, instrumentalização.

A promessa de tudo que arrisca faltar à felicidade amorosa para o sujeito pragmático se apresenta como insuportável. Há coisas-a-saber (algo sobre esse amor que se coloca como *universal* em filmes à moda *The Happy End*, em literaturas sentimentais canônicas e em telenovelas com seus *mocinhos* apaixonados e felizes), “isto é, descrições de situações, de sintomas e de atos (a efetivar ou evitar) associados às ameaças multiformes de um real do qual “ninguém pode ignorar a lei” – porque esse real é impiedoso” (Pêcheux, 2008, p.34-35). As coisas-a-saber sobre a fala amorosa apontam para uma *necessidade* (como condição) do discurso de amor. Nesse espaço de necessidade equívoca das formulações da fala de amor toda proposição é

[...] suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis – com, de vez em quando, o sentimento indeciso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si-mesmo e/ou para os outros. (PÊCHEUX, 2008, p.33)

Os sentidos de amor podem se deslocar discursivamente, multiplicar-se em sua historicidade, afinal não há *naturalidade técnica* na tessitura da fala amorosa. Sobre isso, Pêcheux resume afirmando que

[...] não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto e, em seguida, aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso. Não haveria assim naturalidade “técnica” do balão livre ou da estrada de ferro, ou naturalidade “zoológica” da toupeira, que seria *em seguida* objeto de metáforas literárias ou políticas; a produção discursiva desses objetos “circularia” entre diferentes regiões discursivas, das quais nenhuma pode ser considerada originária (PÊCHEUX, 2011, p. 158).

Nessa perspectiva, os sentidos de amor indicam o lugar em que a estrutura da língua (de base equívoca) se expõe ao funcionamento (contingencial) da história no encontro com o sujeito. Essa tomada de posição não faz concessões nem às “aporias de uma semântica puramente intralinguística” e tampouco a “uma pragmática insensível às particularidades da língua” (PÊCHEUX, 1994, p. 55).

Parece-nos cheio de consequências trabalhar a relação entre *sentido* e *sujeito* nessas análises. Veja, se a *forma-sujeito* do discurso é o que se produz como efeito da interpelação ideológica, insisto, é preciso perguntar pelo que falha também do lado do sujeito no modo como este sujeito atravessa e é atravessado pelos sentidos de amor no *Tinder*. Acreditamos que é justamente neste intervalo entre o saber sobre o amor (o discurso sobre, que irreduzivelmente nos atravessa e constitui) e o real do amor – que o discurso da tecnologia, da ciência [...] visa saturar. Vejamos isso no quarto bloco discursivo.

Seq. 10

J , 20

22 Km. de distância Ativo(a) há 20 horas

Sobre J 

20 anos, estudante de Medicina e mineiro.

Seq. 11

D, 20  Momentos
106 Km. de distância Ativo(a) há 9 horas

Sobre D

Graduando em Língua Portuguesa e Inglesa; Cantor Baixo de gênero Lírico; Ator amador; Gosto de sorrir sempre e estar em diferentes locais com uma excelente companhia!! Sou simples e pra mais informações me mande uma mensagem, se não rolar ficamos com o mais lindo dos sentimentos... A AMIZADE!!

Em “A Ordem do Discurso”, M. Foucault (2001, p. 05-06) evoca a paradoxal posição do sujeito quando se trata de tomar a palavra:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria então que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se por um instante suspensa.

No gesto de tomar a palavra num aplicativo como o *Tinder* nos vemos às voltas com o lado da repetição, com o lado de uma repetição burocrática que aponta sempre para uma regularidade. Nas sequências discursivas 10 e 11, por exemplo, a regularidade projetada é de ordem burocrática do capitalismo afetivo, uma forma de ver e julgar o mundo social e seus usuários, usuários estes que realizam reuniões, participam de congressos, frequentam cursos superiores.

Norteadada por uma lógica contemporânea de otimizar a comunicação interpessoal, as relações no *Tinder* passam a ser geridas por uma espécie de preenchimento de um currículo: “20 anos, estudante de medicina e mineiro”, “Graduando em Língua Portuguesa e Inglesa, Cantor Baixo de gênero Lírico; Ator amador...”

Idade, curso superior, profissão e diferentes habilidades são alguns dos campos possíveis de um currículo e que comparecem preenchidos nos perfis recortados. Quais sentidos de encontro amoroso são produzidos a partir do modo como o sujeito se apresenta em rede? Vivemos na época do capitalismo afetivo, em que os cálculos de custo-benefício também passam a se engancham no âmbito pessoal. É por um regime de visibilidade de um usuário ideal (este do bom currículo, erudito, bem relacionado) que se constrói a vinculação dos bens culturais e midiáticos às identidades no *Tinder*.

Partimos da compreensão de que o sujeito não é anterior em relação ao discurso. Está aí talvez a maior dificuldade dessa pesquisa: fazer coincidir discursos sobre o amor (que por sua própria natureza engendram sentidos diversos e até mesmo contraditórios) a um sujeito centrado. O sujeito do qual a análise de discurso se ocupa é contemporâneo ao sentido, por conta disso, não pode ser sua fonte. O sujeito não é o ponto de partida, ele é um efeito e um resultado do processo de interpelação do indivíduo em sujeito. A respeito dessa formulação Pêcheux (2009, p. 141), diz que “[...] evita cuidadosamente a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se efetuará a operação e interpelação” – daí não se dizer: “o sujeito é interpelado pela Ideologia”. “O discurso é o efeito de sentidos entre sujeitos interpelados pela ideologia [...]”. O sujeito não antecede a interpelação. Daí o esquecimento número 01 estar relacionado à origem do sentido a partir do sujeito. Não se trata do sujeito que engendra sentidos sobre o amor no *Tinder*, mas do surgimento contemporâneo dos dois (sujeito e sentido).

3. Palavras (quase) finais

Comprendemos, num efeito de fecho, que temos usuários que ao se apresentarem nesses apps de relacionamento, de diferentes modos, conforme observamos nos quatro blocos discursivos, passam a responder e atuar como se esse perfil fosse uma extensão sua, uma presença marcada por aquilo que constitui sua identidade. O sujeito, o usuário do *Tinder*, assim, emerge (acontece) do lado da contingência (histórica) e responde à necessidade do já escrito (dito) sobre o amor, colocando em evidência não a sua determinação, mas sua indeterminação. Há,

portanto, uma linha tênue (descontínua) entre o que o sujeito repete e o que ele interpreta. Mas o que se interpreta (dada à injunção à interpretação a que o sujeito está convocado) se apresenta como *surpresa*. Em outros termos, a interpretação de um encontro amoroso não é o que agrega ao que se repete um porquê ou um para quê (como em: *nós nos demos “match” por que... ou para que...*) que o tornaria desde o início inteligível, mas de fato o que introduz nessa repetição é uma dissonância que interpela o indivíduo em sujeito. Conforme a expressão de Pêcheux: “uma interpretação às avessas”.

E é nessa discordância entre o que se inscreve sobre o amor, ou entre o que se diz sobre o amor no *Tinder*, nos limiões da linguagem que supomos o sujeito, momento em que a palavra (ou o silêncio) encadeada no discurso (em sua estrutura) se vê atravessada pela astúcia de um além do que se diz que significa.

Referências

- ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J. L.; PÊCHEUX, M. ORLANDI, E. P. **Papel da Memória**. Tradução de José H. Nunes. Campinas – SP: Pontes, 1999.
- ALTHUSSER, Louis. **A corrente subterrânea do materialismo aleatório**. Tradução de Monca Zoppi-Fontana. Revista Crítica Marxista, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2001.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. A língua inatingível. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011 (pp. 93-105).
- JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In: _____. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1987.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Palavras de amor. **Cad. Ling.**, Campinas, (19): 75-95, jul./dez. 1990.
- _____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, [2007- 1997] 1995.
- _____. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas-SP: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do desconhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996 [1982].

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011 (pp. 107-119).

_____. Ideologia: aprisionamento ou campo paradoxal? In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011 [1982] (pp. 107-119).

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. (p. 55-64).

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação Em: Pêcheux, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Campinas: Ed. Unicamp, 1997 [1978].

_____. Lecture et Mémoire: Project de Recherche. In: L'inquiétude du discours. Paris, Ed. Cendres, 1981; 1990.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, [1990-2002-2008].

_____. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Cad. Est. Ling., Campinas, jul./dez. 1990.

Site:

<https://www.gotinder.com/>, Acesso 15 jul 2017.

Artigo recebido em: 22/02/2017

Artigo aprovado em: 26/06/2017

A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DA FIGURA FEMININA E SUAS INFLUÊNCIAS VITORIANAS¹

Raíssa Rodrigues de Carvalho*

Resumo:

O presente artigo tem o propósito de trazer reflexões a respeito da construção imaginária da figura feminina contemporânea e possíveis influências vitorianas de acordo com a “História da Sexualidade: a vontade de saber”, de Michel Foucault. O trabalho foi realizado a partir de recortes e análises de cenas do filme “Hysteria” levando em consideração a Análise de Discurso e a Psicanálise.

Palavras-chave: Discurso; Psicanálise; Feminino; Sexualidade; Imaginário.

Abstract:

The present article has the purpose of bringing reflections about the imaginary construction of the contemporaneous feminine figure and potential Victorian influences according to “The History of Sexuality: the will to knowledge”, by Michel Foucault. This work was accomplished from fragments and scenes analysis of the film “Hysteria” taking into consideration the Discourse Analysis and Psychoanalysis.

Keywords: Discourse; Psychoanalysis; Feminine; Sexuality; Imaginary.

Introdução

Nossa reflexão sobre a construção imaginária da figura feminina será realizada por meio da análise do filme “Hysteria”. Trata-se de uma comédia romântica britânica

¹ Artigo resultante da pesquisa de Iniciação Científica voluntária “Imaginários da sexualidade: a mulher e o feminino” realizada no âmbito do projeto “Imaginários da sexualidade: discurso e psicanálise”, sob orientação da Profa. Dra. Carolina P. Fedatto.

* Graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Sapucaí. Contato: raissacarvalho.psi@gmail.com.

lançada no Brasil em 9 de novembro de 2012. Dirigida por Tanya Wexler, a obra é ambientada na era vitoriana e baseada em fatos reais sobre a criação e popularização do vibrador enquanto instrumento utilizado no tratamento da chamada “histeria”, diagnóstico muito comum nas mulheres da época e cuja nomenclatura caiu em desuso por volta de 1952. No entanto, tal termo ainda é amplamente utilizado no senso comum para designar e classificar mulheres quanto aos seus comportamentos tidos como inadequados.

Na psicanálise, a histeria faz parte do quadro de estruturas psicopatológicas, caracterizando-se como uma condição “marcada por uma fixação do desenvolvimento psicosexual primitivo ao complexo de Édipo, com uma desvinculação incestuosa malsucedida com o genitor amado” (ÁVILA e TERRA, 2010, p. 337). Na vida adulta, esses fatores geram conflitos relacionados à esfera do impulso sexual e à personalidade, de forma que o impulso é continuamente reprimido e, então, a energia derivada dele é convertida em forma de um sintoma histérico (ÁVILA e TERRA, 2010). A Medicina, por sua vez, não costuma utilizar o termo “histeria” em seus diagnósticos devido à fragmentação das compreensões dessa condição e também pela estigmatização historicamente ligada a ele. As diversas edições do Manual Diagnóstico e Estatístico (DSM) trouxeram os “sintomas histéricos” sob variadas denominações ao longo do tempo. A segunda edição, por exemplo, descreve a histeria como um transtorno de personalidade e caracterizada entre as neuroses ou neuroses histéricas. A quarta edição do manual, entretanto, consolida a exclusão da nomenclatura e a substitui por novos termos nosográficos. Atualmente, a sintomatologia histérica é resguardada na medicina sob o rótulo de “somatização”. O transtorno de somatização está inserido entre os chamados transtornos somatoformes desde a terceira edição do DSM, e acredita-se que represente parte de atributos outrora ligados à histeria (ÁVILA e TERRA, 2010; BELINTANI, 2003).

O filme, que procura retratar em forma de comédia a realidade vivida pela população londrina em meados do século XIX, ilustra as concepções, implicações e tratamentos acerca da histeria (doença então exclusivamente feminina que, segundo os especialistas nele retratados, dominava grande parte da população de Londres) através da medicina tradicional vigente, o perfil das mulheres tidas como histéricas e os padrões sociais nos quais deviam se encaixar. Concomitantemente, a obra

apresenta a história da família do Dr. Dalrymple, um médico considerado especialista na “medicina da mulher” e seu novo ajudante, Dr. Mortimer Granville. Granville é um jovem médico que vai ao consultório à procura de emprego, depois de ter sido demitido ao pedir melhores condições a seus pacientes. Dalrymple, por sua vez, é um senhor viúvo que possui duas filhas: Emilly e Charlotte, sendo que Emilly dedica sua vida aos cuidados com o pai e a casa e é frenologista, já Charlotte se dedica ao serviço social, cuida de centros assistenciais e se dedica à luta em favor dos direitos das mulheres.

O objetivo da análise de tal obra é a busca pela compreensão da representação imaginária da figura feminina atualmente e possíveis influências vitorianas em sua construção social, visto que na era vitoriana é iniciado um processo de individuação por meio do qual a mulher se vê em uma posição social inferior à figura masculina, o que a leva a buscar outros modos de identificação (FOUCAULT, 1976; LOPES, 1986).

1. Fundamentação teórica

“História da Sexualidade: a vontade de saber” foi escrito por Michel Foucault e publicado na França em 1976. É a primeira de três obras do autor sobre a sexualidade na sociedade ocidental.

O livro aborda o que Foucault chama de “hipótese repressiva”. Nele, o autor expõe como a ascensão da burguesia vitoriana trouxe a tentativa do encarceramento e silenciamento sexual. A prática sexual torna-se uma propriedade dos cônjuges, limitada a seus quartos e com fins de procriação, somente. De acordo com Foucault, algumas dessas tradições vitorianas ainda perduram de certa forma na sociedade ocidental moderna, que permanece falando da sexualidade adotando um tom de voz abafado, utilizando-a como uma fita métrica para classificação e controle do indivíduo quanto ao seu caráter, sua saúde mental, comportamento e papel social.

No entanto, essa tentativa de conter e tornar muda a sexualidade, a fim de condená-la à inexistência ou desaparecimento, como ressalta o autor, é, na verdade, uma forma expressiva de discurso sobre ela, discurso este que é sempre dependente do contexto sócio-histórico e ideológico. Além de não extinguir o sexo e tudo aquilo que o cerca, essa relação entre o poder colocada pelo discurso da repressão, o saber e

o prazer que dele derivam, instigam ainda mais “a vontade de saber” daqueles que deveriam, de acordo com o decoro vigente, ignorá-lo.

O autor também destaca como a sexualidade tornou-se uma ferramenta de controle institucional, de forma que a prática sexual deveria ocorrer somente de acordo com as regras morais estabelecidas (aos cônjuges) e, também, fiscalizada. A forma de “fiscalização” utilizada era principalmente a confissão religiosa (único momento em que era permitido ao sexo tomar forma de discurso verbal) e, aquilo que não se encaixava nas “práticas normais pré-estabelecidas” era considerado um ato pecaminoso, perverso e/ou patológico - sempre relacionado à loucura, doenças, degenerescência e sofrimento - merecendo tratamento e sendo motivo de vergonha. Tais riscos justificavam, segundo a obra de Foucault, essa tentativa de controle através da histerização do corpo da mulher, da pedagogização do sexo da criança, da socialização das condutas de procriação e da psiquiatrização do prazer perverso (FOUCAULT, 1976).

No presente trabalho, foram observadas e analisadas as manifestações discursivas dos sujeitos e as condições de produção do discurso sobre a mulher no filme “Histeria”, a partir da Análise de Discurso, segundo a autora Eni Orlandi.

De acordo com Orlandi (2010), o discurso é uma produção sóciohistórica que constitui o sujeito e, ao mesmo tempo, é constituído por ele, visto que ambos estão inseridos em determinado contexto histórico, social e ideológico. A palavra discurso, como ressalta a autora, possui a ideia de curso, de movimento das palavras articuladas pelos sujeitos. Sendo assim, a Análise de Discurso (que possui embasamento teórico nas áreas de Linguística, Marxismo e Psicanálise) trata a linguagem como um espaço de significação para o sujeito num determinado contexto sóciohistórico e, por esse motivo, ela é entendida como “opaca”. Então, pode-se afirmar que a linguagem e o discurso não possuem a característica de transparência, já que esbarram na história e ideologia e, da mesma forma, são também interpretadas sob essa condição (ORLANDI, 2010). Buscando, assim, compreender essa opacidade da linguagem na construção imaginária da figura feminina no filme Histeria, apresentamos a seguir descrições e análises de recortes significativos do discurso vitoriano sobre a mulher.

2. Descrições e análises

As cenas selecionadas para a análise foram escolhidas a partir de diálogos e situações que expressam a significação da figura feminina com a chegada da era vitoriana, em meados do século XIX. A obra utilizada na presente pesquisa foi o filme “Histeria”, dirigido por Tanya Wexler e lançado no Brasil em 2012.

O filme, baseado em fatos reais, retrata a vivência dessa época por meio de diferentes personagens e histórias: a invenção do vibrador como instrumento terapêutico, a patologização da sexualidade feminina, a histerização do corpo da mulher, a condenação do pensamento liberal e social, a valorização elitista e a utilização da medicina.

Tais temas foram destacados partindo da inquietação sobre o imaginário acerca da figura da mulher na sociedade moderna ocidental, tendo em vista o pensamento foucaultiano sobre a influência da burguesia vitoriana atualmente. As questões políticas, históricas, religiosas e econômicas que envolvem a sexualidade, afetariam desde então a representação da mulher e seu papel social e sexual.

Analisamos, assim, o discurso de variados personagens sobre o papel feminino, suas restrições, características, como deveria ser e também sentimentos vivenciados por personagens nessa condição. São expressões advindas de diferentes posições, de personagens masculinos e também femininos.

As cenas foram, então, selecionadas e divididas em três grupos diferentes, sendo que cada um mostra uma posição/situação em relação ao papel social da mulher. Em primeiro lugar, analisamos o discurso da mulher sobre seus pensamentos e sentimentos a respeito de seus companheiros e desejos. A seguir, abordaremos os discursos masculinos sobre como as mulheres deveriam ser e o que as torna “suficientemente boas” para eles. Na sequência, trataremos da concepção feminina sobre mudanças que deveriam ocorrer e o papel que a mulher poderia buscar ter, além da igualdade no casamento.

No primeiro agrupamento, foram destacadas duas cenas que trazem falas de mulheres a respeito de como se sentem em relação ao parceiro e o que pensam sobre os possíveis sentimentos. Pode-se notar em ambas certa inquietação e surpresa acerca do que notaram ser capazes de sentir e como julgam que deveriam estar se

sentindo ou se portando. Na primeira cena, é exibida a imagem de uma mulher que confessa sentir vontade de matar o marido quando ele se aproxima dela durante a noite:

“Na verdade, não sei por que estou aqui, doutor. Claro que é difícil administrar uma casa grande sozinha... E criar quatro crianças exige bastante, mas são crianças lindas, maravilhosas. E meu marido é um bom homem, muito trabalhador. É só um problema... Às vezes, à noite, quando ele vem até mim, eu me imagino partindo a cabeça grande dele com um grande machado. [...]”

Esta mulher está sentada no consultório, de forma que só ela aparece na cena. Ao fundo, é possível ver um papel de parede esverdeado com símbolos brancos que lembram castiçais e flores. Pequenos quadros na parede exibem paisagens variadas e há luminárias em uma pequena mesa e também na parede. Ela veste roupas de cores escuras (acinzentado e preto) e fechadas até o pescoço, cabelos presos em um coque baixo acompanhados de um chapéu de tom mostarda e brincos pequenos. Demonstra muita insegurança e, antes de falar sobre o desejo que possui, olha agitada para os lados, com o semblante sério. Parece sentir culpa por pensar assim. Confessando-se dessa forma no ambiente terapêutico, aparenta estar pedindo ajuda para lidar com tais sentimentos mórbidos e ambivalentes. Essa ambiguidade se mostra na fala da personagem que traz expressões de dúvida – “não sei por que estou aqui” – e relações adversativas – “crianças lindas, mas exigem bastante” / “marido bom, mas sente vontade de matá-lo”.

A segunda cena deste grupo apresenta uma senhora de vestido cinza com uma espécie de “lapela” azul escura e, por baixo desta, uma blusa preta de gola alta cobrindo o pescoço. Usa chapéu preto e brincos pequenos. O cenário é o mesmo da cena descrita anteriormente (no consultório médico) e, também, somente ela aparece na filmagem. Ela sorri enquanto conta sua situação, parecendo achar graça e também surpresa ao notar e narrar aquilo que é capaz de sentir:

“[...] Um sentimento de... expectativa... desejo... [...] Por meu querido Ali estar morto há dois anos, eu achava que era velha demais para sentimentos assim, mas eles estão aqui! [...]”

Notamos a permanência dos sentimentos ambivalentes materializados por meio do uso de uma adversativa: “eu achava que não deveria sentir desejo, mas sinto”.

A segunda posição explorada em nossas análises é a de homens falando a respeito de como as mulheres são ou deveriam ser, aquilo que esperam delas e o que as torna “boas” o suficiente para eles. Na primeira cena que atende a esse critério, o médico especializado no tratamento da histeria (Dr. Dalrymple) abre uma porta, tornando possível ver sua filha Emilly sentada lendo. Trata-se de uma sala bem clara com paredes bege e um quadro pendurado. Há luminárias com adornos dourados na parede, um móvel de madeira sustentando um jarro branco e esverdeado e a estátua de um busto masculino. Os dois médicos (Dalrymple e o jovem Granville, agora também contratado para auxiliar no tratamento das pacientes) param na porta e, assim que Emilly se aproxima, Dalrymple segura sua mão pela ponta dos dedos enquanto a apresenta ao outro. Ela usa um vestido totalmente branco e tem os cabelos presos. Ao apresentá-la, Dalrymple fala sobre a filha:

“Emilly é o anjo da casa. Desde que minha querida esposa faleceu, ela administra tudo com perfeição!”

Neste recorte pode-se notar como a figura feminina foi associada à ideia de “casa”, lar e cuidados. O que antes era responsabilidade da mãe (outra mulher) foi passado agora à filha. O fato de administrar o âmbito familiar com perfeição é louvável para a mulher vitoriana e, seguindo o pensamento de Foucault de que alguns desses costumes ainda perduram, também para a mulher na sociedade contemporânea que, mesmo ganhando algum espaço no mercado de trabalho, geralmente é a principal responsável por este tipo de atividade, exercendo jornadas duplas de trabalho. Outro aspecto que pode ser observado é o de como o “anjo da casa”, a personagem Emilly, aparece vestida de branco, uma cor que remete à

limpeza, cuidado, pureza e à ideia de uma noiva ou casamento (relaciona-se, também, à própria figura angelical como descreve o pai, já que também costuma ser representada popularmente através de tal cor), enquanto as outras personagens (tanto papéis femininos quanto masculinos) geralmente estão vestidas com cores sóbrias e sérias, predominantemente de tons escuros como preto e acinzentado, remetendo à repressão, limitação, austeridade.

A próxima cena pertencente a este grupo traz o momento em que Granville chega em sua casa, que aparentemente divide com o colega eletricitista Edmund. Edmund está sentado em uma poltrona e Granville, ao começar a falar de Emilly, esganiça a voz e fala de forma rápida, parecendo feliz, empolgado e agitado, enquanto se senta de frente ao amigo. Os dois iniciam um diálogo:

- *Ela é magnífica, a personificação da virtude inglesa e... Feminilidade. Eu não tenho esperança. (Granville)*
- *Um médico bonito e jovem, o que mais uma mulher pode querer? (Edmund)*
- *Renda melhor? Igualdade social?*
- *Exagero. Umas risadas, um membro duro, é o que elas querem. (...) Bom, eu li isso numa revista.*

Este diálogo representa aquilo que, segundo os rapazes, tornaria uma mulher “magnífica”. Emilly, no caso, é assim classificada por corresponder aos padrões estabelecidos e idealizados pela sociedade vitoriana inglesa, uma “mulher de virtudes”. Nota-se que o conceito de “feminilidade” também está relacionado à valorização da figura feminina a partir do momento em que ela desempenha “corretamente” seu papel social, o que se espera dela. Torna-se possível relacionar este vestígio da sociedade vitoriana hoje na repercussão midiática da figura da atual primeira-dama Marcela Temer, construída como uma figura de comportamento discreto, vestuário e demais “virtudes vitorianas contemporâneas”.

Outro momento em que pode ser feito um recorte acerca do tema é quando a família (Dalrymple, Emily e Charlotte) está jantando sentada à mesa de sua casa juntamente com Granville. Nesta cena, Emilly usa novamente um vestido claro e

delicado, com detalhes e ombros à mostra, seu cabelo está preso em um coque e ela usa brincos pequenos, também claros. Charlotte usa o que parece ser uma camisa social de mangas longas também de cor clara, seus cabelos são presos e ela não usa joias, já ambos os homens vestem *smokings* pretos com camisa e gravata brancas. Há castiçais bem ornamentados sobre a mesa além do jantar. Charlotte e seu pai têm uma discussão:

- *Sua irmã está na idade de casar.*

- *Não estamos na Idade Média e ela pode se casar com quem ela quiser!*

- *Não! Não é apropriado!*

Nesta cena, é possível notar que o papel de Emilly como “anjo” permanece. A personagem é retratada a todo momento com vestidos bordados, delicados e brancos ou de cor muito clara. A figura masculina (além da maioria dos demais personagens) também persiste com as cores sóbrias e fechadas, sempre ilustrada com ternos, casacos ou *smokings*. Outra característica relevante é o fato de a personagem Charlotte não possuir brincos ou joias – o que aparece sempre nas demais mulheres do filme, além da diferença no vestuário, o que cria um contraste entre o que poderia ser considerado como traços de feminilidade comuns na época (ou a ausência deles) entre as personagens. Ao classificar o fato de Emilly “poder se casar com quem quiser” como inapropriado, Dalrymple traz a possível reflexão sobre a importância social então dada ao casamento e como ele devia ser “apropriado”, ou seja, de acordo com aquilo que é estabelecido e considerado certo. A união, casamento e condutas de procriação encaradas como um fato de domínio social.

A terceira posição discursiva selecionada para discussão é relacionada a situações que mostram concepções – consideradas mirabolantes por parte da sociedade vitoriana – de uma mulher (Charlotte) a respeito da figura feminina e questões abordadas sobre mudanças que considera necessárias para a mulher e seu papel social.

A primeira cena referente ao tema mostra o momento em que Granville inicialmente foi ao consultório do Dr. Dalrymple à procura de emprego. A sala de

espera do médico está cheia de mulheres adultas, sendo que todas usam chapéus e vestidos de tons neutros (predominantemente marrom e preto) - cores essas que também predominam nas paredes, móveis e decoração em geral do ambiente. Granville e Dalrymple novamente usam roupas sociais pretas e também há algumas plantas e luminárias de ornamentação dourada no local. Uma porta se abre enquanto Granville espera junto com as pacientes. Eis que Charlotte (novamente usando uma camisa social de mangas longas, desta vez com listras cinzas) e Dalrymple saem da sala discutindo fervorosamente:

- Talvez o senhor não saiba, mas está havendo uma revolução social! Não será mais negado às mulheres o que lhes é de direito! (Charlotte parece satisfeita ao falar de “revolução social”, exhibe uma expressão eufórica e esganiça a voz).

- Pode tentar nos manter na cozinha ou mesmo na sala, não vamos descansar até sermos bem-vindas às universidades, às profissões e às cadeiras de votação! (Charlotte continua parecendo ao mesmo tempo zangada e eufórica). [...]

- Aquela mulher estava...? (Granville)

- Histérica... (Dalrymple)

- ...Muito (Granville)

- Este é um caso bem difícil (Dalrymple)

Esta cena possibilita uma reflexão sobre o uso do termo histeria na época retratada e, também, o que isso implica no emprego atual de tal palavra no senso comum. Charlotte, aparentemente, é “diagnosticada” instantaneamente, a partir do momento em que se porta diferentemente da discrição que se esperaria de uma mulher vitoriana, já que ela se exalta e fala sobre seus interesses abertamente e em público. Seriam os critérios diagnósticos da histeria construídos de acordo com os interesses sociais vitorianos?

Com o próximo recorte, a personagem Charlotte questiona a histeria e também o papel feminino dentro de um casamento, ela e Granville estão conversando em um salão, no noivado entre Granville e Emilly:

*[...] – De acordo com seu diagnóstico, a histeria parece cobrir tudo, desde insônia até dor de dente. É só uma coisa genérica para mulheres insatisfeitas, mulheres forçadas a passar a vida em tarefas domésticas e com maridos egoístas que não querem ou são incapazes de fazer amor com elas, ou com frequência.
[...]*

Os dois, que andavam pelo salão, param ao falar sobre o assunto. Os dois ficam de frente um para o outro, sendo que ambos vestem roupas pretas – exceto a camisa, gravata borboleta e luvas do médico. Charlotte, em um vestido sem alças e com uma fina fita de cetim amarrada no pescoço terminando em um laço na nuca, também usa luvas compridas e brincos pequenos e brilhantes, seus cabelos presos em um coque. Os dois seguram taças nas mãos, bebendo enquanto conversam. Charlotte agita sua taça e a troca de mãos, enquanto Granville, sempre contido, mantém a taça mais baixa, próxima à região da barriga, além de não se mexer muito.

*[...] - Não vai se sentir só? (Granville questiona)
- Aceitaria um companheiro, em igualdade. Mas jamais uma vida de remendar meias e fazer serviços domésticos até minhas faculdades mentais virarem pudim.*

Ao falar um pouco da rotina da mulher burguesa vitoriana, Charlotte realça a patologização da figura feminina enquanto vivencia a sexualidade e emoções contrárias às que lhe são estabelecidas acerca desta e seu papel enquanto mulher. Como ressalta Dantas (2010), a mulher era vista como um ser incapaz do prazer sexual no século XIX, a sexualidade feminina era tida como um enigma - ou desvio da natureza para alguns estudiosos - e encarada como uma obrigação, um ato que as mulheres praticavam para a satisfação do marido. Alguns médicos, inclusive,

acreditavam que a prática sexual em si poderia afetar a saúde física e mental da mulher (DANTAS, 2010). A partir do momento em que essa vivência da sexualidade ou sentimentos acerca dela, do casamento e seus papéis divergiam do costume vitoriano, as mulheres eram consideradas então doentes, sendo diagnosticadas “genericamente”, como ressalta a personagem, e submetidas a tratamentos.

Charlotte também retoma a ideia da mulher no casamento como a cuidadora do lar, dos afazeres domésticos e do marido, lembrando a personagem da primeira cena discutida na presente pesquisa, que relata um pouco de seu cotidiano, cuidando de quatro filhos e de uma grande casa, além de confessar ter pensamentos mórbidos com relação ao marido quando ele a procura à noite (fazendo certa alusão à sexualidade do casal). O esgotamento e a insatisfação da personagem a levaram ao ambiente terapêutico, onde ela precisa reconhecer sua falha por não conseguir desempenhar o desejável papel de “anjo do lar”, pois é no consultório médico (ou em confissões religiosas) que estas mulheres deveriam buscar auxílio, assumindo então sua culpa, seu pecado, sua patologia, sua falha social, sua histeria.

3. Considerações finais

O “vitorianismo contemporâneo” perdura sob o movimento do discurso através da ideologia e cultura no decorrer da história, como lembra Orlandi (2010) em sua obra. Sua fluidez, como remete a palavra (dis)curso, trouxe consigo grande parte do contexto sóciohistórico e ideológico do século XIX, que classifica genericamente a mulher de acordo com a vivência de sua sexualidade e sua adequação (ou não) aos padrões sociais. Ainda, a sexualidade permanece como uma medida de caráter, comportamento e saúde mental do sujeito, principalmente quanto à figura feminina. Os “anjos da casa com idade para o casamento” de outrora, são divididos agora em mulheres que são ou não “para casar”, e que precisam agir de acordo com o que é “apropriado” para que consigam um bom marido, afinal, “o que mais uma mulher pode querer?”. Nota-se a atualidade dos ideais vitorianos em uma sociedade que exalta a imagem de uma mulher reduzindo-a somente a “bela, recatada e do lar” – e assim atinge o que, então, seria o ápice de sua vida: casar-se com um homem influente. A socialização das condutas de procriação também resiste quanto à

importância dada ao casamento e à maternidade como um instinto, característica inata à figura feminina e uma escolha de interesse social e público, não pessoal. Da mesma forma, a mulher atual que não se adequa socialmente é “aquela histérica que só sabe chorar” ou “aquela histérica que só briga com o namorado”. Finalmente, a generalização do termo histeria, além da categorização do comportamento feminino no senso comum, provocou o esvaziamento da compreensão clínica e teórica da categoria no discurso psiquiátrico e psicanalítico.

Referências

ÁVILA, Lazslo Antônio; TERRA, João Ricardo. Histeria e somatização: o que mudou?. **J. bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000400011>. Acesso em: 18 fev. 2017.

BELINTANI, Giovani. Histeria. **Psic.**, São Paulo, v. 4, n. 2, dezembro, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200008>. Acesso em: 18 fev. 2017.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, dezembro, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300005>. Acesso em: 18 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

LOPES, Christiane Maria. A Mulher na Era Vitoriana: um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy. 1986. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1986. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24338/D%20-%20LOPES;jsessionid=76CED97ECE63580F28EEC1A8DDC2686B?sequence=1>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.

Artigo recebido em: 23/02/2017

Artigo aprovado em: 24/05/2017

NAS TRILHAS DO DISCURSO: PESQUISAS E(M) MOVIMENTO(S)

Fernanda Lunkes*

1. Primeiras palavras

Discurso, percurso: cada um destes termos, a seu modo, é mobilizado e me mobiliza nas trilhas da vida e dos estudos da linguagem. No percurso acadêmico, o encontro com a perspectiva discursiva, tal como teorizada na figura de Michel Pêcheux, na França, e que tem no Brasil uma continuidade a partir dos estudos de Eni Orlandi, ocorreu praticamente na reta final da graduação. Este encontro fez retornar uma questão mobilizada anteriormente e em diferentes circunstâncias, pergunta esta que, caminhando em silêncio, encontra um porto e cujo impacto com o horizonte apontado pela Análise de Discurso não significa sentidos de chegada, mas, finalmente, a um ponto de partida. Um arrebatamento que em muito se relaciona ao fragmento do poema *Para além da curva da estrada*, de Alberto Caetano: “Se nós tivermos de chegar lá, quando lá chegarmos saberemos.”¹

Esse efeito de chegada funciona produzindo a evidência de um suposto final, enquanto o sujeito atua de maneira fluida em sua relação com os sentidos e desliza nas tramas do discurso. Assim, o (meu) encontro com a teoria discursiva possibilita perseguir as questões que não cessam. Movimentos subjetivos e discursivos que não deixam de produzir seus efeitos e suas demandas.

* Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia. Contato: flunkes@gmail.com.

¹ Texto completo disponível em: < <http://arquivopessoa.net/textos/2666> >.

Como empreender um gesto de leitura destes movimentos, das perguntas que moveram um trabalho de pesquisa? E, mais ainda, como empreender este gesto de um percurso próprio de trabalho? Colocando em relevo o plano pessoal, Mariani explica que

[...] tecido pelas necessárias ilusões de homogeneidade e estabilidade, é no ‘só-depois’ do tempo psicanalítico e ideológico que produzimos sentidos para acontecimentos imprevisíveis e descontínuos que, irrompendo, levaram-nos a atitudes, gestos e falas acontecidas e para acontecer. Não é possível organizar, prever e planejar tudo – muito do que ‘escolhemos’ resulta de injunções históricas e inconscientes as quais, às vezes, apenas no ‘só-depois’ conseguimos fazer a leitura. (MARIANI, 1998, p. 13).

Nesta passagem, Mariani aponta para a complexa relação do sujeito com as escolhas feitas ao longo de sua existência, para os (des)caminhos, para as ilusões de evidência que estão em jogo a cada tomada de decisão, para os imperativos históricos e inconscientes, nos quais não são desconsiderados os gestos de resistência.

Articulando este fragmento a uma trajetória acadêmica, este “só-depois” possibilita (entre)ver enquadramentos teórico-analíticos convergentes, perguntas que, a partir de diferentes formulações, mobilizam noções e conceitos que podem ser definidas como uma espécie de eixo temático. Com esta perspectiva é que este texto será construído, qual seja, na abordagem de alguns destes pontos nos quais se faz possível compreender convergências na trajetória acadêmica até aqui percorrida, sem pretender, contudo, esgotar tais pontos ou mesmo esses efeitos convergentes. Refiro-me aos processos de designação, processos de silenciamento e corpo discursivo. Considerando esta empreitada, retomo as pesquisas de mestrado e de doutorado a partir de aspectos teóricos e apresentando alguns gestos de análise².

2. Os processos de designação – e de silenciamento

Os processos de designação consistem em um funcionamento analisado em alguns dos quais tratarei neste trabalho. As designações podem apontar para alguns dos deslizamentos produzidos quando do comparecimento do diferente sobre depressão, assim como para as posições sujeito construídas no discurso, permitindo

² Não sendo uma retomada exaustiva das pesquisas até o momento desenvolvidas, disponibilizo link do currículo lattes para outras informações sobre esses e outros trabalhos: <http://lattes.cnpq.br/4507366472893400>

situar em alguma medida as filiações ideológicas do discurso jornalístico de *Veja*. Uma análise que leva em conta o processo discursivo, conforme explica Orlandi (2010, p. 17) tem em vista as “relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc. que funcionam entre elementos lingüísticos – significantes – em uma formação discursiva dada.”. Com esta perspectiva, o investimento analítico é depreender os movimentos no discurso a partir das designações e a produção de sentidos para os quais estes itens lexicais apontam.

A designação, para Guimarães (2005, p. 09), diferencia-se de nomeação e referência enquanto modo de funcionamento. A designação, de acordo com o autor, atua como significação “enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação lingüística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história”.

O autor apresenta os processos de designação de acordo com a semântica do acontecimento, em que lingüístico e histórico dão corpo aos processos designativos, tornando-os ideologicamente inscritos nas relações de forças de uma formação social. Conforme enuncia o autor em outra passagem, considerar que os “nomes identificam objetos” (*ibidem*), desta perspectiva, faz com que se produza a imagem de um nome que encarne o objeto e as imagens construídas sobre ele.

Indursky (2006) analisa em um de seus estudos os processos de designação sobre os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e afirma que toda “renomeação é da ordem do político” (*idem*, p. 124). A autora assinala que no “conjunto de itens lexicais” (*ibidem*) há embates e tensões sobre a imagem que se faz deste sujeito a cada outro processo de designação: designá-lo como “camponês”, “trabalhador sem terra” ou “posseiro” aponta para diferentes mobilizações imaginárias em jogo. Designá-lo de outra maneira pode apontar discursivamente para a construção de efeitos de sentidos do sujeito de direito bem como para o silenciamento destes efeitos. Diferentes posições-sujeito que se inscrevem no discurso da luta pela terra em distintas filiações: a designação “trabalhador sem terra” situa uma designação concernente ao sujeito de direito; “posseiro”, por sua vez, aponta para efeitos de sentidos de um sujeito que atua na contraidentificação com o discurso de legitimidade do Estado, produzindo efeitos de sentidos de invasão.

As pesquisas colocam em relevo o fato de que todo processo designativo é da ordem do político e que aponta para relações de poder em jogo – tanto daquele que é designado como daquele que designa.

Como estas relações funcionam no filme *Clube da Luta*? Para trazer alguns pontos da análise, apresento algumas das sequências discursivas recortadas:

SEQÜÊNCIA 1: Quando a exploração estelar se concretizar serão as corporações que darão nome a tudo: a esfera estelar **IBM**, a galáxia **Microsoft**, o planeta **Starbucks**.

SEQÜÊNCIA 2: Se eu visse qualquer coisa legal, como uma mesinha de café no formato de yin-yang, por exemplo, tinha de comprar. O conjunto de escritório **Klipsk**, a bicicleta ergométrica **Hovetrekke**, ou o sofá **Ohamshab** de listras verdes, ou até mesmo a cúpula de abajur **Ryslampa** de papel biodegradável. Eu folheava o catálogo e me perguntava: que tipo de porcelana me define como pessoa? Tinha de tudo, até mesmo os pratos de vidro com pequenas imperfeições, prova de que foram forjados por trabalhadores indígenas simples e honestos sei lá de onde.

SEQÜÊNCIA 3: Tinha tudo dentro daquela valise: minhas camisas **Calvin Klein**, meus sapatos **Donna Karan**, minhas gravatas **Armani Exchange**.

No filme *Clube da Luta*, o personagem Jack, interpretado por Edward Norton, mobiliza um processo regular de designação: a designação de grifes. Um funcionamento que coloca em cena o forte entrelaçamento do sujeito ao discurso de mercado, relação esta marcada pelo consumo. Um jogo discursivo no qual o sujeito é lançado ao consumo com vistas, também, a sentidos de felicidade.

O trabalho de Mariani e Magalhães (2011) se dedica a compreender alguns dos sentidos nos quais são tramados, no discurso, consumo e felicidade. As autoras apontam que, na contemporaneidade, a busca pela felicidade se instaura como lugar privilegiado relacionada à posse, que não é construída no discurso como algo limitado, construindo a imagem de um futuro em que o sujeito tudo poderá ter.

Articulando ao filme *Clube da Luta*, é possível depreender no discurso de Jack o comparecimento do pronome “tudo” na relação com a posse de objetos, especificados pela designação das grifes. O uso deste termo produz diferentes direções de sentidos: trata-se de um pronome indefinido, mas que no fio do discurso aponta para o consumo de determinadas marcas.

Mariani e Magalhaães destacam que o discurso capitalista lança mão do discurso do consumo como uma das maneiras para que o sujeito possa produzir sentidos de felicidade, tanto como resultado de um estado (se é feliz porque se tem “X”) bem como de ocasião (se está feliz porque naquele momento se faz ou se tem “X”). Diante da impossibilidade de consumo ou da distância que se coloca entre o ter e o tudo ter, o sujeito é novamente lançado aos sentidos de fracasso sustentado pelo imaginário de que a felicidade somente se faz possível pelo consumo.

No discurso de Jack, o jogo de poder com a posse de determinado objeto é marcado também pela designação, na ilusão do sujeito de se dizer quem é. O discurso fílmico coloca em questão um consumo que não se restringe mais àquelas grandes conquistas de posse do sujeito, como um imóvel, por exemplo. Qualquer objeto de consumo passa a comportar efeitos de sentidos de resgatar o sujeito da rotina desgastante, atuando como promessa de prazer e completude do sujeito. O sociólogo Maffesoli (2010, p. 20) afirma que tal objeto do cotidiano “preservando sua funcionalidade, é vestido, decorado, passando a significar o obscuro objeto de desejo de que todos os momentos da existência se inscrevam em um perpétuo domingo.”

Neste movimento de análise, há que se considerar ainda, conforme Orlandi (2002, p. 55), de que “como o sentido é sempre produzido de um lugar, a partir de uma posição do sujeito – ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos.”. A autora ainda frisa o político no processo de silenciar, no qual se faz “dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer outras.”. O processo de silenciamento no filme atua em relação ao intenso processo de designação das grifes: enquanto Jack, no fio do discurso, faz comparecer diferentes marcas de diversos objetos, seu nome, por outro lado, sofre processos de silenciamento. O nome Jack foi utilizado na pesquisa por uma questão metodológica. Em nenhum momento o personagem afirma aos outros ser Jack, apesar de adotar este nome para si em certo momento³. Quando Marla, após receber um cartão com o telefone dele diz que “Não tem seu nome. Quem é você? Cornelius? Rupert? Travis? Algum desses nomes idiotas que usa?”, fui tomada pelo desconforto da indeterminação, pela ausência do nome próprio.

³ O nome Jack foi inspirado em um artigo escrito em primeira pessoa por uma parte de um corpo humano, um órgão humano. Embora no filme não haja o reconhecimento pelas outras pessoas, ele mesmo se reconhece através de “partes” de Jack em alguns momentos. Como exemplo, cito algumas das formulações com este funcionamento: “Eu sou o canal biliar irado do Jack”, “Sou a falta de surpresa do Jack”, “Sou a vida desperdiçada do Jack”, “Sou o coração quebrado do Jack”.

Deste modo, por entre metáforas, designações de grifes e uso de nomes falsos, ele silencia o seu nome oficial. Se na formação social contemporânea produz-se a evidência de que é fundamental ter o nome reconhecido socialmente, o filme, ao silenciá-lo, permite um gesto de leitura de um sujeito intercambiável.

Passando à análise dos processos de designação empreendidos no discurso jornalístico de *Veja* sobre depressão, foram recortados termos que inscrevem a tensa relação entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2001) sobre depressão, aqueles que apontam para deslizamentos no discurso. São termos e expressões que designam a depressão a partir de adjetivações ou aqueles que, segundo gestos de leitura, produzem efeitos metafóricos a partir de matérias de *Veja* sobre depressão e/ou sobre antidepressivos, tranquilizantes e ansiolíticos.

Data da matéria	Seção	Designação
27/11/1968	Vida moderna	tensão
25/03/1970	Psiquiatria	fossa
25/03/1970	Psiquiatria	democrática fossa
25/03/1970	Psiquiatria	depressões
25/03/1970	Psiquiatria	fossa crônica
14/11/1979	Medicina	psicose maníaco-depressiva
14/11/1979	Medicina	desordens mentais sérias
14/11/1979	Medicina	depressão maníaca
14/11/1979	Medicina	distúrbios mentais mais suaves
14/11/1979	Medicina	ansiedades da vida diária
20/12/1989	Medicina	melancolia
20/12/1989	Medicina	stress
20/12/1989	Medicina	depressão química
20/12/1989	Medicina	depressão clínica
20/12/1989	Medicina	males da mente humana
17/06/1992	Medicina	depressão endógena
01/12/1993	Medicina	distúrbios clínicos
23/03/1994	Comportamento	mal
14/06/1995	Saúde	problemas mentais de crianças
14/06/1995	Saúde	tristeza
14/06/1995	Saúde	distúrbio
14/06/1995	Saúde	depressão infantil
14/06/1995	Saúde	manifestação depressiva
01/12/2004	Especial	transtornos da mente
06/07/2005	Guia	depressão infantil
10/08/2005	Saúde	depressão pós-parto
25/11/2009	Medicina	depressão moderada

25/11/2009	Medicina	depressão grave
25/11/2009	Medicina	depressão leve
25/11/2009	Medicina	depressão severa
10/02/2010	Saúde	depressão melancólica
10/02/2010	Saúde	depressão atípica
10/02/2010	Saúde	depressão ansiosa
10/02/2010	Saúde	depressão psicótica
10/02/2010	Saúde	depressão sazonal
10/02/2010	Saúde	depressão muito grave

Tabela 1

Fonte: A autora

Pode-se depreender que entre designações que especificam a depressão, há processos que produzem efeitos de sentido são mais amplos, produzindo deslocamentos.

Neste movimento discursivo foram incluídos termos como ‘tensão’, ‘fossa’ e ‘mal’, que designam a depressão. Compreendo que tais termos deslocam os sentidos de doença e produzem efeitos ligados a um sentimento, a um momento marcado pela passagem e que é, inclusive, democrático (‘democrática fossa’). Eles comparecem com maior regularidade antes do surgimento do Prozac, mas mesmo antes do medicamento já se tem a designação ‘fossa’, cuja explicação da *Veja* (25/03/1970), que designa depressão de modo informal – tratava-se de uma gíria nos anos 70. ‘Depressão’, segundo a revista, é o nome científico da ‘fossa’. Esse termo concorre para a construção de efeitos de sentidos de um mal-estar passageiro, mas quando unido no fio do discurso a outro termo, ‘crônica’, produz efeitos de sentidos de um problema que vai além de um momento determinado, como construído nas designações ‘tensão’ e ‘mal’. O termo ‘crônica’ coloca em cena este elemento que pontua uma doença que continua e cujos sentidos são de tratamento, mas não de cura. A designação ‘fossa’, no entanto, unida ao termo ‘crônica’ não aponta para uma produção discursiva cristalizada dos efeitos de sentidos de doença.

A partir dos anos 2000, estes processos de designação (‘stress’, ‘fossa’, ‘tristeza’), que não necessariamente se filiam a depressão grave, mas que indicam, ainda assim, um problema (de ordem psíquica), passam a sofrer processos de silenciamento. A designação ‘depressão’ começa a comparecer com mais regularidade e, em grande medida, passa a ser uma designação hegemônica.

Nas designações nas quais o termo ‘depressão’ comparece, entretanto, há um outro processo em jogo, o de adjetivação. Tal processo de textualização no discurso de

Veja produz sobre estas designações um efeito de cientificidade e concorrem para efeitos de sentido que consistem em um fechamento no processo de identificação do sujeito deprimido, possível por meio de uma singularização. Não se é somente “um deprimido”, mas um “deprimido *maníaco*”, um “deprimido *sazonal*”, um “deprimido *leve*”, cujo deslizamento se produz pelos efeitos de sentidos das adjetivações. Os processos de adjetivações produzem efeitos de sentidos de inúmeras depressões, que podem ser compartilhadas, passando a ter diferentes níveis e particularidades e a constituir a depressão em contornos diversos.

Os processos de adjetivação construídos no discurso jornalístico de *Veja* atribuem à depressão um caráter pormenorizado, o que, se por um lado, aponta para a complexidade do sintoma, por outro lado, trata-se de uma construção discursiva que produz movimentos nas filiações ideológicas: a materialidade linguística, ao ser marcada por diferentes processos de adjetivação, como ‘depressão moderada’, ‘depressão grave’, ‘depressão severa’, ‘depressão melancólica’, ‘depressão ansiosa’, produz um movimento de sentidos de sujeitos na possibilidade de inscrição como sujeitos deprimidos – ou clientes, considerando agora outro processo, mas que não será neste texto analisado: o da designação do sujeito.

3. O corpo discursivo

Para refletir sobre esta materialidade significante, retomo Pêcheux ([1969] 1997), que desde seus primeiros trabalhos demonstra interesse pelas manifestações do corpo enquanto atos políticos do sujeito do discurso. Tais “signos não linguísticos” o autor designa como “gestos (atos do nível simbólico)” (*idem*, p. 78), aquilo que implicava o sujeito no/do discurso e que o filiava a uma formação discursiva. Como exemplo, cita “os aplausos, o riso, o tumulto, os assobios, os ‘movimentos diversos’, que tornam possíveis as intervenções indiretas do auditório sobre o orador” (*ibidem*). Pêcheux aponta que naquele momento não daria respostas à questão, mas esse era um aspecto que o interessava e que retornou em alguns momentos.

Uma retomada em torno do corpo acontece no trabalho *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, em que Pêcheux aponta o “ponto de realização impossível do assujeitamento ‘perfeito’” (PÊCHEUX,

[1975] 2009, itálicos do original). Neste texto, Pêcheux (*ibidem*, p. 278) afirma ser o corpo uma materialidade de inscrição de regularidade e de resistência frente às práticas discursivas. O ritual fabril de um trabalho em série é posto à prova por esta materialidade em seus gestos supostamente mais banais: “acontecimentos, mesmo minúsculos”, que desmontam a máquina lógica do trabalho, e vigilância silenciosa dos cartões-ponto, a eficiência dos sistemas de produção em série. De um corpo-organismo que em seu “desajeito”, no “deslocamento supérfluo”, na “aceleração súbita”, coloca em questão um corpo outro, relacionado a um sujeito histórico-ideológico, bem como a um sujeito do inconsciente, e que inscreve o corpo em tais domínios de resistência frente às práticas de trabalho e seus rituais reguladores. Um corpo que aparentemente imóvel fala sobre si e desmonta, em um pequeno ato, um sistema ameaçador em sua estrutura, cujas regras aparentemente são frias e calculadas para a perfeição. No suposto “erro” do corpo, em “um gesto mais rápido”, no “braço que pende inoportunamente”, naquele “passo mais lento”, nos “sopro[s] de irregularidade”, irrompe um sujeito em seus gestos de resistência possíveis. Mesmo no trabalho em série de uma fábrica, cujo efeito é o da repetição mecânica, a resistência comparece, é mobilizada nos gestos do corpo, em ações que se não colocam esse trabalho em série em total ameaça, inscrevem o sujeito na discursividade da denúncia, em uma posição outra que a do operário.

O corpo também é tema de reflexão no trabalho de Orlandi (2001, p. 205) ⁴, que o define como “lugar material em que acontece a significação”. O corpo enquanto lugar simbólico e o sujeito se significando nele. Orlandi (*ibidem*, p. 209) destaca a não oposição entre corpo e linguagem, sendo que ambos produzem seus efeitos de sentido, seus deslocamentos e repetições. Um corpo que está “investido de sentidos” e que se “constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais” (*ibidem*, p. 10).

A partir da análise do corpo tatuado, do uso do *piercing* e de outras formas de registro no “corpo textual”, a autora aponta para um corpo investido dos processos de produção de sentidos relacionados a uma dada época e corresponderá (ou não) às práticas discursivas vigentes. Tatuado o corpo, pintá-lo, furá-lo: inscrições que podem ou não filiar o sujeito às práticas discursivas hegemônicas de uma determinada

⁴ Refiro-me ao texto *Retomando a Palavra: Um Corpo Textual?*

época. Vale destacar a passagem na qual a autora aborda o corpo como materialidade “que se simboliza configurando uma posição sujeito constituída por novas formas de subjetivação”, pois permite compreendê-la enquanto inscrita historicamente e que se constitui a partir das práticas discursivas, de identificação ou resistência.

O debate em torno da materialidade do corpo e de seu estatuto analítico comparece no trabalho de Ferreira (2011). A autora propõe considerar o corpo enquanto “materialidade significativa” (*idem*, p. 174), designação produtiva à medida que acolhe suportes outros que serão representantes dos discursos, já que uma materialidade que se filie somente à linguística não tornaria possível a inclusão do corpo, por exemplo, enquanto objeto de estudo. A autora define a materialidade do corpo como um “lugar de observatório”, permitindo, deste modo, a “visualização do sujeito e da cultura que o constitui”, o que não significa um efeito de totalidade nesse gesto de leitura de olhar o corpo. Nesse “corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro”, permanece o “inapreensível” (*ibidem*, p.177).

Ferreira explica que sua pesquisa abarca a noção de corpo como “corpo discursivo”, ou seja, “não empírico, não biológico, não orgânico. O corpo discursivo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito. Esse corpo que fala seria também o corpo que falta [...]” (*ibidem*, p. 180). Ao adotar a perspectiva de corpo discursivo, compreende-se que as práticas de subjetivação o afetam em sua constituição e são descartadas quaisquer relações teóricas e analíticas com um corpo biológico.

Ao se abordar sujeito, minhas pesquisas têm considerado também os pressupostos do campo psicanalítico. Articulando as noções de sujeito, corpo e práticas discursivas à Psicanálise, é possível considerar a posição assumida por Kehl (2009, p. 122), para quem “A experiência humana do corpo – suas demandas, seus ritmos e suas urgências, a maior ou menor tolerância ao prazer e ao desprazer – varia de uma cultura para outra, de uma época histórica para outra.”.

O fragmento de Kehl permite considerar os processos de subjetivação enquanto práticas discursivas com implicações nos contornos do corpo. O termo “contornos” aponta para as relações de força dos processos de subjetivação e controle social. Sobre o controle social, pode-se vislumbrar traços corporais e gestos como vestígios de denúncia do sujeito a partir do próprio corpo, uma espécie de denúncia

de si, no funcionamento do um a um, podendo (ou não) se inscrever no imaginário cristalizado de um corpo aceitável socialmente.

Este percurso dá condições para compreender os sentidos produzidos sobre o corpo do sujeito inscrito em um quadro depressivo. Apontar para a historicidade, que, de acordo com Mariani (1998), compõe a discursividade, esta última sendo estatuto de “produção simbólica ininterrupta que na linguagem organiza sentidos para as relações de poder presentes em uma formação social, produção esta sempre afetada pela memória do dizer e sempre sujeita à possibilidade de rupturas no dizer” (*ibidem*, p. 24). Processo que, consoante Mariani, constitui a materialidade linguística.

A pesquisa permitiu compreender os diferentes investimentos de sentidos implicados nos processos de subjetivação do corpo ao longo da história. A afirmação de Kehl (*ibidem*) destaca um batimento da história que se faz marcar no corpo, que se coloca enquanto marca no e do sujeito. Com a tomada de posição do corpo como “lugar de observatório” (FERREIRA, 2011), faz-se possível vislumbrar os diferentes traços e movimentos do corpo discursivo em diferentes relações de poder ao longo das épocas.

Para colocar em questão os sentidos produzidos sobre o corpo do sujeito deprimido, a lentidão corporal foi posta em relação. Isto porque, se na contemporaneidade trata-se de uma das marcas que pode inscrever o sujeito em uma posição sujeito deprimido, sendo negativizada e inscrevendo o sujeito em um lugar socialmente desprivilegiado para além de um quadro depressivo, a lentidão, em outras formações sociais produzia outros sentidos, conforme aponta o trabalho de Haroche (1998).

O estudo de Haroche⁵ volta-se à análise do corpo a partir dos gestos, das posturas e do caminhar dos reis do Estado monárquico no século XVI. A autora demonstra que o modo de andar produzia efeitos de sentidos de controle sobre as emoções. Quanto mais lento o movimento, maior o efeito de controle, daí um movimento do corpo do(s) rei(s), neste exercício de efeito de poder, que beirava à imobilidade. O corpo, que inscreve o sujeito na posição rei, inscreve em sua lentidão um efeito de poder e saber que procura “significar, comunicar, ‘fazer’; procura, na

⁵ Texto *Poderes emocionais do caminhar real: os usos políticos da lentidão*, da obra *Da palavra ao gesto*.

realidade, impressionar, impor respeito, manter o respeito dos súditos.” (*ibidem*, p. 115). A lentidão, traço silenciado nos nos *institutions* e nos cerimoniais, produz sobre a figura do rei um efeito de controle, controle que nas palavras de Haroche “traduz-se, precisamente, pela impassibilidade do rosto, pela imobilidade do corpo e pela lentidão do gesto, do movimento, do caminhar.” (*ibidem*).

O capitalismo produz um deslocamento dos sentidos sobre a lentidão. Se houve um momento em que a lentidão produzia um efeito de evidência de poder, na contemporaneidade há um efeito oposto: de não poder e não saber. A lentidão relaciona-se ao efeito de uma perda de controle, uma perda de satisfação. Em síntese, a lentidão passa a apontar para uma falta, socialmente segregada, e que passa a ter como referente um sujeito que escapa aos sentidos de poder, por isso, trata-se de uma falta que tem sentidos negativizados no imaginário social. Assim, ao modo lento de andar atribui-se um efeito de falta de vontade, cujos sentidos deslizam para a preguiça. A partir do trabalho de Pêcheux ([1979] 2012, p. 80) é possível compreender um efeito da via capitalista “americana”, cuja prática discursiva atribui ao sujeito a produção de evidência do “produtor independente”, de modo a tornar-se “ele próprio progressivamente comerciante e capitalista” (*ibidem*).

Nesta forma-sujeito capitalista, todo sucesso ou fracasso em qualquer empreitada torna-se responsabilidade do próprio sujeito, sendo ele causa e efeito de suas “escolhas” individuais – supostamente livres, mas que podem implicar sanções disciplinares dependendo de quais sejam as escolhas eleitas na produção de efeitos de evidência de liberdade. Assim, filiar-se aos sentidos de preguiça é escapar de uma outra produção de evidências, a de um sujeito produtivo e eficiente, o que pode ter como consequência a segregação diante das práticas discursivas de mercado, que toma como sustentação uma memória discursiva de eficiência e produtividade que estão diretamente relacionados à rapidez das e nas ações: *Time is money*: esse enunciado sustenta uma imagem que tem permitido na contemporaneidade investir o sujeito de sentidos a partir de uma relação automática com o tempo cronológico no qual se pauta o sistema capitalista, em que qualquer tomada de decisão que não esteja direcionada unicamente para o lucro seja considerada desde sempre um prejuízo. Em contrapartida, nunca são problematizados os investimentos vazios – em termos subjetivos – e que resultam em um retorno financeiro. Na mesma direção de

efeitos de sentidos de obriedade, tais investimentos, considerados lucrativos, são tomados como um engrandecimento do sujeito, ainda que se limite a termos econômicos.

Por conseguinte, a materialidade significativa do corpo em relação à lentidão já não produz os mesmos efeitos de sentidos em relação aos movimentos lentos do rei. No espaço de guerra, por exemplo, no início do século XX, os soldados franceses eram treinados com muito peso de maneira a conseguirem suportar e responder agilmente às ações de guerra. Deslizamentos sobre os sentidos de um corpo socialmente necessário que se desloca entre os espaços (do da guerra para o espaço urbano) face à exigência de “soldados” (metáfora aqui utilizada para fazer menção ao papel do operário, do empregado, que precisa atuar e, pode-se dizer, lutar, pelo sucesso da empresa na qual trabalha) que suportem o fardo do/no trabalho com agilidade (AUDIN-ROUZEU, 2008).

Pode-se verificar que na contemporaneidade o imaginário construído sobre a lentidão aponta para um sujeito que perdeu o controle sobre seu corpo, deixando comparecer um mal-estar que deveria estar silenciado. A inscrição desses afetos indesejados no corpo pode produzir efeitos de desvalorização sobre esse sujeito “desajustado”, que não atua de maneira eficiente na posição trabalhador diante das práticas discursivas vigentes, que silenciam aquelas em descordo com as relacionadas ao discurso de mercado e ao imaginário de sucesso construído.

Relacionando os trabalhos de Pêcheux ([1975] 2009), Orlandi (2001) e Ferreira (2011), é possível compreender que o corpo é uma materialidade significativa na qual estão investidas as tensões de uma dada formação social entre, de um lado, à filiação às práticas discursivas vigentes e, de outro, à resistência a tais práticas. Nesta articulação teórica com nossa pesquisa, é possível compreender que está em jogo o que é da ordem constitutiva do sujeito – tristeza, desânimo, dor física e emocional – com o que se relaciona às práticas discursivas relacionadas ao discurso de mercado. Desse embate discursivo resultam práticas discursivas, vigentes na contemporaneidade, que têm em suas produções de efeito o controle prioritário do sujeito sobre o corpo discursivo. O imaginário do corpo produtivo, pela via do capitalismo (PÊCHEUX, [1979] 2012), produz o efeito de evidência de controle, de poder e saber, construído a partir de gestos precisos e ágeis. Sentidos que apontam

para efeitos de um suposto sujeito de saber, para o efeito de um corpo *prêt-à-porter* para o mercado de trabalho. Gestos que produzem efeitos de uma certeza de um sujeito que não erra, implacável e eficiente.

Nos efeitos de contraidentificação aos sentidos de um sujeito implacável e eficiente, pode-se considerar então aquele sujeito na qual a materialidade do corpo se inscreva em outra discursividade, já que o corpo atua enquanto materialidade que comporta estes “domínios” de saber sobre o estado mental de um sujeito.

Como exemplo, apresento um dos resultados a partir da busca no arquivo virtual de *Veja* para o termo ‘depressão’. Trata-se de uma matéria de 1968 sobre os problemas políticos e econômicos entre a URSS e a Tchecoslováquia – hoje, República Tcheca. A matéria se dedica especialmente a Alexander Dubcek, que assumiu o comando da Tchecoslováquia em 1968 e que vinha se destacando em seu país durante o que se chamou de “Primavera de Praga”. A partir de um dos subtítulos da matéria, intitulado “Acessos de depressão”, foi recortada a seguinte sequência discursiva:

SD4: A maneira exata como Alexander Dubcek foi capaz, no curto espaço de 8 meses, de **transformar-se no ídolo do seu povo, é ainda algo de misterioso** – do mesmo modo que sua habilidade em suportar as constantes tentativas de Moscou para quebrar-lhe a moral. **Seu aspecto físico, por exemplo, não explica sua performance: os olhos de Dubcek estão permanentemente inchados, seu cabelo grisalho-louro está diminuindo, sua tez adquiriu a textura de um pergaminho, e profundas rugas se abrem nos cantos de seus olhos.** Algumas vezes sua voz é tão apagada, que parece provir de algum ventríloquo. **Ele não é bem informado, nem politicamente tão sagaz, como muitos dos homens que o rodeiam. E falta-lhe, totalmente, a fria impassibilidade dos burocratas comunistas tradicionais. Ele é sujeito a acessos de depressão, chora com facilidade [...]**. (*Veja*, 16/10/1968, negritos meus).

A matéria produz sobre o corpo contornos com pontuações específicas: olhos, cabelo, tez, voz. A cada uma destas marcas do corpo, são acrescentados elementos que descrevem Dubcek com precisão: olhos ‘inchados’, ‘rugos se abrem nos cantos de seus olhos’, cabelo grisalho-louro ‘diminuindo’, tez com ‘textura de um pergaminho’, voz ‘apagada’. Tais termos e expressões negativizam esse sujeito e vêm apontar para o que há de “misterioso”, segundo a revista: a performance de Dubcek e seu forte apelo popular. O corpo discursivo, nesta produção de sentidos, funciona como uma espécie

de máquina lógica que vem comprovar alguma outra questão do sujeito, como suas ações, produzindo uma “equação linguística” (MARIANI, 1998) que funciona como: corpo disposto= sujeito eficiente/ações eficientes; corpo cansado= sujeito cansado/improdutivo/incapaz.

No fragmento, o corpo comparece como ilustração lógica de algo que falha: sinais de que algo está errado em outro lugar, construindo uma oposição entre interior/exterior do corpo discursivo do sujeito; marcas corporais que comparecem como inexplicáveis e, pode-se até mesmo dizer, imperdoáveis para o sucesso junto a uma nação – “Seu aspecto físico, por exemplo, não explica sua performance”. Na descrição do corpo, o uso de verbos produzem sentidos negativados ao mesmo tempo em que pontua na materialidade do corpo o fracasso subjetivo de Dubcek, que culmina em “acessos de depressão”, evidências de sua inaptidão às funções políticas. A sequência discursiva permite compreender a segregação do sujeito deprimido no discurso midiático. Trata-se de um sujeito que não deveria comparecer como figura notória; caso isto aconteça, esta surpresa comparece em alguns “vestígios” de sua textualização (MARIANI, 1998) tal como no discurso de *Veja*: “é ainda algo de misterioso”.

A importância política de Dubcek no contexto político e econômico de Praga em 1968 também pode ser apreendida em *A insustentável leveza do ser*, de Milan Kundera (1984). Nesta obra, o narrador cita Dubcek, bem como retoma esta rede de memória sobre a materialidade do corpo:

[...] a euforia geral se manifestara apenas durante os sete primeiros dias da ocupação. Os dirigentes tchecos haviam sido levados pelo exército russo como criminosos, ninguém sabia onde estavam, todos temiam por suas vidas, e o ódio pelos russos embriagava como uma bebida alcoólica. Era a festa inebriante do ódio. As cidades da Boêmia estavam cobertas de milhares de cartazes pintados à mão, mostrando com destaque inscrições sarcásticas, epigramas, poemas e caricaturas de Brejnev e de seu exército, de que todos zombavam como se fossem um bando de palhaços analfabetos. Mas nenhuma festa pode durar eternamente. Enquanto isso, os russos haviam forçado os representados do povo tcheco, que tinham sido seqüestrados, a assinar um acordo com Moscou. **Dubcek voltou a Praga com o acordo e leu seu discurso pelo rádio. Seis dias de prisão o haviam debilitado a tal ponto que mal podia falar, gaguejava, tomava fôlego, parando no meio das frases com pausas intermináveis que duravam até meio minuto.**

O acordo salvara o país do pior: das execuções e das deportações em massa para a Sibéria que todos temiam. Mas uma coisa ficou clara em seguida: a Boêmia seria forçada a se curvar diante do conquistador. **Ela iria eternamente gaguejar, vacilar, tomar fôlego como Alexandre Dubcek.** A festa terminara. Entrava-se na banalidade da humilhação. (KUNDERA, 1984, p. 25-26, negritos meus).

O fragmento de Kundera, colocado em relação ao discurso jornalístico de *Veja*, aponta para a significação polissêmica do corpo, considerando os efeitos de sentidos que são produzidos sobre Dubcek. No discurso jornalístico, produção de sentidos negativizados em torno da confiabilidade da representação política de Dubcek frente ao seu forte apelo popular, cuja prova pode ser posta na relação com o corpo, pois rompe com o imaginário de força e sucesso. Em Kundera, o corpo vacilante mostra o estilhaçamento subjetivo, marcado no corpo, diante da prisão e da tortura e da consequente rendição ao adversário político, ocorrido diante do acordo com a Rússia.

O corpo não deixa de inscrever as (tensas) relações de força, os processos de subjetivação que inscrevem tal materialidade e filiam o sujeito a diferentes lugares sociais. O quadro depressivo permite, deste modo, entrever alguns dos processos pelos quais o corpo discursivo produz inscrições e classificações em seus efeitos prontos de evidência.

4. Últimas palavras

O objetivo do presente texto foi apresentar caminhos percorridos em determinadas pesquisas, situando alguns gestos de análise e dispositivos mobilizados ao longo dessa trajetória. Pela complexidade da tarefa, ou pela impossibilidade que parece me parece estar colocada, empreendi um gesto de enquadramento, me debruçando sobre os processos de designação e o corpo discursivo. Recortes que embora não coloquem em pauta todo um percurso, continuam ressoando, produzindo implicações, mesmo em pesquisas recentes. Percursos e(m) movimento(s). Conforme aponta Orlandi (2001, o analista do discurso trabalha

[...] tateando os pontos em que os sentidos se estabelecem em suas condições significando apenas algumas coisas, deixando no entanto,

na possibilidade das muitas versões, das múltiplas formulações possíveis, os sentidos em suspenso, em suas possibilidades. Que estão tão presentes quanto o que realmente se diz. (ORLANDI, 2001, p. 213)

Com este não fechamento de sentidos coloca-se em cena o movimento ou, em outras palavras, e ainda citando Orlandi (*ibidem*), as margens nas quais “nos movemos nos processos de significação.”.

Referências

- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: O corpo e a guerra. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: As mutações do olhar – o século XX**. Trad. e rev. Ephraim Ferreira Alves. V. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 365-416.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Discurso, arquivo e corpo. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise; DELA SILVA, Silmara (orgs.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 174-183.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Trad. Ana Montoia e Jacy Seixas. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- INDURSKY, Freda. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, Bethania (org.). **A escrita e os escritos: reflexões em Análise do Discurso e Psicanálise**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 121-132.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- LUNKES, Fernanda Luzia. **O sujeito e o corpo: construções heterogêneas no filme Clube da Luta**. São Paulo: Annablume, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **Apocalipse: Opinião pública e opinião publicada**. Trad. Andrei Netto e Antoine Bollinger. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MARIANI, Bethania; MAGALHÃES, Belmira. “Eu quero ser feliz”: O sujeito, seus desejos e a ideologia. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA,

Maria Cristina Leandro (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011b, p. 125-141.

_____. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso. In: _____; LAGAZZY, Suzy. (orgs.). **Discurso e Textualidade**: Introdução às ciências de linguagem. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010, p. 11-32.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. [1979]. Foi “propaganda” mesmo que você disse?. Trad. Eni Orlandi. In: ORLANDI, Eni (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012, p.73-92.

_____. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Trad. Eni Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a, p. 61-161.

_____; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b, p. 163-252.